
Escavações arqueológicas no castelo de Penamacor/Cimo da Vila: resultados da primeira campanha (2003)

SILVINA SILVÉRIO*
LUÍS DE BARROS**
ANDRÉ TEIXEIRA*

R E S U M O

Em Setembro de 2003 decorreu a primeira campanha de escavações arqueológicas no núcleo medieval da vila de Penamacor, o denominado Cimo de Vila ou castelo de Penamacor. Esta acção integra-se num projecto apresentado no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos, que visa valorizar os vestígios arqueológicos ali existentes, bem como minimizar impactes negativos sobre este património, resultantes de obras públicas projectadas. A campanha incidiu por hora apenas no Largo do Castelo, ou seja, no espaço onde se erguia a alcáçova medieval de Penamacor, projectando-se para o futuro intervenções noutros sectores. Apesar de os resultados terem sido relativamente modestos, pela perturbação dos níveis estratigráficos e ausência quase completa de estruturas relativas àquele período, recolheu-se algum espólio cerâmico e metálico significativo, bem como numismas. Este artigo reúne os primeiros dados obtidos naquelas escavações, as quais confirmaram ocupações medieval e moderna (séculos XIII-XVII) e revelaram possível ocupação calcolítica no local.

A B S T R A C T

In September 2003 took place the first archaeological fieldwork in the medieval centre of Penamacor, the so-called Cimo da Vila or castle. These proceedings follow a project presented to Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos, whose purpose is to recover the remaining archaeological evidences, and preventing all negative impacts over the monuments, caused by public interventions yet to be executed. The place chosen is near the medieval castle where we will continue to work, but other nearby locations are going to be excavated also. In spite of the few results of this first intervention, in which we had poor archaeological levels and almost inexistent structures concerning medieval occupation, we recovered some important ceramic and metallic artefacts as well as several coins, which allowed us to locate both medieval and modern occupation (13th - 17th centuries) and also to identify some prehistoric artefacts.

1. Introdução

O artigo que agora se apresenta diz respeito aos resultados preliminares da primeira campanha de escavações arqueológicas realizada no castelo de Penamacor, Monumento Nacional (Disp. 1 Agosto de 1973) localizado na freguesia e concelho de Penamacor (Fig. 1), que decorreu entre 3 de Setembro e 1 de Outubro de 2003. Os trabalhos integram-se no Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos (PNTA), no âmbito do projecto global *Valorização Arqueológica do Castelo de Penamacor/Cimo da Vila*, que prevê intervenções de escavação e limpeza em vários pontos deste espaço, nomeadamente aqueles para onde a autarquia prevê arranjos urbanísticos. É, aliás, à Câmara Municipal que se deve a concretização desta acção, uma vez que a financiou totalmente e lhe deu todo o apoio logístico possível, vencendo as dificuldades inerentes ao seu carácter pioneiro neste município¹.

O castelo de Penamacor implanta-se sobre um cabeço alongado no sentido Este-Oeste, relativamente aplanado, com 600 m de altitude máxima, situado entre as ribeiras de Ceife e Taliscas, sub-afluentes do Tejo através do rio Pônsul. A elevação domina o território circundante, sobretudo para Sul, onde despontam como marcos na paisagem o castelo de Monsanto (a 15 km) e a Serra da Gardunha, na base da qual se implanta o castelo de Castelo Novo (a 29 km); para Norte a visibilidade está limitada pelas Serras da Malcata e de Santa Marta.

Embora denominado genericamente por castelo, este espaço corresponde na verdade ao perímetro medieval da vila de Penamacor, incluindo portanto a parte habitacional e a alcáçova. Dela pervivem escassos vestígios, dadas as inúmeras destruições a que esteve sujeita, constituindo facto particularmente danoso a presença duradoura de uma unidade militar no local; a alcáçova era ainda bem visível numa planta seiscentista da vila², parecendo no entanto que foi gravemente afectada pela explosão do paiol de munições, de 6 de Junho de 1739, motivada por raio eléctrico (Landeiro, 1995, p. 30).

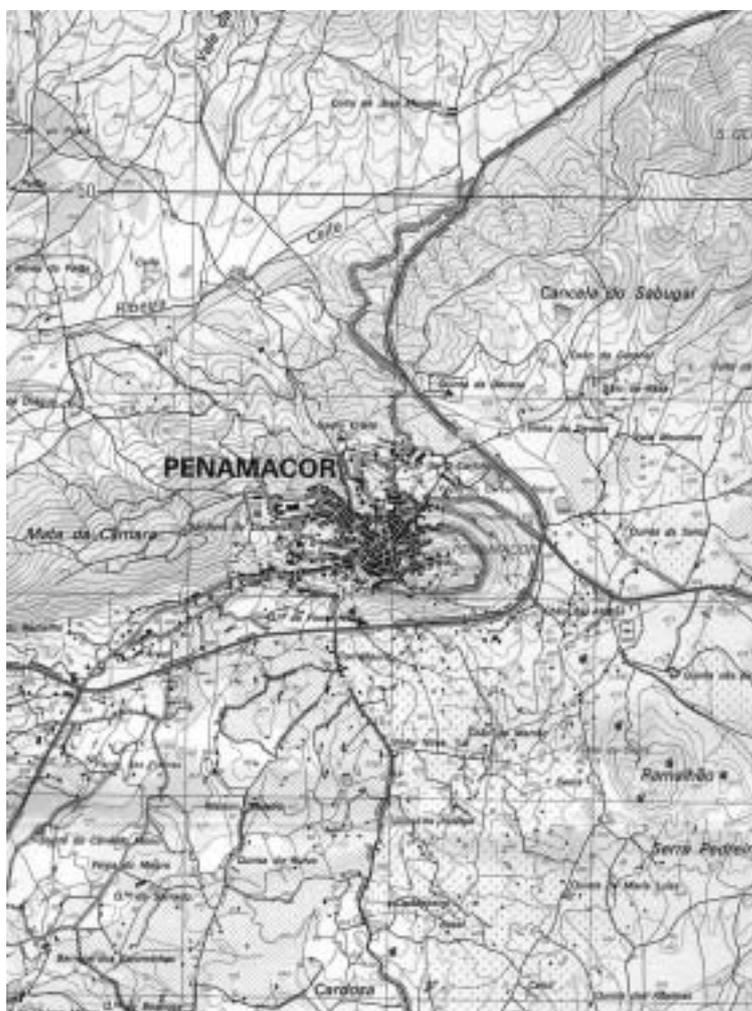


Fig. 1 Localização da vila de Penamacor (segundo a C.M.P. n.º 238, Penamacor, esc. 1:25 000).



Fig. 2 Planta do Cimo da Vila ou castelo de Penamacor, com a localização das sondagens realizadas.

Conserva-se, porém, a antiga malha urbana ao longo de uma rua principal, que percorre todo o comprimento do cabeço, dividida a meio por uma secundária, perpendicular a esta, seguindo um modelo de organização do espaço bastante semelhante a outros aglomerados urbanos da mesma época (Fig. 2) (Rossa, 1995, p. 233-329). Nas extremidades daquele eixo primordial situar-se-iam, a Oeste uma das portas, a Leste a alcáçova ou castelo propriamente dito, sede do poder militar local, da qual resta apenas uma torre. Esta, localmente designada por Torre de Vigia (Landeiro, 1995, p. 27-28) em função de uma leitura errada dos desenhos de Duarte de Armas, que efectivamente representa uma estrutura deste tipo mas a Oeste do conjunto, corresponde na verdade à Torre de Menagem do castelo (Fig. 4). De planta quadrada, com a entrada a alguns metros do solo, à qual se deveria aceder através de uma escada de madeira, e profusamente assinalada com marcas de canteiro (Nunes, 1991, p. 190), tem um “pequeno ressalto a meia altura e um coroamento com *machicoulis*”, ou seja, é encimada por um balcão de pedra, corrido em todo o perímetro, assente numa cachorrada, uma solução militar relativamente rara em Portugal (Fig. 6). Esta deverá ter sido aplicada no âmbito de uma campanha de obras realizada no castelo durante o reinado de D. Manuel I, como atestam os símbolos deste monarca aplicados sobre uma das faces da torre (Barroca, 2000, p. 226-227; Nunes, 1991, p. 44-45). Note-se a este respeito que, quando nos finais da primeira década de Quinhentos, Duarte de Armas registou a planta deste castelo, anotou que “*esta torre de menagem nom era acabada ao tempo que eu aly estaua*”, denunciando os trabalhos em curso, não representando também o mencionado balcão nas respectivas duas vistas (Armas, 1997², fls. 63, 64 e 127v).

Através desta preciosa fonte iconográfica podemos, porém, ter alguma ideia de como seria a alcáçova de Penamacor (Fig. 5). Anexos à torre de menagem e sobre os afloramentos graníticos que coroam aquele sector do cabeço, desenvolviam-se uma série de “*apostamentos sobrada-*

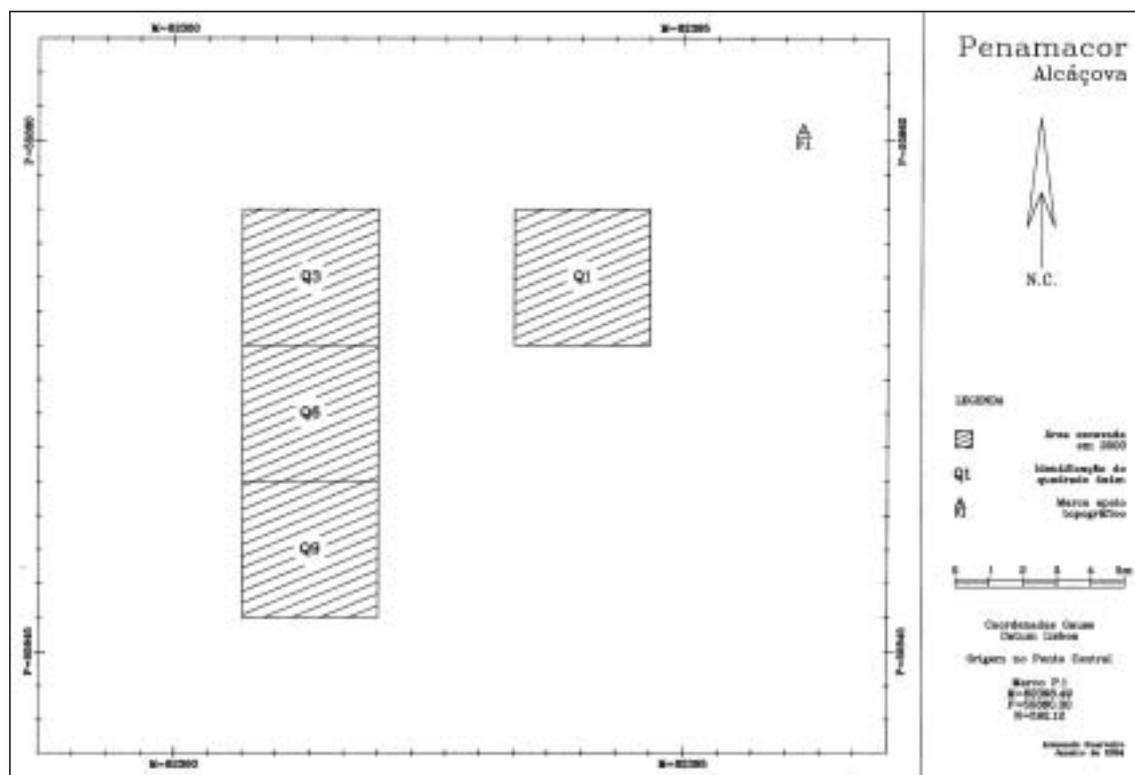


Fig. 3 Esquema das sondagens realizadas.

dos”, espaços implantados em altura, como atestam as duas escadas representadas, que serviam de residência ao alcaide e seus homens; um destes incluía no seu interior uma cisterna com cerca de quatro metros de vão, segundo os dados de Duarte de Armas. Organizavam-se em torno de um pátio, que comunicava com a vila através de uma porta em cotovelo. Para o exterior abria-se uma porta falsa, defendida por uma barbacã e por um balcão com matacões, estrutura igualmente presente noutra pano da alcáçova, junto da referida Torre de Menagem. Representados nos inícios do século XVI, estes elementos datam certamente de época anterior, sendo certo que a sua utilização remonta aos tempos de D. Dinis, altura em que se consolida em Portugal o “castelo gótico” e quando estão comprovadas reformas deste monarca em Penamacor (Barroca, 2000, p. 232; Monteiro, 1999, p. 34-36 e ss.). Também anterior à campanha manuelina é, por certo, a segunda linha de muralha que divide a alcáçova da vila (determinando assim a existência de um espaço aberto no interior da própria alcáçova), onde se inserem inúmeras troneiras, e defendida por dois cubelos ultra-semicirculares, inovações que parecem mais consentâneas com o século XV (Monteiro, 1999, p. 36-44 e 70-73).

Do restante sistema defensivo medieval, que incluía uma cerca em torno do povoado, aberta a Norte e a Sul em duas portas, nas extremidades da mencionada rua secundária, apenas subsiste bem visível um segmento a Norte. Este está limitado a Oeste pela Torre do Relógio, estrutura adossada à muralha, por vezes classificada erroneamente como Menagem pelas razões apontadas, e a Este pela Casa da Câmara, uma inovação manuelina introduzida junto à porta Norte da cerca medieval. De facto, antes da intervenção de inícios de quinhentos, esta entrada era ladeada por duas torres de planta quadrada, provavelmente implantadas durante as referidas obras de D. Dinis e à semelhança do que aconteceu noutras fortificações da região nesta época, como ainda é visível através dos vestígios das juntas de porta e pela morfologia da face interna do arco. Quando ali se construiu a Casa da Câmara, ornada com os símbolos heráldicos do *Venturoso*, optou-se por anular algum do volume daquelas estruturas “construindo-se um corpo novo entre os dois torreões e deslocando-se a porta para a face exterior das referidas duas torres” (Barroca, 2000, p. 226-27).

Elementos relevantes no espaço intra-muros eram as duas igrejas, sedes das duas freguesias do aglomerado, de um lado e outro da mencionada rua secundária: a Oeste a de São Pedro, que ainda hoje se conserva, a Leste a de Santa Maria, já desaparecida. No que diz respeito a esta última terá sido certamente o primeiro templo cristão da vila, sustentando-se que tenha sido originalmente uma mesquita, sendo ainda representada numa planta oitocentista³, com um corpo principal e uma cabeceira de menores dimensões orientada a Leste, ambos de planta rectangular. Quanto à de São Pedro, mais pequena, não foi representada nos desenhos de Duarte de Armas (que desenha uma igreja, mas na metade Este da vila, ou seja, Santa Maria), pelo que é de supor que a sua fundação seja quinhentista (Fig. 4).

Embora se apontem ocupações do castelo nos períodos romano, visigótico e muçulmano, sobretudo este último, em função da representação do crescente no brasão de armas da vila (Landeiro, 1995⁴, p. 17), o que é facto é que não se detectaram até ao momento quaisquer vestígios sólidos que confirmem estas hipóteses. Recuperaram-se sim, durante a campanha de escavações que agora se noticia, artefactos relativos a um possível assentamento pré-histórico, como se verá.

O povoado terá sido fundado durante o reinado de D. Sancho I, datando de 1209 o primitivo foral, logo confirmado em 1217 por D. Afonso II, embora seja de crer que a concessão destes documentos seja já o reconhecimento de uma comunidade significativa, com um certo grau de autonomia. Os forais inserem-se também, para além do projecto de afirmação do poder régio, numa conjuntura de tentativa de povoamento da raia beirã, consubstanciada na outorga de documentos semelhantes a numerosas localidades desta região, entre os reinados de D. Sancho I e D. Afonso III.

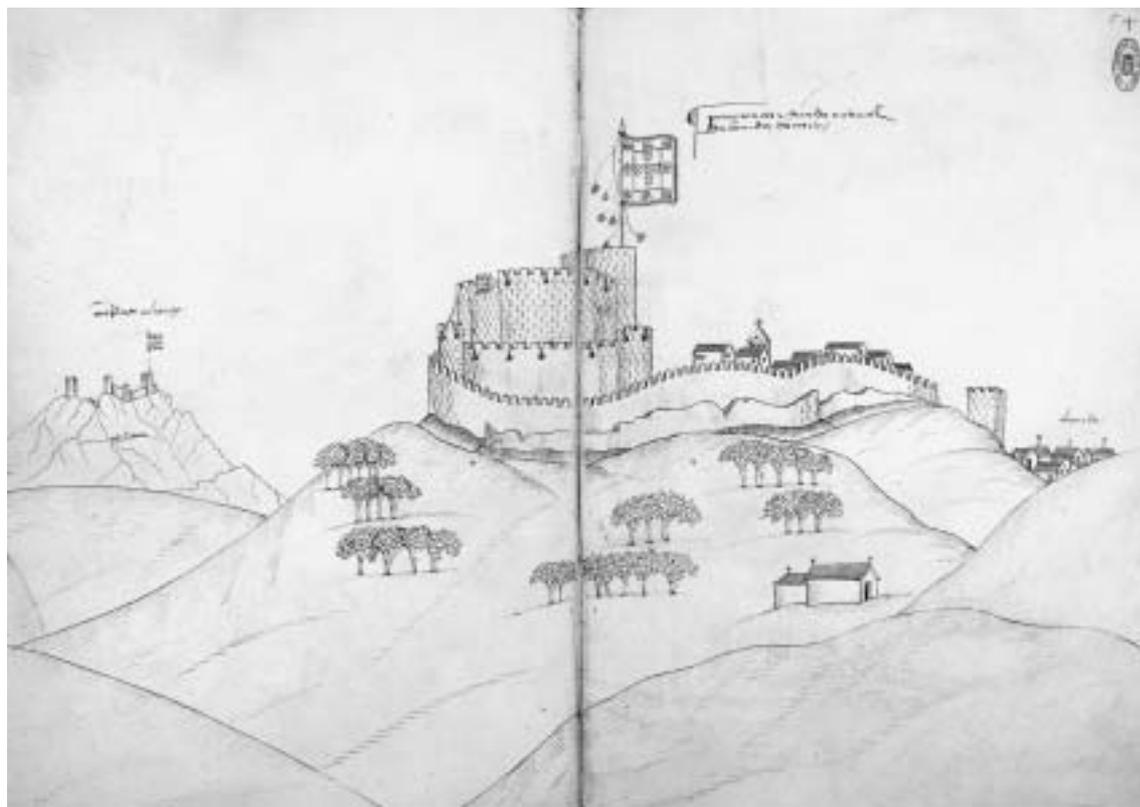


Fig. 4 Vistas Sul e Norte do castelo de Penamacor (segundo Duarte de Armas). Original no IAN/TT, CF, 159.

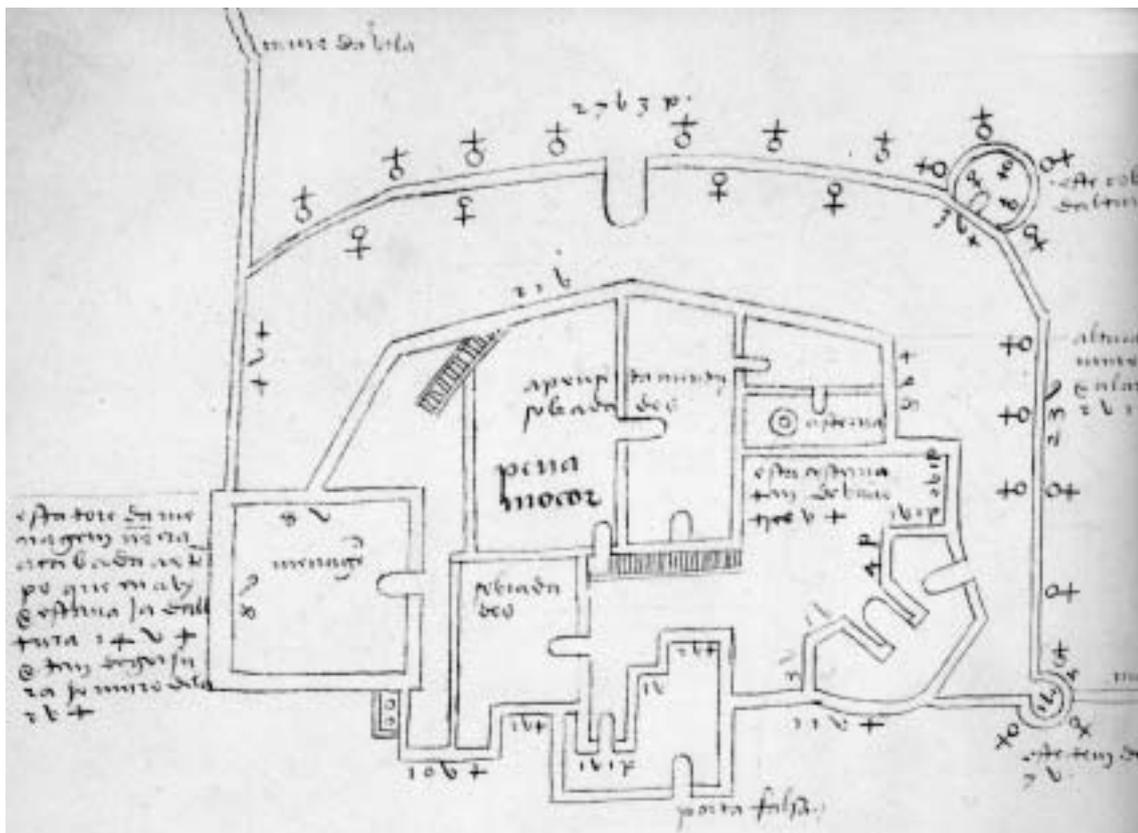


Fig. 5 Planta do castelo de Penamacor (segundo Duarte de Armas).

De facto, não se pode considerar que a fronteira estivesse ainda segura nesta época, permanecendo por um lado a ameaça muçulmana, por outro a do vizinho reino cristão de Leão. No primeiro caso recordem-se as incursões almóadas de 1190-91, que flagelaram várias localidades do vale do Tejo, nomeadamente as comandadas pelo próprio califa Abu Yaqub al-Mansur. No segundo, citem-se as constantes escaramuças de um lado e outro da fronteira, atingindo em vários casos a Beira, como foi o caso da sangrenta batalha de Ervas Tenras, perto de Pinhel, cerca de 1198. É aliás neste mesmo contexto de esforço de ocupação e defesa dos territórios conquistados, que se deve entender a concessão de extensas terras às ordens militares, sobretudo aos templários, se considerarmos esta região da Beira Baixa. Penamacor foi ainda entregue a estes cavaleiros, mas acabou por reverter para a Coroa, permanecendo daí em diante como vila régia (Mattoso, s.d., p. 95-101). Datará, pois, destes primeiros anos do século XIII, o primeiro dispositivo defensivo instalado na colina do castelo o qual, nos nossos dias, dificilmente pode ser reconhecido.

O desenvolvimento da região, estritamente ligado ao processo de aumento populacional da Beira Interior nos finais da Idade Média (Dias, 1988, p. 11-102), terá motivado o alargamento do povoado para fora das muralhas, nomeadamente para a encosta Noroeste do núcleo medieval, que passou então a ser designado por Cimo da Vila. Num dos desenhos de Duarte de Armas (1997², fl. 64), dos inícios de quinhentos, é já clara a representação de um arrabalde, o qual esteve na origem da nova freguesia de Santiago, espaço que em todo o caso não nos interessa por hora analisar (Fig. 4).



Fig. 6 Largo do Castelo e Torre de Menagem antes da intervenção.

2. Escavação⁴

Esta 1.^a campanha de escavações no castelo de Penamacor incidiu apenas num dos locais que se desejam sondar, no âmbito do projecto de valorização acima referido. Trata-se da zona onde se erguia a alcáçova medieval de Penamacor, o chamado Largo do Castelo, um terreiro junto da mencionada Torre de Menagem, a Norte do afloramento rochoso onde esta se insere, com cerca de 1000 m² de área, sem qualquer serventia pública ou privada, se exceptuarmos ocasionais largadas de touros (Figs. 2 e 6).

Os trabalhos iniciaram-se pela implantação de um sistema de referência, o qual foi feito a partir de um ponto ligado à rede geodésica nacional. Este foi marcado sobre um afloramento rochoso junto à zona a intervir, a partir do marco existente na zona mais alta do Cimo da Vila, tendo como coordenadas Gauss: M-82398,49; P-55860,30; H-592,12. Desde este ponto criou-se uma quadrícula de 4 x 4 m em todo o Largo, definindo-se no terreno nove quadrados, orientados e numerados no sentido Norte-Sul (Fig. 3).

À data de início dos trabalhos, o terreno no sector intervencionado encontrava-se coberto por uma estreita e compacta camada de gravilha, ali depositada para a realização das referidas largadas, pelo que, depois de implantada a quadrícula, procedeu-se à sua remoção nos sectores assinalados. Esta sobrepõe-se a uma calçada, semelhante à existente nas demais ruas do Cimo da Vila, tendo-se imediatamente percebido que este piso havia sido parcialmente levantado há poucos anos, formando uma vala longitudinal com orientação NO-SE e largura máxima de 70 cm, para instalação da corrente eléctrica de iluminação da Torre de Menagem. Antes da intervenção no subsolo procedeu-se ao levantamento da calçada que se encontrava sobre os quadrados que se desejavam escavar.



Fig. 7 Aspecto dos trabalhos no Largo do Castelo.



Fig. 8 Os Q6 e Q3 no final da escavação, observando-se as perturbações nos níveis arqueológicos, a sucessão estratigráfica e as cavidades do afloramento rochoso.

Foram intervencionados, segundo a ordem de trabalho, os quadrados 1, 9, 3 e 6 (Fig. 7), tendo-se adoptado como metodologia de escavação nos primeiros três a estratigrafia artificial, uma vez que o objectivo era avaliar o potencial arqueológico do sítio, e a estratigrafia natural, no derradeiro sector, dado que já se haviam definido os horizontes cronológicos em presença. Em todo o caso, já que as diferenças das cores de terras de cada camada eram bem nítidas e o potencial arqueológico reduzido, estas coincidiram na maior parte dos casos. Todos os quadrados foram escavados até ao afloramento rochoso, que em todo o caso nunca se encontrou a mais de um metro de profundidade. A fim de evitar que a intervenção incidisse numa zona perturbada recentemente, pela abertura da vala atrás referida, optou-se por escavar em separado a metade Oeste e Este do Q3, sendo que a primeira foi integralmente sondada, ao passo que a segunda foi-o de forma incompleta.

Nas tabelas seguintes apresenta-se a altura das camadas escavadas, bem como a correspondência entre a estratigrafia natural e artificial:

Q1

Camada Natural	Camada Artificial	Altura
C1	C1	40 cm

Q9

Camada Natural	Camada Artificial	Altura
C1, C2	C1	20 cm
C2, C3	C2	40 cm

Q3

Camada Natural	Camada Artificial	Altura
C1, C2	C1	30 cm
C2	C2	30 cm
C2	C3	30 cm

Q6

Camada Natural	Camada Artificial	Altura
C1	C1	20 cm
C2A, C2B	C2	30 cm
C2A, 2B, 3, 4	C3	30 cm

A estratigrafia revelou-se muito pobre, na maior parte dos casos constituída apenas por duas camadas, uma superficial praticamente estéril, outra de terras mais escuras, com materiais arqueológicos. Também foram parcas as estruturas detectadas, registando-se apenas dois segmentos de piso e o arranque de um possível muro. Obtiveram-se, assim, os seguintes resultados por quadrado:

O Q1 revelou-se um sector integralmente constituído por terras pouco compactas amareladas (2.5Y 7/3) e por muita gravilha, contendo escasso espólio subactual, como materiais orgânicos, plásticos, cerâmica e metais industriais. A camada tinha uma espessura máxima de 40 cm, não atingindo os 20 cm em parte substancial da sua área, sendo finalizada por uma grossa camada de cimento, que cobria parte do afloramento rochoso.

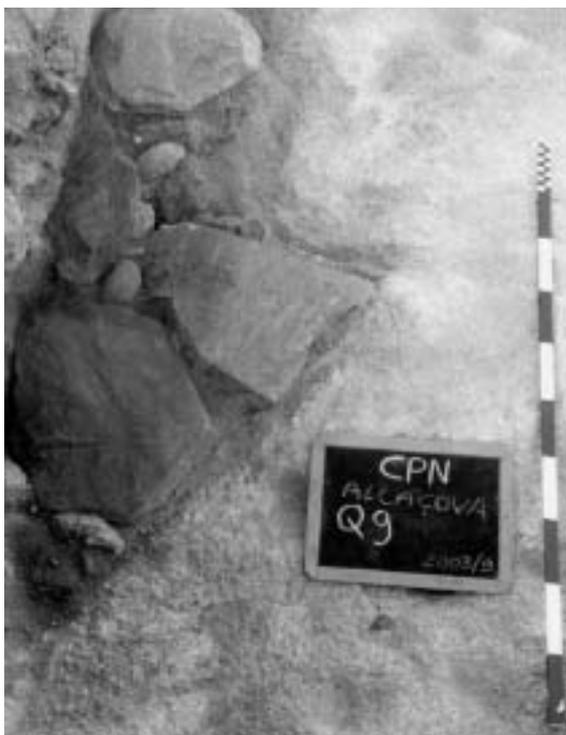


Fig. 9 Vestígios de pavimento no Q9, constituídos por lajes de xisto.

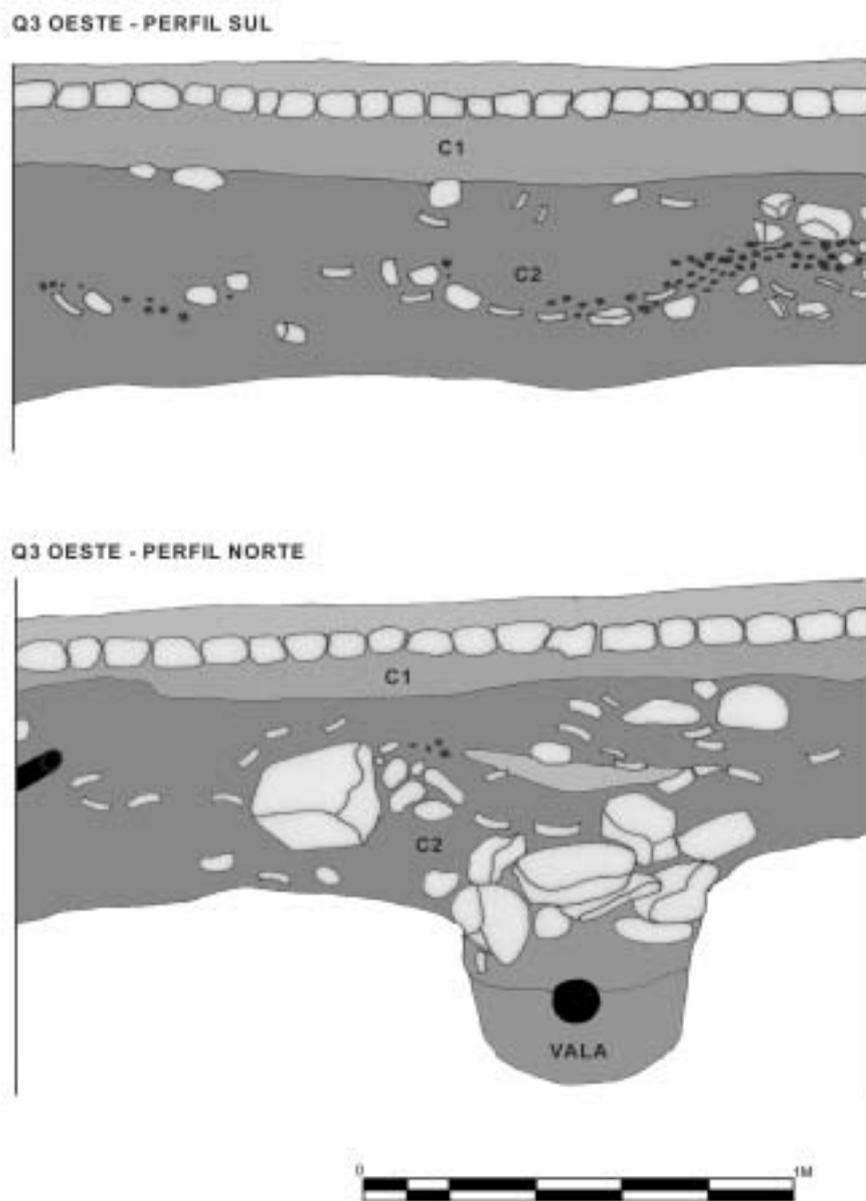


Fig. 10 Perfis Sul e Norte do Q3 Oeste.

Já o Q3 revelou as seguintes camadas estratigráficas (Fig. 10):

C1 – terras amarelas claras (2.5Y 7/3) pouco compactas, com grande quantidade de gravilha e escassas pedras de pequena dimensão. Camada detectável em praticamente todo o quadrado, com espessura máxima de 20 cm, rareando na metade Oeste. É quase estéril do ponto de vista arqueológico.

C2 – terras cinzentas acastanhadas escuras (2.5Y 4/2) medianamente compactas, contendo grande quantidade de pedras de pequena a grande dimensão, fragmentos de telhas e outros materiais cerâmicos de construção, além de alguns carvões, particularmente abundantes no canto SO. Esta camada visível em todo o quadrado, tinha espessura entre 30 e 70 cm, apresentando no seu interior pequenas bolsas de gravilha castanhas amareladas claras (2.5Y 6/3).

Na sua metade Oeste é perturbada, no sentido NE-SO, por uma vala escavada na rocha em época contemporânea, para instalação de um cano de água, preenchida com terras castanhas amareladas claras (2.5Y 6/3), praticamente estéreis do ponto de vista arqueológico; a camada foi ainda remexida na extremidade NO para a implantação de um cabo eléctrico. Na sua base, sobre o afloramento rochoso e assentes em estreita camada de barro, encontram-se *in situ* três pequenas lajes de xisto, que terão pertencido a um piso. Apresenta alguns materiais arqueológicos das épocas Medieval e Moderna, embora bastante fragmentados e misturados com outros subactuais.

O Q6 está dividido em dois sectores, a Norte com abundantes materiais arqueológicos, a Sul onde estes são praticamente inexistentes (Fig. 11):

C1 – terras amarelas claras (2.5Y 7/3) pouco compactas, com grande quantidade de gravilha e raras pedras de pequena dimensão. Camada visível em todo o quadrado, com espessura oscilando entre 10 e 20 cm, praticamente estéril do ponto de vista arqueológico.

C2A – terras cinzentas acastanhadas escuras (2.5Y 4/2) medianamente compactas, contendo algumas pedras de pequena e média dimensão, muitos fragmentos de telhas e outros materiais cerâmicos de construção. Camada detectável apenas na metade Norte do quadrado, com espessura máxima de 70 cm, apresentando no seu interior raras pequenas bolsas de gravilha castanhas amareladas claras (2.5Y 6/3). O afloramento rochoso mostra cavidades semicirculares de baixa profundidade, que não parecem ser escavadas por mão humana, com terras de características semelhantes às deste camada (Fig. 8). Apresenta alguns materiais arqueológicos das épocas Medieval e Moderna, embora bastante fragmentados e misturados com subactuais.

C2B – terras castanhas acinzentadas (10YR 5/2) medianamente compactas, com algumas pedras de pequena e média dimensão, muitos fragmentos de telha e outros materiais cerâmicos de construção. Camada detectável apenas no sector Sul do quadrado, com espessura máxima de 50 cm. A sua metade Oeste é perturbada, no sentido NO-SE, por uma vala para instalação de um cabo eléctrico, preenchida com terras cinzentas acastanhadas claras (2.5Y 6/2), praticamente estéreis do ponto de vista arqueológico. O afloramento rochoso apresenta, também aqui, depressões semicirculares de baixa profundidade, que parecem de origem natural, preenchidas por terras semelhantes às desta camada (Fig. 8). Apresenta raros materiais arqueológicos das épocas Medieval e Moderna, bastante fragmentados e misturados com outros subactuais.

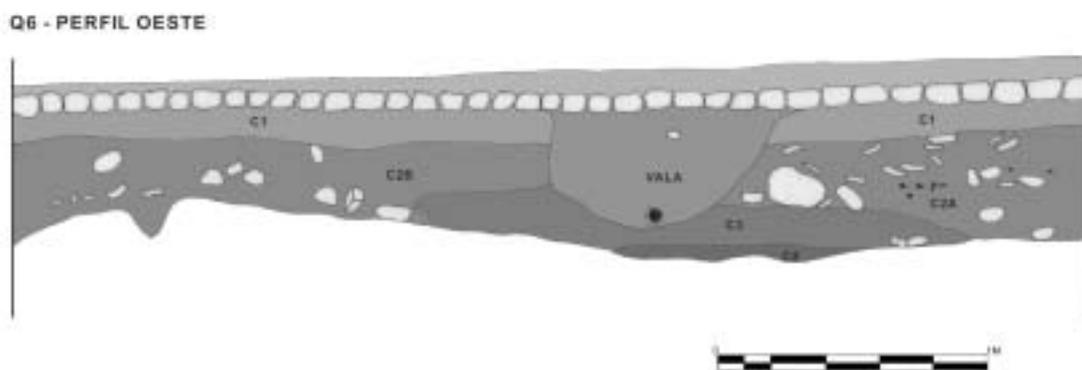


Fig. 11 Perfil Oeste do Q6.

C3 – terras castanhas (10YR 5/3) medianamente compactas, com escassas pedras de pequena dimensão. Camada detectável apenas na metade Oeste do quadrado, em nível imediatamente inferior e associado à vala para instalação do cabo eléctrico referido anteriormente, tendo como espessura máxima 20 cm. É praticamente estéril do ponto de vista arqueológico.

C4 – terras castanhas acinzentadas (10YR 5/2) medianamente compactas. Pequena e estreita bolsa, com menos de 10 cm de espessura máxima, existente na base da camada anterior, junto ao afloramento rochoso, estéril do ponto de vista arqueológico.

Por fim o Q9 que, muito embora revele as estruturas mais significativas, tem uma sequência estratigráfica pobre (Fig. 12):

C1 – terras amarelas claras (2.5Y 7/3) pouco compactas, com grande quantidade de gravilha e raras pedras de pequena dimensão. Camada visível em todo o quadrado, com espessura entre 10 e 30 cm, praticamente estéril do ponto de vista arqueológico.

C2 – terras castanhas acinzentadas (10YR 5/2) medianamente compactas, com algumas pedras de pequena e média dimensão, muitos fragmentos de telha e outros materiais cerâmicos de construção. Camada detectável em quase todo o quadrado, com espessura máxima de 50 cm, inexistente apenas no sector NE, apresentando no seu interior raras bolsas de terras cinzentas escuras (2.5Y 4/1). A sua metade Este é perturbada, no sentido NO-SE, por uma vala aberta na terra, para instalação de um cabo eléctrico, preenchida com terras cinzentas acastanhadas claras (2.5Y 6/2), estéreis do ponto de vista arqueológico. O afloramento rochoso mostra-se muito deteriorado, observando-se sobre ele, junto ao perfil Sul, a pervivência *in situ* de quatro lajes de xisto, bem como fragmentos de outras de menor dimensão, que terão constituído parte de um piso (Fig. 9). Também se evidenciaram dois grandes blocos de pedra alinhados, junto ao perfil Oeste, tratando-se hipoteticamente de vestígios de um muro. Apresenta raros materiais arqueológicos das épocas Medieval e Moderna, bastante fragmentados e misturados com outros subactuais.

C3 – terras alaranjadas (5YR 5/6) bastante compactas e barrentas, com grande quantidade de pedras de pequena e média dimensão, muitos fragmentos de telha e outros materiais cerâmicos de construção. Camada existente apenas no sector NE do quadrado, mesmo junto ao perfil Este, com espessura máxima de 40 cm. Apresenta escassos materiais arqueológicos das épocas Medieval e Moderna, bastante fragmentados e misturados com outros subactuais.

Q9 - PERFIL NORTE



Fig. 12 Perfil Norte do Q9.

3. Materiais

3.1. Cerâmicas⁵

Uma vez que não se detectaram níveis arqueológicos bem preservados durante esta campanha no castelo de Penamacor, adquirem particular importância os paralelos dos artefactos cerâmicos ali exumados (ver catálogo). Os melhores que podemos apresentar neste momento são com o castelo de Castelo Novo, que vimos intervencionando desde 2002. Ali foi recolhido importante espólio medieval cristão em níveis bem datados, tendo-se definido duas fases de ocupação mais significativas, com acentuadas diferenças ao nível dos respectivos materiais: uma dos séculos XIII e XIV, finalizada por destruição; outra dos séculos XV e XVI, terminada em abandono (Teixeira et al., 2003, p. 74-75; Silvério et al., no prelo). Para além de termos conhecimento próximo dos artefactos ali identificados e destes se acharem em contextos estratigráficos seguros, note-se que estes paralelos se justificam plenamente, uma vez que Castelo Novo e Penamacor são localidades muito próximas, que terão desenvolvido ao longo da história estreitos laços, certamente traduzíveis na proximidade da sua cultura material. Há mesmo a hipótese, que deixamos para investigações futuras, de ambas as vilas terem sido abastecidas pelas mesmas olarias, de produção regional, em épocas medieval e moderna. Além disso, há poucas intervenções regionais incidindo nestes períodos cronológicos com estudos dados à estampa, pelo que temos de nos valer do trabalho que temos vindo a realizar nesta área. É evidente que citaremos outros paralelos para os artefactos encontrados em Penamacor, não só porque a cronologia de ocupação deste espaço se prolongou além do nível de abandono do castelo de Castelo Novo, como algumas das cerâmicas exumadas pertencem a produções de maior circulação, sendo ainda desejável alargar, tanto quanto possível, os referenciais cronológicos no estudo do espólio arqueológico.

Um primeiro grupo de peças recolhido no castelo de Penamacor é constituído por faianças portuguesas, sobretudo pratos e taças, sobre as quais foi aplicado esmalte branco e decoração em azul de cobalto, geralmente de carácter geométrico ou vegetalista. Este tipo de cerâmicas, com ampla difusão em território nacional e nos seus domínios ultramarinos durante o século XVII, embora o seu fabrico se tenha iniciado na centúria anterior e prolongado no período seguinte, representam uma imitação nacional de modelos orientais, nomeadamente das porcelanas chinesas, chegadas em quantidades significativas à Europa desde meados de quinhentos, pela mão dos portugueses.

Ainda assim, apesar da grande circulação deste tipo de artefactos naquele período, conhecemos poucos exemplares publicados provenientes de contextos arqueológicos. Em todo o caso, é possível apontar alguns paralelos para os achados de Penamacor. Por exemplo, o prato CPI3C1-09 tem paralelo próximo no sítio de Vialonga II (Muge), tanto em termos formais (embora o de Penamacor seja ligeiramente maior), como decorativos (ainda que o motivo fitomórfico esteja aqui mais completo). A estação ribatejana foi classificada como pertencendo ao século XVII e primeira metade da centúria seguinte, não só pelos exemplares cerâmicos, como pelo espólio numismático (Lopes, 1998, p. 335, Fig. 11). Já o prato CPI3C1-10 tem paralelos mais evidentes em vários arqueossítios portugueses, sobretudo pelo tipo de decoração, como sejam os seguintes: um exemplar inteiro, exumado na Casa dos Bicos, em Lisboa, datado do século XVII (Silva e Guinote, 1998, p. 106-107); um fragmento recolhido em Vila Franca de Xira, da mesma centúria (Pinto e Ferreira, 2001, p. 74); um artefacto encontrado na Casa do Infante, no Porto, atribuído ao terceiro quartel do século XVII (Barreira et al., 1998, p. 157, Fig. 20).

Outro conjunto de grande relevância, apesar dos escassos fragmentos recolhidos, diz respeito a cerâmicas importadas de oficinas espanholas, nomeadamente Paterna, Manises e Sevilha, centros oleiros com ampla difusão geográfica, não só na Península Ibérica, como também por toda a Europa e Norte de África, nos séculos XIV a XVI (Martínez Caviro, 1991; Sánchez-Pacheco, 1997, p. 137-166 e 345-375). Tratam-se de fragmentos de pratos com pastas de cor clara, beges rosadas, compactas e homogêneas, inteiramente cobertas por esmalte branco ou amarelado aderente, com decoração combinando bandas concêntricas violeta de manganês e linhas mais finas azul de cobalto (CPI3C2-36, CPI3C3-06, CPI6C2-25, CPI6C3-11). Num dos casos a decoração inclui também pintas sobre o bordo e pequenos finos traços na vertical, perpendiculares às referidas bandas e linhas concêntricas (CPI6C2-24). Noutra observa-se, entre estas linhas, um motivo pseudo-epigráfico em violeta de manganês (CPI6C2-23).

Em Portugal, um dos sítios onde este tipo de peças foi recolhido em contextos mais fiáveis e com a cronologia atrás referida, foi o poço-cisterna de Silves, pelo que este se revela um dos locais mais propício a oferecer paralelos (Gomes e Gomes, 1991, p. 472, Fig. 16; Gomes e Gomes, 1996, p. 173-174, Fig. 26). Ali foram exumadas cerâmicas com formas semelhantes às de Penamacor, decoradas com motivos fitomórficos (que aqui não se verificam), geométricos e pseudo-epigráficos, integrados em cartelas em azul e manganês; estes exemplares foram considerados como podendo pertencer às três oficinas mencionadas, apontando-se uma cronologia entre meados de trezentos e o século XVI. Também no Funchal se exumaram exemplares com estas características, datados dos séculos XV-XVI (Gomes e Gomes, 1998, p. 335-336, Fig. 15 e p. 339-340, Fig. 17).

Recolheram-se igualmente em Penamacor alguns fragmentos de taças e de um testó, produzidos com pastas compactas e homogêneas, completamente revestidas de esmalte de cor branca aderente, sobre o qual foi aplicada decoração em reflexo metálico. Entre estas contam-se uma taça mostrando bandas concêntricas de espessura variada e pequenos traços irregulares de reflexo metálico dourado (CPI6C2-27), uma outra com decoração formada por conjuntos de finas linhas em reflexo metálico acobreado, dispostas na vertical, ladeando uma banda em azul de cobalto (CPI6C2-29) e uma terceira, da qual apenas subsiste um pequeno fragmento, com decoração acobreada formando reticulado com pintas no seu interior (CPI3C2-40).

Já o testó exumado em Penamacor com este tratamento (CPI3C2-38), apesar da técnica decorativa, representa uma forma para a qual não conhecemos paralelo. Pode ainda considerar-se neste grupo o exemplar de escudela hemisférica, com asa espessa polilobulada, de pasta rosada compacta e homogênea, revestida por esmalte branco aderente, que mostra vestígios muito ténues de decoração acobreada em toda a peça (CPI6C3-37). Por fim, note-se que fragmentos deste tipo, não obstante a sua raridade, foram também detectados em Penamacor no âmbito de recolhas de superfície, realizadas no espaço onde estaria implantada a alcáçova medieval. Destes seleccionámos dois exemplares, possivelmente de taças, com profusa decoração vegetalista, num dos casos em ambas as superfícies (CPIS-02), noutra apenas na interna (CPIS-03).

Também este tipo de cerâmica de luxo foi recolhido no poço cisterna de Silves (Gomes e Gomes, 1991, p. 475, Fig. 19, 1996, p. 180 e 181, Fig. 30), constituindo bom paralelo para o exemplar CPI6C2-27 a escudela quase completa exumada naquela cidade algarvia, atribuída à oficina valenciana de Manises e ao século XV, embora neste caso seja visível a combinação da decoração de reflexo metálico dourado com traços em azul de cobalto. A junção destas duas técnicas decorativas, observável no fragmento CPI6C2-29, é bastante comum naquelas oficinas espanholas, embora no caso de Penamacor se deva assinalar o tom avermelhado do reflexo metálico, indicativo de excesso de óxido de cobre e da pouca qualidade do sulfureto de prata empregue, característico de produções mais tardias, possivelmente já do século XVI (Gomes e Gomes, 1996, p. 179).

Há mesmo a possibilidade deste fragmento pertencer a uma outra oficina espanhola, a de Muel, onde se fabricaram peças associando aquelas duas técnicas, com decoração a partir de uma calote esférica central, da qual se organizam “faixas alternadas em sentido radial ou dispostas de modo concêntrico” (Sánchez-Pacheco, 1996, p. 19-20, 1997, p. 233-42).

Também no Funchal se recolheram artefactos com a técnica de reflexo metálico, com semelhanças decorativas ao referido fragmento CPI6C2-27 (Gomes e Gomes, 1998, p. 336 e 337, Fig. 16). De resto, o teste CPI3C2-3, inspira-se igualmente neste modelo decorativo, de banda concêntrica, formando cartela, preenchida por traços curvos dispostos verticalmente. Já o fragmento de parede de recipiente aberto CPI3C2-40 tem bom paralelo decorativo em pratos daquela cidade madeirense, sobretudo no SIV.Q1/C4-4, com reflexo metálico de tom semelhante (Gomes e Gomes, 1998, p. 338 e 337, Fig. 16). Quanto aos exemplares recolhidos em prospecção (CPIS-02 e CPIS-03), refira-se um paralelo geograficamente próximo em Plasencia, onde se exumaram cerâmicas compatíveis dos séculos XIII a XV (Matesanz Vera e Sánchez Hernández, 2001, p. 295-99). A presença deste tipo de produção espanhola em terras beirãs não constitui novidade, não obstante a escassez de trabalhos arqueológicos deste período na região. Refira-se no entanto uma recente intervenção no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo onde foram exumadas taças decoradas com motivos geométricos e vegetalistas de tons dourados, atribuídos às oficinas de Paterna e Manises, datadas dos séculos XV-XVI (Martins, 2001, p. 253).

Também oriundo de oficina espanhola parece ter sido o fragmento de taça hemisférica, fabricada com pasta clara, compacta e homogénea, sobre a qual foi aplicada decoração em corda seca total (CPI3C2-39). De facto, apesar do motivo do cordão estar profusamente representado em cerâmica islâmica encontrada em Portugal, o exemplar de Penamacor é mais compatível com modelos mudéjares, não só pela forma, como pelos tons empregues. O melhor paralelo surge em taça baixo-medieval recolhida na povoação leonesa de Valencia de Don Juan, com origem provável em oficina levantina, toledana ou aragonesa (Gutiérrez González e Beneitez González, 1997, p. 546).

Com cronologia semelhante, mas muito mais exemplares, revelou-se o conjunto de cerâmicas vidradas identificado no castelo de Penamacor. Este tratamento foi preferencialmente aplicado em pratos (14 casos), embora haja também um número importante de taças ou escudelas que mereceram igual acabamento (7 casos), tendo em consideração o conjunto aqui estudado.

No primeiro caso tratam-se sobretudo de pratos de bordo extrovertido, com diâmetros entre 22 cm e 25 cm e lábio de perfil semicircular, parede oblíqua, com demarcação da aba e do recipiente por intermédio de um filete ou ressalto, mostrando fundo em ônfalo, e diâmetros oscilando entre 6,5 cm e 8 cm. Utilizaram-se essencialmente vidrados de cor melada, vários tons de verde, por vezes manchados, e amarelo com traços escorridos a verde, sendo o vidrado aplicado sempre sobre aguada de cor esbranquiçada. Os pratos foram apenas decorados na superfície interna, embora na maior parte dos casos se verifiquem escorrências para o exterior da peça, tanto do vidrado, como da aguada.

Os melhores paralelos para estes artefactos foram identificados em Sevilha, centro produtor e difusor para toda a Península Ibérica deste tipo cerâmico, entre os séculos XIV e XV. Citem-se como exemplo os exumados no Palácio de Altamira e de Miguel de Mañara (Rueda e López, 1997, p. 555-58), mas também os do poço-cisterna de Silves (Gomes e Gomes, 1996, p. 154 e 156-57, Fig. 12 e 13). Cerâmicas com estas características tiveram também produção nacional, encontrando-se em níveis dos séculos XIV e XV do Norte de Portugal, como a Casa da Câmara do Porto, onde variados exemplares vidrados apresentam tipologia semelhante aos de Penamacor (Osório e Silva, 1998, p. 306, est. V). Também em Castelo Novo se recolheram artefactos com aquelas características, em níveis dos séculos XV e primeira metade da centúria seguinte; o fragmento CPI3C2-03, por exemplo, é muito idêntico ao CN21C2-34 de Castelo Novo (Silvério et al., no prelo, Fig. 15 e p. 106,

Fig. 16). Já compatível com o CPI3C3-02, tanto na forma como nas dimensões, pode referir-se o recolhido no Porto, na Casa do Infante, com uma cronologia larga dos séculos XVI a XVIII (Barreira et al., 1998, p. 166, Fig. 37).

Também surgiram escudelas ou taças vidradas, maioritariamente carenadas, embora ocasionalmente tenham sido recolhidos exemplares hemisféricos; as primeiras mostram bordo afilado ou preenchido com decoração plástica, por vezes com asas subtriangulares perfuradas; o fundo quando se conserva apresenta-se plano. Tal como os pratos, a decoração faz-se na superfície interna e sobre o bordo, embora se observem escorrências para o exterior da peça, em tons de melado ou verde, sendo o vidrado aplicado sobre aguada de cor esbranquiçada.

Mais uma vez, os melhores paralelos foram recolhidos em Sevilha, como os exumados no Cuartel del Carmen (Huarte Cambra et al., 1999, p. 153-154, Fig. 4), entre outros (Huarte Cambra e Some Muñoz, 1999, p. 914 e 919). Em Silves exumou-se no interior do poço-cisterna grande quantidade de escudelas e taças vidradas de cor castanha ou melada, atribuídas ao século XV, sugerindo-se importação de oficinas sevilhanas (Gomes e Gomes, 1996, p. 156, Fig. 12). Uma taça carenada vidrada a verde muito semelhante ao artefacto CPI3C2-09 foi recolhida em Monsaraz, tendo sido classificada como da segunda metade do século XV (Gomes et al., 1991, p. 418 e 423, Fig. 6, Q77/C2). Já muito compatível com o exemplar CPI3C2-09 é um exumado em Palmela, datado dos séculos XV-XVI, embora de dimensões ligeiramente maiores e com tom vidrado diferente (Fernandes e Carvalho, 1998, p. 245, n.º 98). Refiram-se também os achados do castelo de Castelo Novo, onde se recolheram taças tipologicamente compatíveis com as de Penamacor (Silvério et al., no prelo, Fig. 14 e Fig. 30). Como então havíamos sugerido, apesar das estreitas semelhanças formais com exemplares importados, pensamos poder ter existido uma produção regional, eventualmente durante o mesmo período cronológico.

Recolheu-se um único exemplar descritível de prato esmaltado a branco, com pasta amarelada, parede oblíqua, demarcada internamente por um filete, e fundo em ônfalo (CPI3C3-42). No Sul de Portugal foram exumados, em sítios como Silves (Gomes e Gomes, 1991, p. 470, Fig. 14; Gomes e Gomes, 1996, p. 161, Fig. 15) e Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998, p. 244, n.º 83) peças deste tipo, datadas do século XV e sobretudo do século XVI. Inicialmente importados de oficinas do sul de Espanha, estes pratos passaram a ser produzidos em Portugal a partir de quinhentos, conforme parece ser o caso do exemplar de Penamacor. Também em Castelo Novo recolhemos artefactos consentâneos, com cronologia do século XV e primeira metade da centúria seguinte (Silvério et al., no prelo, Fig. 15). No Castelo de São João da Foz da cidade do Porto, foram igualmente encontrados pratos esmaltados a branco, datados de finais do século XV a meados do século XVI (Osório e Silva, 1998, p. 308, est. VII, n.º 6).

Já no que respeita a taças esmaltadas a branco destacamos a CPI3C3-40, com um paralelo muito próximo em Cascais, datado do segundo e terceiro quartel do século XVI (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 209 e 210, Fig. 67). Em Torres Novas detectou-se um fragmento compatível com o achado em Penamacor, embora de dimensões ligeiramente superiores e bordo algo diferente; este encontrava-se porém bastante descontextualizado (Ferreira, 1998, p. 103 e 105, Fig. 3, n.º 2). Quanto ao especieiro CPI3C3-42, igualmente esmaltado a branco, também os paralelos mais evidentes se encontram em Cascais, em artefactos classificados como godés de faiança, e com a cronologia atrás referida (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 207 e 208, figs. 58 e 59). Em Silves recolheram-se peças semelhantes, em contexto datado dos séculos XV e XVI (Gomes e Gomes, 1996, p. 160 e 163, Fig. 16).

Nas escavações do castelo de Penamacor recolheu-se ainda significativa quantidade de fragmentos de cerâmica comum, aliás em muito maior número que as anteriores. Destaquem-se neste conjunto as taças hemisféricas, com pastas de cor vermelha, laranja ou castanha, de bordo verti-

cal, com diâmetros entre 15 cm e 18 cm, quase exclusivamente com lábio de perfil semicircular, geralmente espessado internamente e demarcado no exterior por uma canelura ou incisão. As paredes são curvas e os fundos, quando presentes, são em pastilha, demarcados externamente por maior ou menor espessamento visível, por vezes, também no interior; os seus diâmetros oscilam entre 7 cm e 11 cm. A esmagadora maioria destas taças tem a superfície interna brunida, ao passo que a externa se apresenta apenas alisada ou polida a torno.

Para as taças os paralelos mais próximos geograficamente encontram-se no castelo de Castelo Novo, nomeadamente os exemplares CN21C2-37, CN21C2-41 e CN21C2-42, provenientes de contexto bem datado do século XV e primeira metade da centúria seguinte (Teixeira et al., p. 174-175, Fig. 2; Silvério et al., no prelo, figs. 19 e 20). Como aí observámos, há bastantes paralelos para estas peças no nosso país, o que parece denotar um certo gosto comum por recipientes deste tipo, com características formais bastante idênticas, ao longo desta cronologia. Citem-se assim os exemplares de lixeira quinhentista de Almada (Sabrosa e Espírito Santo, 1992, p. 7, n.ºs 10 e 11) e das escavações do Palácio Pragana, na mesma cidade, com cronologia idêntica à nossa (Sabrosa, 1994, p. 41, n.ºs 10, 11 e 12), e em Palmela, onde vários exemplares foram atribuídos aos séculos XV e XVI (Fernandes e Carvalho, 1997, p. 287, Fig. 11, n.ºs 15 e 290, Fig. 13, n.º 37; Fernandes e Carvalho, 1998, p. 246, n.ºs 109, 110 a 116). Nomeiem-se ainda exemplares brunidos, recolhidos na Rua João do Outeiro, em Lisboa, datados de finais do século XV a inícios do XVI (Diogo e Trindade, 1998, p. 265, Fig. 7, n.ºs 25 e 26) e outros exumados em diversos pontos de Cascais, nomeadamente na Rua do Poço Novo (Cardoso e Rodrigues, 1991, p. 585, n.º 52), no Musical (exemplar brunido, n.º 27) e no Beco dos Inválidos (não brunidas, n.ºs 28 e 29), datados do século XVI (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 203). Refiram-se também os exemplares engobados do Hospital de Todos os Santos de Lisboa, com uma cronologia mais larga entre os séculos XVI e XVIII (Silva e Guinote, 1998, p. 162-163).

Igualmente bem representados em Penamacor são os pratos, com pastas de cores vermelhas ou castanhas, maioritariamente brunidos no interior e alisados externamente, mas também apenas alisados na superfície interna e sem qualquer tratamento na externa. Apresentam bordos, com diâmetros entre 18 cm e 23 cm, sempre extrovertidos, geralmente espessados exteriormente, sendo uns de perfil semicircular, outros afilados. Em termos formais, praticamente todos os exemplares mostram parede com demarcação entre a aba e o recipiente, geralmente através de um filete, ao passo que os poucos fundos detectados são em pastilha.

Mais uma vez acharam-se no castelo de Castelo Novo paralelos muito próximos para estas peças, nomeadamente no nível de ocupação do século XV e inícios da centúria seguinte (Teixeira et al., p. 174-175, Fig. 2; Silvério et al., no prelo, figs. 16 a 18). Exemplar com semelhanças formais aos de Penamacor, embora com maior dimensão, foi identificado em Cascais, propondo-se aí uma ampla cronologia dos séculos XII a XV (Cardoso e Rodrigues, 1991, p. 577 e 582, n.º 14).

No que diz respeito aos cântaros apresentamos duas tipologias, sendo que o CPI3C3-10/CPI3C3-13 é compatível com exemplar de Santarém, embora aqui subsista apenas um fragmento do bordo, com classificação abrangente, do século XIII a inícios do século XV (Mendes et al., 2002, p. 270 e 271, n.º 12) e em Silves, onde cântaros com lábio de perfil subtriangular, semelhantes ao de Penamacor, foram datados do século XV (Gomes et al., 1996, p. 50 e 51, Fig. 11). O melhor paralelo do CPI6C2-66 também pode ser encontrado naquela cidade algarvia, com idêntica cronologia (Gomes et al., 1996, p. 52 e 51, Fig. 11).

As panelas exumadas nas escavações de Penamacor parecem ser a forma com características mais próprias, não se detectando por agora paralelos próximos, nem mesmo em exemplares publicados de Castelo Novo. Deverão provir essencialmente de produção local. Os testos de Penamacor, correspondem a uma tipologia muito generalizada e pouco alterada, sendo muito idênticos ao

encontrado em Cascais, datado dos séculos XIV a XVI (Cardoso e Rodrigues, 1991, p. 579 e 584, n.º 47) e aos exumados em Silves, do século XV, embora os desta cidade algarvia sejam de dimensões mais reduzidas (Gomes et al., 1996, p. 43 e 41, Fig. 7).

O bordo de garrafa ou bilha CPI6C2-12 de Penamacor, apesar da reduzida dimensão do fragmento, pode ter paralelo na forma 13 recolhida nos destroços do navio, de meados do século XV, *Ria de Aveiro A* (Alves et al., 1998, p. 196, Fig. 27).

Destaca-se do conjunto de cerâmicas recolhido nesta campanha de escavações na alcáçova de Penamacor um único fragmento de parede de um vaso, com forma aparentemente hemisférica, mostrando sobre a superfície externa decoração plástica constituída por uma fiada de mamilos, acompanhada por incisões onduladas realizadas a pente (CPI6C2-22, Fig. 31).

Exemplares compatíveis têm sido encontrados em escavações e prospecções realizadas no sítio de Buraco da Moura de São Romão (Valera, 1993), nos concelhos de Fornos de Algodres (Guarda) (Valera, 1994) e Viseu (Valera, 1999), bem como na área da Meseta Norte espanhola, particularmente em povoados existentes nas regiões de Ávila, Salamanca e Zamora (López Plaza, 1979 e 1994), estando genericamente datados do Calcolítico ou Bronze Inicial.

Note-se que este tipo de cerâmicas, percentualmente escasso dentro dos conjuntos cerâmicos que integra, se encontra ainda associado a indústrias líticas microlaminares (Silva, 1994), o que nos parece compatível com os escassos artefactos em sílex recolhidos na alcáçova de Penamacor durante os trabalhos e aos quais nos referiremos posteriormente.

3.2. *Objectos metálicos*

Em associação com os materiais cerâmicos atrás descritos, recolheu-se nas escavações do castelo de Penamacor significativa quantidade de espólio metálico. Deste isolamos alguns objectos que, pelas suas características, permitem a sua classificação funcional e cronológica aproximada.

Tal é o caso de um brinco em bronze (CPI3C1, Fig. 28), em bom estado de conservação, de diâmetro irregular com cerca de 1,6 cm e secção circular com cerca de 0,1 cm de espessura, tendo uma das extremidades um filamento enrolado ou anelar, enquanto a outra se encontra afilada. Artefacto de forma e dimensões semelhantes foi encontrado em São Cucufate, embora este último seja em prata, tendo aí sido classificado como tipicamente visigótico (Ponte, 1987, p. 139 e est. III, n.º 38).

Exumou-se apenas um anel em cobre (CPI6C3, Fig. 28), em bom estado de conservação. Está completo e é de tipo aliança, medindo 2,15 cm de diâmetro externo e apresentando secção oval, com 0,1 cm por 0,2 cm.

Mais abundantes foram os cinco alfinetes de cobre (CPI3C1, CPI3C2 e CPI3C3, Fig. 28), três completos e dois fragmentados, em razoável estado de conservação. Entre os primeiros destacou-se um exemplar com 7,1 cm de comprimento, 0,1 cm de espessura e 0,45 cm de diâmetro de cabeça, a qual é contornada por fina incisão. Os outros dois artefactos completos apresentam tipologia e dimensões significativamente diferentes, medindo 3 cm e 3,6 cm de comprimento, 0,11 cm de espessura e 0,25 cm e 0,26 cm de diâmetro de cabeça. Quanto aos dois alfinetes fragmentados medem 2,65 cm e 3,1 cm de comprimento, 0,15 cm de espessura e 0,4 cm de diâmetro de cabeça, tendo tipologia compatível com o primeiro referido. Bons paralelos para estes artefactos, sobretudo para aqueles que apresentam cabeças com cerca de 0,4 cm de diâmetro, encontram-se em Castelo Novo (Silvério et al., no prelo, Fig. 93) e Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997, p. 292 e 293, Fig. 15, n.º 82-84), sendo aí datados dos séculos XV e XVI.

Exemplar único em Penamacor é o de um fragmento de dedal em ferro, com revestimento de cobre no interior, de forma troncocónica e com pequenas covinhas na superfície externa (CPI6C2, Fig. 30). Tem 1,6 cm de altura, cerca de 2 cm de diâmetro e 0,15 cm de espessura, estando em razoável estado de conservação, apesar de alguma corrosão. Relativamente semelhante é o encontrado em São Cucufate, classificado como pós-romano, talvez dos séculos XVI-XVII, embora sem definição cronológica segura (Ponte, 1987, p. 160 e est. XVI, n.º 148).

Foi recolhida também uma fivela em cobre de forma riniforme, mostrando vestígios de espigão em ferro (CPI3C2, Fig. 28). Mede 2,1 cm de altura, 2,35 cm de largura, tem de espessura máxima 0,85 cm por 0,45 e de espessura mínima 0,25 cm por 0,35 cm, estando em mau estado de conservação, pela acelerada corrosão.

Em bom estado pode considerar-se um aplique de fechadura em cobre, provavelmente de caixa, com formato trapezoidal (CPI6C2, Fig. 28). A extremidade superior é encimada por cinco incisões em V, formando motivo em ziguezague, sob o qual se inserem cinco orifícios semicirculares. Na secção central, delimitada da anterior por uma canelura, abre-se espaço para introdução da chave. A extremidade inferior, com formato triangular de vértice invertido, apresenta uma perfuração. Esta última e a de localização central na extremidade superior destinavam-se à fixação do artefacto. Mede 2,7 cm de altura, 2 cm de largura e 0,2 cm de espessura máxima.

Na maioria dos sectores intervencionados recolheu-se grande quantidade de cravos em ferro, com cabeça convexa de formato subcircular e espigão de secção subquadrangular ou subcircular. Merece, porém, destaque um exemplar em bronze, com cabeça convexa hemisférica e espigão de secção quadrada (CPI3C2, Fig. 28). Mede 1,7 cm de comprimento, a cabeça tem 0,95 cm de diâmetro e o espigão 0,15 cm de lado, encontrando-se em bom estado de conservação. Terá servido provavelmente como elemento decorativo.

No domínio da utensilagem agrícola, importante actividade económica destas populações durante séculos, a par da tradicional criação de gado, nomeie-se o achado de uma foice em ferro, com lâmina curva, à qual falta a extremidade, seguida de espigão em contra-curva de secção sub-rectangular para encabamento (CPI6C3, Fig. 29). A lâmina mede 12,2 cm de comprimento, 2,4 cm de largura e 0,5 cm de espessura máxima. O espigão tem 5,8 cm de comprimento, 7 cm de largura e 9 cm de espessura máxima, apresentando-se o objecto em razoável estado de conservação, apesar de alguma corrosão.

Exumaram-se também dois fragmentos de ferraduras (CPI3C2, Fig. 29 / CPI6C2). O primeiro conserva apenas metade do artefacto, não subsistindo o segmento superior; mostra forma curva com extremidade arredondada, observando-se três craveiras sub-quadrangulares, para fixação. Mede 8,3 cm de comprimento, 2,1 de largura máxima, 0,7 cm de espessura máxima, distando as perfurações 1,5 cm entre si, estando em razoável estado de conservação. O segundo conserva apenas metade do artefacto, não subsistindo o segmento superior; mostra forma curva e a extremidade está partida. Mede 9,3 cm de comprimento, 3,2 cm de largura máxima e 0,8 cm de espessura máxima, denotando mau estado de conservação. Paralelos possíveis para o primeiro exemplar são os encontrados em São Cucufate, classificados como pós-romanos, possivelmente dos séculos XVI-XVII, embora se assinale que provém de níveis estratigráficos sem definição cronológica segura; estes adequavam-se a gado mular (Ponte, 1987, p. 159 e est. XV, n.ºs 141 e 142). No Sabugal Velho exumaram-se três fragmentos de tipologia semelhante aos de Penamacor, recolhidos numa ferraria, classificados entre os séculos XI e XIII (Silva, 2002, p. 793, est. 8).

Já ligada à actividade guerreira das habitantes, citem-se os três exemplares de ponta de virote de besta em ferro, todos em mau estado de conservação (CPI3C3, Fig. 30; CPI6C2, Fig. 30; CPI6C3, Fig. 28). O primeiro tem secção semicircular e formato cilíndrico, notando-se abertura lateral para

encabamento; apresenta ligeiro estrangulamento antes da ponta maciça de secção piramidal; mede 5,5 cm de comprimento e 1,1 cm de espessura máxima. O segundo tem secção semicircular e formato cilíndrico, notando-se abertura lateral e orifício para encabamento; apresenta ligeiro estrangulamento antes da ponta maciça de secção piramidal; mede 4,1 cm de comprimento e 1 cm de espessura máxima. O terceiro tem secção oval e formato cónico, notando-se orifício de encabamento; apresenta acentuado estrangulamento antes da ponta maciça de secção piramidal; mede 1,9 cm de comprimento e 0,9 cm de espessura máxima. Há diversos paralelos medievais para este tipo de artefactos, destacando-se os dos castelos próximos de Belmonte e da Guarda (Barroca e Monteiro, 2000, p. 387 e ss.).

Mais bem conservado é o objecto em cobre que poderemos classificar como remate de cabo de lâmina (CPI6C2, Fig. 28), de forma ovalada e mostrando a face inferior dois recortes arredondados. Na face interior observam-se ressaltos laterais para encaixe e vestígios de dois rebites verticais, bem como restos de ferrugem, provavelmente correspondentes ao cabo. Não é, no entanto de excluir que este objecto tenha sido aplicado noutro tipo de artefactos. Mede 2,9 cm de comprimento, 2,7 cm de largura e tem de espessura máxima 0,45 cm, apresentando bom estado de conservação.

Outros achados de menor importância ou de classificação duvidosa foram recolhidos em Penamacor. Entre eles está um possível espevitador em ferro (CPI3C2), com vareta de secção sub-retangular irregular, extremidade em ângulo recto afilada, medindo 9,5 cm de comprimento, 0,5 cm de largura e 0,25 cm de espessura máxima. Paralelos possíveis para este artefacto são os exumados em Castelo Novo e Palmela, ambos em bronze, datados dos séculos XV-XVI (Fernandes e Carvalho, 1997, p. 293, Fig. 15, n.º 86).

Também de cronologia incerta é o garfo em ferro (CPI6C2), com cabo de secção oval e cabeça chapeada, no qual estão ausentes os dentes laterais, subsistindo os dois centrais, de um total de quatro. O cabo mede 12,9 cm de comprimento e 0,6 de espessura, a cabeça têm 3 cm de largura, 2,6 de comprimento e cerca de 0,2 cm de espessura, ao passo que cada dente mede 2,4 cm de comprimento.

Merecem referências dois fragmentos de lâminas em ferro, em mau estado de conservação (CPI6C2 e CPI6C3): o primeiro com folha estreita, mostrando numa das extremidades perfuração para fixação de cabo, enquanto a outra tem dobra acentuada, medindo 9,7 cm de comprimento, 1,4 cm de largura e 0,4 cm de espessura máxima; o segundo, que se apresenta muito torcido, tem ainda visível uma perfuração para aplicação de cabo numa das extremidades, medindo 5,2 cm de comprimento, 1,3 cm de largura e 0,2 cm de espessura máxima.

Salientem-se ainda três botões em bronze, ocos (CPI3C2, CPI6C2 e CPI6C3): o primeiro, em forma de pastilha, tem ambas as superfícies separadas, mostrando na inferior o anel de fixação, medindo 1,9 cm de diâmetro; o segundo, com 1,6 cm de diâmetro, tem forma hemisférica e está incompleto, faltando parte da cobertura interna e a argola de fixação; o terceiro, também hemisférico, encontra-se completo, apresentando apenas uma perfuração na calote externa, e tem 1,3 cm de diâmetro.

Finalmente atente-se ao exemplar fragmentado de uma braçadeira em ferro (CPI6C3), com lâminas de secção subquadrangular sobrepostas, destinadas a reforçar o objecto a que estava destinada, o qual teria forma semicircular. Mede 11,8 cm de comprimento, cada lâmina tem 0,7 cm de largura, na zona em que sobrepõe tem 1,6 cm de largura e a espessura máxima é de 0,5 cm. Artefactos com o mesmo tipo de utilização foram recolhidos em contextos islâmicos de Liétor, embora em melhor estado de conservação (Navarro Palazón e Robles Fernández, 1996, est. LXXIII).

3.3. Numismas

O conjunto numismático recolhido nesta campanha de escavações em Penamacor revelou-se muito diversificado, embora não totalmente coerente. De facto, apesar de se terem exumado espécimes muito variados, alguns dos quais pouco frequentes em níveis arqueológicos deste período, as suas datas de cunhagem, também diversas, não são uma grande ajuda na classificação do arqueossítio.

De facto, se o conjunto pode ser genericamente datado dos séculos XIII a XVI, o que de alguma forma nos dá uma ideia geral sobre a época de ocupação do espaço, a sua disposição não permite conferir às respectivas camadas grande coerência arqueológica. Por exemplo, em dois dos quadros intervencionados recolheram-se dinheiros da primeira dinastia em nível superior a ceitis tardo-medievais. Em todo o caso, apesar de ser evidente a descontextualização dos achados, note-se que dos 25 exemplares descobertos, apenas 3 dizem respeito a numismas dos séculos XIII e XIV, registando-se uma esmagadora maioria de 16 espécimes dos séculos XV e XVI:

	C2	C3
Q3	2 indeterminadas 2 ceitis 1 ceitel (D. Duarte) 2 ceitis (D. Manuel I)	1 indeterminada 1 dinheiro 1 meio real (D. João I) 1 real preto (D. Afonso V a D. Duarte) 1 ceitel 1 Três reis (D. João III)
Q6	2 indeterminadas 2 dinheiros (D. Afonso III a D. Pedro I) 2 ceitis 1 ceitel (D. Afonso V) 1 real preto (D. Afonso V) 2 ceitis (D. Manuel I)	1 real branco (D. Duarte)
Q9	1 indeterminada	

3.4. Líticos

Finalmente nomeiem-se alguns objectos relevantes em pedra, exumados nestes trabalhos. De cronologia medieval refiram-se apenas duas pequenas bolas de funda afeiçoadas, em granito branco de grão fino, com 1,6 cm de diâmetro (CPI6C2, Fig. 27), e paralelos em diversos arqueossítios portugueses, nomeadamente o castelo de Silves (Barroca e Monteiro, 2000, p. 364-65).

Mais importantes, porém, parecem ser os vestígios de uma ocupação pré-histórica deste espaço. No âmbito da intervenção realizada neste castelo, destaque-se a lamela sobre lasca em sílex castanho avermelhado, recolhida no Q6-C3, junto ao afloramento rochoso (Fig. 31). Mede 2,4 cm de comprimento, 1 cm de largura e 0,31 cm de espessura máxima. Preservam-se as secções proximal e mesial, incluindo parte da superfície cortical junto ao conchóide, notando-se a ausência da ponta distal, que se encontra fracturada. Tem forma curva, mostrando retoques limítrofes sobre um dos lados e pequenas lesões, possivelmente resultantes de utilização, no oposto.

Relevantes também são os dois percutores aqui identificados. Um em anfibolito cinzento, com forma oval, mostra vestígios de polimento e marcas de utilização; em ambas as extremidades apresenta fracturas, e também indícios de contacto com o fogo (CPI6C2, Fig. 32). Outro, também em anfibolito cinzento, de forma oval achatada, mostrando polimento e marcas de utiliza-

ção; uma das extremidades apresenta-se fracturada, ao passo que a outra tem marcas de utilização (CPI9C2, Fig. 32).

Fora das sondagens realizadas, e no âmbito da prospecção efectuada nos afloramentos rochosos onde assentariam as estruturas medievais da alcáçova, detectaram-se mais alguns artefactos em sílex; entre várias esquirolas e lascas deterioradas sobretudo pela acção do fogo, seleccionámos dois raspadores unguiformes, ambos conseguidos recorrendo a um mesmo modelo tecnológico, mostrando pequenos levantamentos e retoques limítrofes sobre lasca de pequena dimensão. Um dos exemplares, de sílex castanho avermelhado, está completo, medindo 2,5 cm de altura, 2,65 cm de largura e 0,7 cm de espessura máxima, verificada na zona do conchóide (Fig. 31). Do outro, em sílex cinzento claro, subsistem as secções mesial e proximal, esta última ainda com parte da superfície cortical; mede 2,45 cm de largura e 0,65 cm de espessura máxima, também sobre o conchóide (Fig. 31).

4. Conclusão

As escavações arqueológicas de que aqui se deixou breve notícia são um pequeno passo para o aprofundamento do conhecimento histórico sobre Penamacor, uma sondagem inicial ao terreno perspectivando campanhas futuras mais alargadas. Representam também uma medida preliminar no domínio da valorização patrimonial do casco histórico desta vila, que se deseja também incrementar. Dado o limitado período desta primeira intervenção e as contingências naturais de uma acção com carácter pioneiro neste concelho, os resultados são por hora relativamente modestos. Em termos de reconhecimento de estruturas, apesar da prospecção ali efectuada ter permitido gizar próximas intervenções e de se terem identificado ténues vestígios de pisos e muro, os resultados ficaram aquém do esperado. Quedaram por reconhecer os vestígios da alcáçova medieval de Penamacor, ilustrados pelos desenhos de Duarte de Armas nos inícios de quinhentos, bem como outras estruturas que lhe estariam anexas, havendo que esperar por novas campanhas para que seja possível uma compreensão global do espaço, nomeadamente dos dados revelados por estas escavações.

Destaque-se, ainda assim, a recolha de um espólio arqueológico relativamente importante, classificado geralmente entre os séculos XV e XVII, embora haja também escassos artefactos medievais plenos e mesmo de períodos anteriores. Entre aquele note-se a presença de algumas cerâmicas de produção espanhola, com decorações em reflexo metálico, violeta de manganês, azul de cobalto e corda seca total, reveladora pelo menos da existência de canais de circulação e comércio de bens de algum requinte para esta região, relativamente afastada dos principais palcos políticos, económicos e culturais do Reino de Portugal nos tempos medievais e modernos. A sua importação denota também a presença, em Penamacor, de uma elite com poder económico suficientemente capaz de as adquirir. Para além destes, saliente-se a presença de numerosos artefactos quotidianos, uns de produção local, outros regional e outros ainda nacional, com paralelos próximos sobretudo no vizinho castelo de Castelo Novo, que os signatários vêm intervencionando desde 2002. Espera-se que a continuação das intervenções arqueológicas em Penamacor, bem como o estudo global dos resultados obtidos naquele outro arqueossítio, possibilitem maior conhecimento da cultura material e do quotidiano destas populações da Beira Interior nas épocas referidas, bem como da sua evolução histórica.

A escassez de artefactos pré-históricos, representados por um único fragmento cerâmico e alguns instrumentos em sílex de teor microlaminar, apesar de serem compatíveis com exemplares

recolhidos em outros arqueossítios com ocupação calcolítica da Meseta ibérica, tanto em território nacional como do outro lado da fronteira, não são de momento suficientes para caracterizar o modelo de ocupação naquele sector do Cimo da Vila. Refira-se que as alterações construtivas realizadas na área da alcáçova, onde incidiu esta intervenção, terão sido muito destrutivas no que concerne a vestígios mais recuados, pelo que esperamos que trabalhos futuros, já previstos, nos permitam recolher dados mais importantes.

5. Catálogo de cerâmicas

Q3

Prato (CPI3C1-01 / CPI6C2-18).

Fragmentos de parede oblíqua, sendo a aba demarcada internamente do recipiente por um filete. A sua espessura oscila entre os 0,8 cm e 1 cm. Pasta de cor vermelha clara (2.5YR 6/6), medianamente compacta e homogénea, mostrando bolhas e fissuras e contendo elementos não plásticos micáceos de grão fino e raros quartzíticos de grão grosso. A superfície interna é revestida por vidrado espesso e brilhante de cor amarela clara (5Y 8/4), decorado com traços escorridos irregulares de tom verde-escuro.

Prato (CPI3C1-09).

Fragmento de bordo e de parede. O primeiro é extrovertido, com lábio afilado de secção semi-circular. A aba é oblíqua, com demarcação para o recipiente de forma convexa. O diâmetro do bordo é de 23 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,4 cm e os 0,7 cm. Pasta de cor amarela clara (2.5Y 8/4), medianamente compacta e homogénea, com elementos não plásticos de grão fino e raros de grão médio. As superfícies são revestidas por esmalte de cor branca, aderente e brilhante. A externa mostra pequenas manchas azuladas, ao passo que a interna apresenta decoração em azul de cobalto, constituída por duas linhas concêntricas paralelas ao bordo; na parte superior do recipiente uma outra delimita banda em que se insere um motivo vegetalista, formado por sequência de pinceladas largas e irregulares integradas num círculo. Este motivo encontra-se ladeado por seis grossos traços curvos (Fig. 13).

Prato (CPI3C1-10).

Fragmentos de bordo e de parede. O primeiro é extrovertido, com lábio afilado de secção semi-circular. A aba é oblíqua, com demarcação para o recipiente de forma convexa. O diâmetro do bordo é de 26 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,2 cm e os 0,5 cm. Pasta de cor amarela clara (2.5Y 8/3), medianamente compacta e homogénea, com elementos não plásticos de grão fino. As superfícies são revestidas por esmalte de cor branca, aderente e brilhante. A externa mostra decoração de tipo geométrico, exclusivamente em azul de cobalto, constituída por pinceladas irregulares, uma paralela ao bordo, outra vertical, formando um espaço onde se inserem dois traços curvos. A face interna apresenta motivo subquadrangular, composto por quatro conjuntos de linhas em vários tons de azul de cobalto, no interior do qual se inscrevem três espirais; o espaço entre estas foi preenchido por sequência de pintas dispostas aleatoriamente, das quais são visíveis seis (Fig. 13).

Prato (CPI3C2-08)

Fragmento de fundo e parede. Esta é oblíqua, sendo a aba demarcada internamente do recipiente por ligeiro filete, assentando em fundo em ônfalo. O diâmetro do fundo é de 7,2 cm, a sua espessura é de 0,3 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,7 cm e os 0,9 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino. A superfície interna é revestida por vidrado espesso de cor verde, aplicado sobre aguada branca, ao passo que a externa foi coberta por aguada de cor cinzenta esverdeada (GLE Y2 6/5BG).

Prato (CPI3C2-32)

Fragmento de fundo e parede. Esta é oblíqua, assentando em fundo algo destacado em pastilha, ligeiramente côncavo. O diâmetro do fundo é de 5,6 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,8 cm e os 1,0 cm. Pasta de cor amarela clara (2.5Y 8/2), pouco compacta e homogénea, com bolhas bem visíveis, e com elementos não plásticos micáceos de grão fino. A superfície interna é revestida por esmalte brilhante e aderente de cor branca esverdeada, enquanto a externa apresenta apenas vestígios deste tratamento.

Prato (CPI3C2-33)

Fragmentos de fundo e parede. Esta é oblíqua, com uma demarcação interna em filete, separando a aba do recipiente, assentando em fundo em ônfalo. O diâmetro do fundo é de 9 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,7 cm e os 0,9 cm. Pasta de cor amarela clara (2.5Y 8/2), medianamente compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e médio. As superfícies são revestidas por esmalte brilhante de cor branca acinzentada de fraca qualidade, mostrando desgaste de utilização.

Prato (CPI3C2-36)

Fragmento de fundo e parede. Esta é oblíqua, assentando em fundo em ônfalo. O diâmetro do fundo é de cerca de 10 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,9 cm e os 1,3 cm. Pasta de cor amarela clara (2.5Y 8/3), medianamente compacta e homogénea, apresentando bolhas e fissuras, com elementos não plásticos micáceos de grão fino. As superfícies são revestidas por esmalte de cor branca, mostrando desgaste de utilização. A interna mostra vestígios de decoração em azul de cobalto e manganês, formando linhas concêntricas.

Prato (CPI3C2-37)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio de secção semicircular, ligeiramente afilado. A segunda é oblíqua. O diâmetro do bordo é de 21 cm e a espessura da parede é de 0,5 cm. Pasta de cor amarela clara (2.5Y 8/3), compacta e homogénea, com elementos não plásticos de grão muito fino. As superfícies são revestidas por esmalte brilhante e aderente de cor branca. A interna tem decoração em azul de cobalto junto ao bordo, mostrando volutas duplas, inseridas entre duas ténues linhas concêntricas paralelas, distando entre si 1,2 cm (Fig. 13).

Prato (CPI3C1-05)

Fragmento de parede, marcada internamente por um filete, separando a aba do recipiente. A espessura da parede é de 0,8 cm. Pasta de cor castanha (7.5YR 5/3), homogénea e compacta,

com elementos não plásticos micáceos de grão fino. A superfície interior é brunida, apresentando vestígios de queimadura pós fractura.

Prato (CPI3C2-03)

Fragmentos de fundo e parede. Esta é curva, sendo a aba demarcada internamente do recipiente por um filete, assentando em fundo côncavo com ligeiro ônfalo, também demarcado internamente por um ressaltado. O diâmetro máximo do fundo é de 7 cm, a sua espessura é de 0,7 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,7 cm e os 1,1 cm. Pasta de cor laranja (5YR 6/8), medianamente compacta e homogénea, mostrando bolhas e fissuras e elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a médio. A superfície interna é revestida por vidro brilhante de cor melada, aplicado sobre aguada de cor branca, ao passo que a externa se encontra rudemente alisada. O exemplar mostra vestígios de queimadura pós fractura (Fig. 20).

Prato (CPI3C2-07)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio de perfil semicircular. A segunda é oblíqua. O diâmetro do bordo é de 23,2 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,6 cm e os 0,8 cm. Pasta de cor laranja (5YR 6/8), medianamente compacta e homogénea, mostrando bolhas e elementos não plásticos micáceos de grão fino e raros quartzíticos de grão fino a grosso. A superfície interna é revestida por vidro baço de cor amarela clara, aplicado sobre aguada castanha acinzentada clara (10YR 6/2), com traço escorrido de cor verde, ao passo que a externa apresenta escorrências da aguada e do vidro. O exemplar está bastante deteriorado pelas condições de jazida, registando-se diversas concreções na superfície interna.

Prato (CPI3C2-16)

Fragmento de parede, marcada internamente por um filete, separando a aba do recipiente. A espessura da parede é de 0,8 cm. Pasta de cor castanha (5YR 5/4), homogénea e compacta, com elementos não plásticos micáceos de grão fino. A superfície interior é brunida, apresentando vestígios de queimadura pós fractura.

Prato (CPI3C2-23)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio algo espessado e biselado exteriormente. A aba é oblíqua. O diâmetro do bordo é de 20 cm e a espessura da parede oscila entre 0,6 cm e 0,7 cm. Pasta de cor castanha avermelhada (5YR 5/4), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino. A superfície interna encontra-se bem brunida, mostrando o exemplar vestígios de queimadura pós fractura.

Prato (CPI3C2-24)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é bem extrovertido, com lábio espessado de perfil semicircular, ligeiramente afilado. A aba é oblíqua. O diâmetro do bordo é de 18 cm e a espessura da parede oscila entre 0,5 cm e 0,7 cm. Pasta de cor vermelha acastanhada (2.5YR 5/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos de grão fino. As superfícies encontram-se bem alisadas, mostrando vestígios de queimadura pós fractura.

Prato (CPI3C2-25)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio espessado de perfil semicircular. A aba é oblíqua e ligeiramente curva, estando marcada internamente por um filete,

que a separa do recipiente. O diâmetro do bordo é de 22 cm e a espessura da parede oscila entre 0,7 cm e 0,8 cm. Pasta de cor vermelha (10R 5/8), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a médio e raros quartzíticos de grão grosso. As superfícies encontram-se alisadas, sobretudo a interna.

Prato (CPI3C2-29)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é bem extrovertido, com lábio espessado de perfil semicircular. A aba é oblíqua. O diâmetro do bordo é de 22 cm e a espessura da parede é de 0,6 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 4/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino. A superfície interna encontra-se bem brunida, ao passo que a externa está apenas alisada. O fragmento mostra queimadura pós fractura.

Prato (CPI3C3-01 / CPI3C2-02)

Fragmentos de bordo, parede e fundo. O primeiro é muito extrovertido, com lábio de secção semicircular, afilado e espessado externamente. A segunda é oblíqua, sendo a aba demarcada internamente do recipiente por um filete, assentando em fundo em pastilha. O diâmetro do bordo é de 24 cm, a espessura da parede oscila entre 0,8 cm e 1,1 cm e o diâmetro do fundo é de 6 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino. A superfície interna está brunida, ao passo que a externa está bem alisada. O exemplar mostra vestígios de queimadura pós fractura (Fig. 20).

Prato (CPI3C3-02)

Fragmento de fundo e parede. Esta é oblíqua, sendo demarcada por ligeiro ressalto a 2,9 cm do fundo, que tem pé em anel. O diâmetro do fundo é de 7,2 cm, a sua espessura é de 0,5 cm e a espessura da parede oscila entre 0,6 cm e 0,9 cm. Pasta de cor vermelha clara (10R 5/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino. A superfície interna é revestida por vidro espesso verde manchado, aplicado sobre aguada branca, ao passo que a externa é muito bem alisada (Fig. 24).

Prato (CPI3C3-03)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio de secção semicircular. A segunda é oblíqua, sendo a aba demarcada internamente do recipiente por um ligeiro ressalto. O diâmetro do bordo é de 22 cm e a espessura da parede oscila entre 0,7 cm e 0,9 cm. Pasta de cor laranja (5YR 6/6), medianamente compacta e homogénea, mostrando bolhas, elementos não plásticos micáceos de grão fino e raros quartzíticos de grão médio a grosso. A superfície interna é revestida por vidro melado, aplicado sobre aguada de cor branca, ao passo que a externa mostra apenas algumas escorrências resultantes da aplicação do vidro sobre o bordo.

Prato (CPI3C3-04)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio de perfil semicircular, ligeiramente afilado. A segunda é oblíqua. O diâmetro do bordo é de 25,2 cm e a espessura da parede oscila entre 0,7 cm e 0,9 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/8), medianamente compacta e homogénea, mostrando bolhas e elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino. A superfície interna é revestida por vidro espesso de cor verde, aplicado

sobre aguada de cor branca, ao passo que a externa apresenta aquele mesmo tratamento, numa faixa com 1 cm de espessura junto ao bordo, delimitada inferiormente por um ligeiro ressalto, destinado a evitar as escorrências. Apresenta sobre o bordo concreções resultantes das condições de jazida.

Prato (CPI3C3-05)

Fragmento de fundo e parede. Esta é oblíqua, assentando em fundo com pé em anel. O diâmetro do fundo é de 8 cm e a espessura da parede é de 1 cm. Pasta de cor vermelha clara (2.5YR 6/8), medianamente compacta e homogénea, mostrando bolhas e fissuras, bem como elementos não plásticos de grão fino e um de grão muito grosso. A superfície interna é revestida por vidro espesso verde matizado, com linhas irregulares, aplicado sobre aguada branca, ao passo que a externa mostra escorrências de tom melado escuro e vestígios da aguada.

Prato (CPI3C3-06)

Fragmentos de parede oblíqua, com 7,4 cm de comprimento e 5,5 cm de largura máxima; a sua espessura oscila entre 0,8 cm e 1,0 cm. Pasta de cor rosada (7.5YR 7/3), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão finíssimo. As superfícies estão revestidas por esmalte brilhante de cor amarelada. Esta última apresenta decoração formada por duas bandas em manganês, intervaladas por conjuntos de linhas paralelas em azul de cobalto.

Prato (CPI3C3-24)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, aplanado superiormente e tem lábio de perfil semicircular. A aba é oblíqua. O diâmetro do bordo é de 24 cm e a espessura da parede oscila entre 0,5 cm e 0,7 cm. Pasta de cor bege (10YR 7/4), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e raros quartzíticos de grão médio. A superfície interna encontra-se bem brunida, ao passo que a externa está apenas alisada. O fragmento mostra vestígios de queimadura pós fractura, sobretudo no interior.

Prato (CPI3C3-25)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio biselado. A aba é oblíqua. O diâmetro do bordo é de 23 cm e a espessura da parede oscila entre 0,7 cm e 0,9 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e alguns nódulos cerâmicos de média dimensão. A superfície interna encontra-se brunida, ao passo que a externa está apenas alisada. O fragmento mostra grande queimadura pós fractura.

Escudela (CPI3C3-05)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é algo extrovertido, com lábio de formato muito irregular, dada a aplicação de decoração plástica na vertical. O exemplar mostra também uma asa de formato subtriangular, perfurada na vertical junto ao bordo, tendo este orifício 0,6 cm de diâmetro e 1,2 cm de profundidade. O diâmetro do bordo é de 12 cm e a espessura da parede é de 0,4 cm. Pasta de cor vermelha clara (2.5YR 6/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino. A superfície interna está revestida de vidro brilhante e espesso de cor verde-escuro, aplicado sobre espessa aguada branca, ao passo que a externa mostra escorridos destes tratamentos.

Escudela (CPI3C2-06)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio de formato muito irregular, dada a aplicação de decoração plástica na vertical, imediatamente sobre a carena; esta surge a 2,3 da extremidade superior do lábio. O diâmetro do bordo é de 14 cm e a espessura da parede é de 0,6 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 6/8), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino. A superfície interna está revestida de vidro brilhante e espesso de cor verde, aplicado sobre aguada branca, ao passo que a externa mostra escorridos destes tratamentos.

Taça (CPI3C1-06)

Fragmento de fundo e de parede. Esta é curva, estando assente em fundo em pastilha, demarcado externamente por ligeiro espessamento. O diâmetro do fundo é de 7,8 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,4 cm e os 0,6 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 4/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e raros de grão grosso. A superfície externa é alisada e a interna é rudemente brunida.

Taça (CPI3C1-02)

Fragmentos de bordo, parede e fundo, apresentando forma hemisférica. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, ligeiramente reentrante e demarcado externamente por uma canelura incisa a 1 cm da extremidade superior. A parede é curva, assentando em fundo em pastilha, ligeiramente espessado exteriormente e demarcado internamente por um filete. O diâmetro do bordo é de 16 cm, o do fundo é de 8 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,6 cm e os 0,8 cm. Pasta de cor laranja (5YR 5/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e raros de grão grosso. As superfícies encontram-se muito desgastadas e cobertas por concreções várias, resultantes das condições de jazida (Fig. 18).

Taça (CPI3C1-08)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, algo espessado internamente e demarcado externamente por uma canelura incisa a 0,7 cm da extremidade superior. A segunda é curva. O diâmetro do bordo é de 16 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,5 cm e os 0,6 cm. Pasta de cor laranja (5YR 5/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e raros quartzíticos de grão grosso. A superfície interna encontra-se brunida.

Taça (CPI3C2-09)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é ligeiramente extrovertido, com lábio afilado. A segunda é carenada, surgindo a 2,2 cm da extremidade superior do lábio. O diâmetro do bordo é de 14 cm e a espessura oscila entre 0,5 cm e 0,7 cm. Pasta de cor vermelha clara (2.5YR 6/8), medianamente compacta e homogénea, mostrando fissuras e bolhas, e contendo elementos não plásticos de grão fino. A superfície interna está revestida de vidro melado, aplicado sobre aguada espessa de cor branca, exceptuando sobre o bordo, onde o vidro é verde escuro. A superfície externa mostra escorridos de vidro de ambas as cores, bem como vestígios da acção do fogo (Fig. 17).

Taça (CPI3C2-10)

Fragmento de bordo, parede e fundo, apresentando forma hemisférica. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, ligeiramente afilado e espessado internamente, estando demarcado externamente por uma canelura com 0,4 cm de largura, distando da extremidade 0,9 cm. A segunda é curva e assenta em fundo em pastilha, demarcado externamente por ligeiro espessamento. O diâmetro do bordo é de 17 cm, a espessura oscila entre 0,5 cm e 0,7 cm, o diâmetro do fundo é de 9 cm e a sua espessura de 0,6 cm. Pasta de cor vermelha clara (2.5YR 6/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino, quartzíticos de grão fino e raros de grão grosso. A superfície interna e o bordo encontram-se brunidos, ao passo que a externa está rudemente alisada (Fig. 19).

Taça (CPI3C2-11)

Fragmento de bordo, parede e fundo, apresentando forma hemisférica. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, ligeiramente espessado internamente, estando demarcado externamente por uma incisão a 0,8 cm da extremidade. A segunda é curva e assenta em fundo em pastilha, demarcado externamente por ligeiro espessamento. O diâmetro do bordo é de 18 cm, a espessura oscila entre 0,6 cm e 0,8 cm, o diâmetro do fundo é de 8 cm e a sua espessura de 0,6 cm. Pasta de cor vermelha (10R 5/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino, quartzíticos de grão fino e raros de grão grosso. A superfície interna e o bordo encontram-se brunidos, ao passo que a externa está alisada (Fig. 19).

Taça (CPI3C2-14)

Fragmento de fundo e de parede. Esta é curva, assentando em fundo em pastilha, demarcado externamente por ligeiro espessamento. O diâmetro do fundo é de 10 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,6 cm e os 0,7 cm. Pasta de cor vermelha (10R 5/6), medianamente compacta e homogénea, mostrando bolhas, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a médio e raros quartzíticos de grão grosso. A superfície interna é rudemente brunida.

Taça (CPI3C2-19)

Fragmento de fundo e parede. Esta é oblíqua, assentando em fundo plano. O diâmetro do fundo é de 7 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,4 cm e os 0,8 cm. Pasta de cor castanha avermelhada (5YR 5/4), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino. A superfície interna encontra-se bem brunida, ao passo que a externa está bem alisada. O exemplar mostra vestígios de queimadura pós fractura.

Taça (CPI3C2-26)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, ligeiramente afilado e demarcado externamente por uma canelura com 0,3 cm de largura, distando da extremidade 0,6 cm. A segunda é curva. O diâmetro do bordo é de 16,5 cm e a espessura da parede é de 0,6 cm. Pasta de cor castanha (7.5YR 4/2), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino. A superfície interna encontra-se brunida, ao passo que a externa está rudemente alisada. O exemplar mostra vestígios de grande queimadura pós fractura em ambas as superfícies, bem como incrustações devidas às condições de jazida.

Taça (CPI3C2-27)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, aplanado superiormente e demarcado no exterior por uma canelura com 0,4 cm de largura, distando da extremidade superior 0,6 cm. A segunda é curva. O diâmetro do bordo é de 16 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,5 cm e os 0,6 cm. Pasta de cor vermelha clara (2.5YR 6/8), medianamente compacta e homogénea, mostrando algumas bolhas e fissuras, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e quartzíticos de grão fino e médio. A superfície interna encontra-se rudemente alisada.

Taça (CPI3C2-28 / CPI3C3-29)

Fragmentos de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, algo espessado internamente e demarcado externamente por uma fina incisão irregular, executada a estilete, sendo também visível uma outra, distante daquela 0,3 cm, que não circunda toda a peça. A segunda é curva. O diâmetro do bordo é de 16 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,6 cm e os 0,8 cm. Pasta de cor laranja (5YR 6/8), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino e raros quartzíticos de grão grosso. A superfície interna encontra-se brunida, ao passo que a externa está rudemente alisada e coberta por uma aguada de cor laranja, mais clara que a pasta (5YR 7/6) (Fig. 18).

Taça (CPI3C2-30)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, espessado internamente. A segunda é curva. O diâmetro do bordo é de 13 cm e a espessura da parede é de 0,5 cm. Pasta de cor castanha acinzentada (5YR 4/2), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e alguns quartzíticos de grão médio. A superfície interna encontra-se bem brunida, ao passo que a externa está alisada. O exemplar mostra vestígios de queimadura pós fractura.

Taça (CPI3C2-39)

Fragmento de bordo e parede, mostrando forma hemisférica; o lábio tem perfil semicircular algo afilado superiormente e a parede é curva. Mede 18 cm de diâmetro e a espessura da parede tem 0,7 cm. Pasta de cor bege clara (10YR 8/4), compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo, praticamente imperceptíveis. A superfície interna encontra-se revestida por esmalte de cor bege, ligeiramente mais escura que a da pasta (10YR 7/4), bem como a parte superior do bordo; a face externa mostra decoração, segundo a técnica da corda seca total, formando motivo de teor geométrico, delimitado por traços de castanho de manganês, no qual se destaca pseudo-cordão sobre arcos. As cores empregues são o azul de cobalto, o ocre e o verde água, aplicadas da seguinte forma: imediatamente abaixo do bordo uma banda em azul de cobalto acompanha o pseudo-cordão, preenchido numa tonalidade verde água, repetida nos arcos que lhe estão ocasionalmente encostados; entre estas sequências a superfície da taça mostra cor ocre, repetindo-se a azul de cobalto, após aquele último motivo decorativo (Fig. 16).

Taça (CPI3C2-40)

Fragmento de parede com 1,9 cm de comprimento, 1,6 cm de largura e espessura de parede oscilando entre 0,9 cm e 1,1 cm. Pasta de cor rosada (5YR 7/4), compacta e homogénea, com

elementos não plásticos de grão finíssimo. As superfícies estão revestidas por esmalte de cor branca, sendo a externa de pior qualidade que a interna. Esta última apresenta decoração formada por reticulado em reflexo metálico acobreado, integrando pintas no interior de cada quadrado com igual tratamento (Fig. 14).

Taça (CPI3C3-11)

Fragmentos de fundo e parede, apresentando forma hemisférica. Esta é curva, assentando em fundo em pastilha, demarcado externamente por acentuado espessamento, diferenciando-se também internamente. O diâmetro do fundo é de 11 cm e a espessura da parede oscila entre 0,5 cm e 0,6 cm. Pasta de cor vermelha (10R 5/4), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e raros quartzíticos de grão médio. A superfície interna encontra-se brunida, ao passo que a externa está alisada.

Taça (CPI3C3-26)

Fragmentos de bordo e parede, apresentando forma larga e baixa. O primeiro é extrovertido, com lábio de perfil semicircular, aplanado superiormente. A segunda é acentuadamente curva. O diâmetro do bordo é de 30 cm e a espessura da parede é de 0,7 cm. Pasta de cor castanha avermelhada (2.5YR 5/4), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e alguns quartzíticos de grão médio. A superfície interna encontra-se bem brunida.

Taça (CPI3C3-27)

Fragmentos de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é ligeiramente extrovertido, com lábio de perfil semicircular, demarcado exteriormente por uma canelura boleada com 0,4 cm de largura, distando 0,9 cm da extremidade superior. A segunda é curva. O diâmetro do bordo é de 15 cm e a espessura da parede é de 0,6 cm. Pasta de cor vermelha (10R 4/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e raros quartzíticos também de grão fino. A superfície interna encontra-se brunida.

Taça (CPI3C3-28)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, ligeiramente aplanado. A segunda é curva. O diâmetro do bordo é de 15 cm e a espessura da parede oscila entre 0,6 cm e 0,7 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6), medianamente compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino a médio e alguns quartzíticos de grão grosso. A superfície interna encontra-se brunida, ao passo que a externa está bem alisada.

Taça (CPI3C3-30)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é introvertido, com lábio biselado, sendo demarcado externamente por uma canelura, que dista da extremidade superior 0,9 cm. A segunda é acentuadamente curva. O diâmetro do bordo é de 12 cm e a espessura da parede é de 0,5 cm. Pasta de cor vermelha clara (2.5YR 6/6), medianamente compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a grosso, bem como raros nódulos de cerâmica. As superfícies encontram-se cobertas por uma aguada, de cor alaranjada (7.5YR 6/6).

Taça (CPI3C3-40)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é ligeiramente extrovertido, com lábio de perfil semicircular. A segunda é relativamente direita, acentuando-se a curvatura a partir de meio da peça. O diâmetro do bordo é de 12 cm e a espessura da parede oscila entre 0,5 cm e 0,9 cm. Pasta de cor amarela clara (2.5Y 8/4), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino. As superfícies encontram-se cobertas por esmalte de cor branca, espesso, brilhante e aderente.

Taça (CPI3C3-41)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é vertical, com lábio de perfil afilado. A segunda é relativamente direita, apresentando carena pouco acentuada a 2,8 cm do bordo, demarcada por ligeiro espessamento e, externamente, por dois finos ressaltos, distando entre si 0,5 cm. O diâmetro do bordo é de 10 cm e a espessura da parede oscila entre 0,4 cm e 0,5 cm. Pasta de cor laranja (5YR 6/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino médio. As superfícies encontram-se cobertas por esmalte de cor verde acinzentado claro (GLE Y1 8/10Y), muito fino e mal aplicado, sobretudo na face externa (Fig. 18).

Especieiro (CPI3C3-42)

Fragmento de bordo, parede e fundo, apresentando forma hemisférica. O primeiro é extrovertido, com lábio de perfil semicircular, ligeiramente espessado externamente. A segunda é acentuadamente curva, assentando em fundo plano espessado. O diâmetro do bordo é de 7,5 cm, a espessura da parede oscila entre 0,5 cm e 1,1 cm e o diâmetro do fundo é de 3,5 cm. Pasta de cor amarela clara (2.5Y 8/3), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e nódulos cerâmicos de média dimensão. A superfície interna encontra-se cobertas por esmalte branco brilhante e aderente, ao passo que a externa mostra apenas escassos vestígios escorridos deste tratamento.

Copo (CPI3C3-31)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é bastante introvertido, com lábio de perfil subtriangular, bem aplanado superiormente e demarcado externamente por uma canelura, com 0,4 de largura, que dista da extremidade superior 0,6 cm. A segunda é acentuadamente curva. O diâmetro do bordo é de 9 cm e a espessura da parede é de 0,5 cm. Pasta de cor bege (2.5YR 6/4), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino e médio e raros quartzíticos de grão grosso. As superfícies encontram-se alisadas.

Púcaro (CPI3C1-07)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é ligeiramente extrovertido, com lábio afilado de perfil subtriangular, espessado externamente de forma a criar significativo ressalto. O colo é estrangulado e a parede tem forma globular. O diâmetro do bordo é de 12 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,4 cm e os 0,5 cm. Pasta de cor laranja (5YR 6/8), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e médio e raros quartzíticos de grão médio.

Caçarola (CPI3C3-32 / CPI3C3-33)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é ligeiramente extrovertido, com lábio de perfil semicircular, espessado exteriormente, num máximo de 0,5 cm. A segunda é carenada, a 2,2 cm do bordo, mostrando fina canelura paralela 0,6 cm abaixo da carena. O diâmetro do bordo é de 20 cm e a espessura da parede é de 0,4 cm. Pasta de cor castanha avermelhada (2.5YR 4/3), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e quartzíticos de grão fino a médio. A superfície interna é rudemente brunida, ao passo que a externa se encontra bem alisada, mostrando vestígios de utilização ao fogo.

Pote (CPI3C1-04)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio algo aplanado de perfil semicircular, espessado externamente formando significativo ressalto; tem de altura 1,5 cm e 0,8 cm de espessura máxima. O colo é ligeiramente estrangulado e a parede indicia forma globular. O diâmetro do bordo é de 11 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,4 cm e os 0,6 cm. Pasta de cor laranja (5YR 7/8), medianamente compacta e homogénea, com muitos elementos não plásticos micáceos de grão fino e alguns quartzíticos de grão médio e grosso.

Pote (CPI3C2-31 / CPI3C3-44)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio de perfil subtriangular, espessado interna e sobretudo externamente, formando aqui significativo ressalto; tem de altura 1,9 cm e 0,9 cm de espessura máxima. O colo é ligeiramente estrangulado e a parede indicia forma globular. O diâmetro do bordo é de 16 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,4 cm e os 0,6 cm. Pasta de cor vermelha clara (2.5YR 6/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino. As superfícies encontram-se cobertas por uma ténue aguada bege (7.5YR 6/4).

Panela (CPI3C1-03)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio de perfil subtriangular ligeiramente afilado e espessado interna e sobretudo externamente, formando ressalto; tem de altura 2,2 cm e 0,7 cm de espessura máxima. O colo é ligeiramente estrangulado e a parede mostra forma globular. O diâmetro do bordo é de 18,5 cm e a espessura da parede é de 0,5 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6), medianamente compacta e homogénea, com muitos elementos não plásticos micáceos de grão fino e quartzíticos de grão médio e grosso. A superfície externa, sobretudo o bordo, mostra vestígios de acção do fogo.

Panela (CPI3C2-13)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio de perfil curvo e aplanado superiormente, sendo demarcado externamente por uma canelura a 0,6 cm da parte superior e duas incisões a 1,2 cm e a 1,8 cm do mesmo; tem de altura 2,3 cm e 0,8 cm de espessura máxima. A parede mostra forma globular. O diâmetro do bordo é de 18 cm e a espessura da parede é de 0,4 cm. Pasta de cor castanha clara (10YR 6/4), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino. As superfícies mostram vestígios de queimadura pós fractura.

Panela (CPI3C2-18)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio de perfil curvo, aplanado superiormente, espessado interna e externamente. No exterior é demarcado por uma canelura a 0,4 cm da parte superior e duas incisões irregulares a 1,1 cm e a 1,6 cm do mesmo; tem de altura 2 cm e 1 cm de espessura máxima. A parede mostra forma globular. O diâmetro do bordo é de 17 cm e a espessura da parede é de 0,5 cm. Pasta de cor laranja (7.5YR 6/6), medianamente compacta e homogénea, mostrando bolhas, elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino e raros nódulos de cerâmica. As superfícies mostram vestígios de queimadura pós fractura.

Panela (CPI3C2-20)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio de perfil afilado, espessado externamente, formando um significativo ressalto; tem de altura 1,8 cm e 0,8 cm de espessura máxima. O colo é estrangulado e a parede mostra forma globular. O diâmetro do bordo é de 16 cm e a espessura da parede é de 0,4 cm. Pasta de cor laranja (5YR 7/8), medianamente compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e quartzíticos de grão fino a grosso. O exemplar mostra bastante desgaste na superfície externa.

Panela (CPI3C2-21)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio de perfil curvo, aplanado superiormente, espessado interna e externamente. No exterior é demarcado por uma canelura a 0,6 da parte superior e três incisões irregulares a 1,2 cm, 1,6 cm e 2,0 cm do mesmo; tem de altura 2,1 cm e 0,9 cm de espessura máxima. A parede mostra forma globular. O diâmetro do bordo é de 16 cm e a espessura da parede é de 0,4 cm. Pasta de cor laranja (7.5YR 6/8), medianamente compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a médio.

Panela (CPI3C3-12)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é ligeiramente extrovertido, com lábio de perfil subtriangular bastante boleado, sendo demarcado externamente por uma depressão a 1 cm da parte superior; tem de altura 1,7 cm e 0,7 cm de espessura máxima. O colo é estrangulado e a parede mostra forma globular. O diâmetro do bordo é de 13,6 cm e a espessura da parede é de 0,4 cm. Pasta de cor castanha (7.5YR 5/4), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a médio. A superfície externa foi coberta por aguada de cor castanha (7.5 YR 6/4) e mostra vestígios de queimadura pré e pós fractura (Fig. 22).

Panela (CPI3C3-16)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio de perfil curvo, aplanado superiormente, espessado interna e externamente. No exterior é demarcado por uma canelura a 0,4 cm da parte superior e duas incisões irregulares a 0,9 cm e a 1,6 cm do mesmo; tem de altura 2,1 cm e 1,0 cm de espessura máxima. A parede mostra forma globular. O diâmetro do bordo é de 17 cm e a espessura da parede é de 0,5 cm. Pasta de cor laranja (7.5YR 6/6), medianamente compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a médio e raros nódulos de cerâmica. As superfícies mostram vestígios de queimadura pós fractura.

Panela (CPI3C3-17)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, consideravelmente espessado externamente, formando um significativo ressalto; tem de altura 1,9 cm e 0,8 cm de espessura máxima. O colo é estrangulado e o arranque de parede indica forma globular. O diâmetro do bordo é de 16 cm e a espessura da parede é de 0,5 cm. Pasta de cor vermelha clara (2.5YR 6/8), medianamente compacta e homogénea, com muitos elementos não plásticos micáceos de grão fino e quartzíticos de grão médio e grosso. O exemplar mostra vestígios de queimadura pré e pós fractura.

Panela (CPI3C3-18)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, algo espessado e demarcado externamente por três finais incisões; tem de altura 1,8 cm e 0,8 cm de espessura máxima. A parede mostra forma globular. O diâmetro do bordo é de 10,8 cm e a espessura da parede é de 0,5 cm. Pasta de cor castanha avermelhada (5YR 5/4), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a médio. O exemplar mostra vestígios de queimadura pré e pós fractura (Fig. 22).

Panela (CPI3C3-19)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio de perfil semicircular, espessado e demarcado externamente por depressão com 0,8 cm de largura, a 1 cm da parte superior; o bordo tem de altura 1,9 cm e 0,9 cm de espessura máxima. O colo é estrangulado e a parede indica forma globular. O diâmetro do bordo é de 17 cm e a espessura da parede é de 0,5 cm. Pasta de cor cinzenta avermelhada escura (5YR 4/2), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a médio. O exemplar mostra vestígios de queimadura pós fractura.

Panela (CPI3C3-20)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, ligeiramente afilado e consideravelmente espessado externamente, formando um significativo ressalto; tem de altura 1,7 cm e 0,7 cm de espessura máxima. O colo é estrangulado e a parede mostra forma globular. O diâmetro do bordo é de 12 cm e a espessura da parede é de 0,4 cm. Pasta de cor vermelha clara (5YR 6/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e quartzíticos de grão fino a médio. O exemplar mostra vestígios de queimadura pós fractura.

Panela (CPI3C3-21)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, espessado externamente, formando um ressalto; tem de altura 1,6 cm e 0,7 cm de espessura máxima. O colo é significativamente estrangulado e a parede mostra forma globular. O diâmetro do bordo é de 12 cm e a espessura da parede oscila entre 0,4 cm e 0,5 cm. Pasta de cor vermelha (10R 5/6), compacta e homogénea, com muitos elementos não plásticos micáceos de grão fino e alguns quartzíticos de grão médio. O exemplar mostra vestígios de grande queimadura pós fractura.

Panela (CPI3C3-22)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, espessado no interior para assentamento de um testo e externamente formando um significativo ressalto; tem de altura 1,6 cm e 0,7 cm de espessura máxima. O colo é significativamente estrangulado e a parede mostra forma globular. O diâmetro do bordo é de 12 cm e a espessura da parede é de 0,3 cm. Pasta de cor vermelha (10R 5/6), compacta e homogénea, com muitos elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a médio. O exemplar mostra vestígios de queimadura pós fractura (Fig. 23).

Testo? (CPI3C2-38)

Fragmento de fundo e parede. Esta é oblíqua, estando a aba demarcada do recipiente por significativa inflexão, assentando em fundo com ligeiro ônfalo. O diâmetro do fundo é de 8 cm e a espessura da parede oscila entre 0,6 cm e 1 cm. Pasta de cor bege (10YR 8/3), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão finíssimo. A superfície interna está revestida de esmalte branco de má qualidade, ao passo que a externa está coberta por esmalte branco, brilhante e aderente, mostrando decoração de reflexo metálico, dourada. Esta é constituída por duas faixas paralelas com espessura variável, formando banda onde se insere sequência de traços irregulares, curvos, bem como algumas pintas. O motivo decorativo sugere banda de tipo pseudo-epigráfica (Fig. 14).

Testo (CPI3C3-23)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é extrovertido com lábio de perfil semicircular, espessado exteriormente. A segunda é oblíqua, sendo plana na parte superior. O diâmetro do bordo é de 18 cm e a espessura da parede oscila entre 0,6 cm e 0,8 cm. Pasta de cor castanha avermelhada (2.5YR 4/4), medianamente compacta e homogénea, com muitos elementos não plásticos micáceos de grão fino e quartzíticos de grão fino a grosso. O exemplar, mostra vestígios de utilização ao fogo (Fig. 24).

Cântaro (CPI3C3-10 / CPI3C3-13)

Fragmentos de bordo, parede e arranque de asa. O primeiro é vertical, com lábio de perfil subtriangular, tendo 1,2 cm de altura e 0,9 cm de espessura máxima. O gargalo tem 2 cm de altura e é curvo, arrancando dele asa de secção oval. A parede, que parte de colo ligeiramente estrangulado, é oblíqua. O diâmetro do bordo é de 9,8 cm, a largura da asa é de 4 cm e a espessura da parede é de 0,5 cm. Pasta de cor vermelha (10R 5/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e quartzíticos de grão fino a grosso. O exemplar mostra algumas incrustações, resultantes das condições de jazida (Fig. 24).

Talha (CPI3C3-08)

Fragmento de parede, com 14 cm de comprimento, 13,5 cm de largura máxima e espessura oscilando entre 1,2 cm e 1,8 cm. Pasta de cor castanha avermelhada (5YR 5/3), medianamente compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos micáceos de grão fino a médio e quartzíticos de grão fino a grosso. A superfície externa mostra decoração plástica digitada em banda horizontal.

Talha (CPI3C3-09)

Fragmentos de parede, com 10 cm de comprimento, 11 cm de largura máxima e 1,3 cm de espessura. Pasta de cor laranja (5YR 6/6), compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino. A superfície externa mostra decoração plástica digitada em banda horizontal.

Q6*Prato (CPI6C2-01)*

Fragmento de fundo e parede. Esta é oblíqua, sendo a aba demarcada internamente do recipiente por um ligeiro ressalto, assentando em fundo em ônfalo. O diâmetro do fundo é de 6,5 cm, a sua espessura é de 0,5 cm e a espessura da parede oscila entre 0,7 cm e 1,3 cm. Pasta de cor vermelha clara (2.5YR 6/8), medianamente compacta e homogénea, mostrando bolhas e fissuras, algumas de grande dimensão. Contém elementos não plásticos micáceos de grão fino, alguns quartzíticos de grão médio a grosso e raros nódulos cerâmicos. A superfície interna é revestida por vidro espesso de cor verde-escuro, de tons variados, aplicado sobre aguada de cor esbranquiçada, ao passo que a externa se encontra rudemente alisada. O exemplar mostra vestígios de queimadura pós fractura.

Prato (CPI6C2-02)

Fragmento de fundo e parede. Esta é oblíqua, sendo a aba demarcada internamente do recipiente por um ligeiro filete, assentando em fundo em ônfalo. O diâmetro do fundo é de 8 cm, a sua espessura é de 0,6 cm e a espessura da parede oscila entre 1 cm e 1,1 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/8), compacta e homogénea, embora mostrando bolhas e fissuras, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a médio. A superfície interna é revestida por vidro melado, aplicado sobre aguada de cor branca, ao passo que a externa se encontra rudemente alisada.

Prato (CPI6C2-03)

Fragmentos de parede oblíqua, sendo a aba demarcada internamente do recipiente por um acentuado ressalto e externamente por uma fina incisão. A espessura da parede oscila entre 0,5 cm e 1,2 cm. Pasta de cor castanha (10YR 5/3), medianamente compacta e homogénea, mostrando bolhas, elementos não plásticos micáceos de grão fino, alguns quartzíticos de grão grosso e raros nódulos cerâmicos. A superfície interna é revestida por vidro espesso e baço de cor verde, aplicado sobre aguada de cor branca, ao passo que a externa se encontra alisada.

Prato (CPI6C2-04)

Fragmentos de fundo e parede. Esta é oblíqua, sendo a aba demarcada internamente do recipiente por ligeiro filete, assentando em fundo em ônfalo. O diâmetro do fundo é de 5 cm, a sua espessura é de 0,5 cm e a espessura da parede oscila entre 0,6 cm e 1,2 cm. Pasta de cor laranja (5YR 6/8), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino. A superfície interna é revestida por vidro espesso melado, aplicado sobre aguada branca.

Prato (CPI6C2-07 / CPI6C2-05)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio de perfil semicircular. A segunda é oblíqua. O diâmetro do bordo é de 24 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,7 cm e os 0,9 cm. Pasta de cor vermelha (10R 5/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino. A superfície interna está completamente revestida de vidro verde e melado manchado, aplicado sobre aguada de cor amarelada, ao passo que a externa mostra escorrências destes tratamentos.

Prato (CPI6C2-23)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio de perfil semicircular ligeiramente afilado. A segunda é oblíqua. O diâmetro do bordo é de 23,6 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,7 cm e os 0,9 cm. Pasta de cor amarela clara (2.5Y 8/4), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino. As superfícies estão revestidas por esmalte baço de cor amarelada, bastante desgastado. A interna apresenta decoração com grupos de duas linhas concêntricas e paralelas em azul de cobalto, formando banda na qual se insere um motivo pseudo-epigráfico em manganês; abaixo destas observa-se uma larga faixa também em manganês (Fig. 16).

Prato (CPI6C2-24)

Fragmento de parede oblíqua, com 6,3 cm de comprimento e 3,5 cm de largura máxima; a sua espessura oscila entre os 1,1 cm e 1,3 cm. Pasta de cor bege clara (10YR 8/3), compacta e homogénea, com algumas bolhas e fissuras e elementos não plásticos micáceos de grão finíssimo. As superfícies estão revestidas por esmalte de cor amarelada, sendo a externa de pior qualidade que a interna. Esta última apresenta decoração com uma banda em manganês, seguida de duas linhas concêntricas e paralelas em azul de cobalto, sobrepostas por conjuntos de pintas e linhas curvas da mesma cor.

Prato (CPI6C2-25)

Fragmento de parede oblíqua, com 4,9 cm de comprimento e 3,9 cm de largura máxima; a sua espessura é de 1,1 cm. Pasta de cor bege clara (10YR 8/3), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão finíssimo. As superfícies estão revestidas por esmalte de cor amarelada, sendo a externa de pior qualidade que a interna. Esta última apresenta decoração formada por duas bandas em manganês, intervaladas por conjuntos de finas linhas paralelas em azul de cobalto.

Prato (CPI6C2-30)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio de perfil semicircular. A segunda é oblíqua, estando a aba demarcada do recipiente por considerável desnível. Pasta de cor bege clara (10YR 8/3), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão finíssimo. O diâmetro do bordo é de 22 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,5 cm e os 0,7 cm. Pasta de cor bege (10YR 8/3), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão finíssimo. As superfícies estão revestidas por esmalte de cor amarelada, sendo a externa de pior qualidade que a interna. Esta última apresenta decoração em azul de cobalto, constituída por manchas largas sobre o bordo, seguidas de faixas concêntricas e paralelas sobre a aba, a última das quais mostra conjunto de traços sucessivos e ligeiramente oblíquos que estabelecem a relação com o motivo central; este tem

formato semicircular, integrando sequência de pinceladas divergentes em torno de uma outra curva, tratando-se possivelmente de temática pseudo-vegetalista (Fig. 13).

Prato (CPI6C3-01)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio de perfil semicircular. A segunda é oblíqua. O diâmetro do bordo é de 22 cm e a espessura da parede oscila entre os 0,6 cm e os 0,7 cm. Pasta de cor laranja (5YR 7/6), medianamente compacta e homogénea, mostrando bolhas e fissuras e elementos não plásticos micáceos de grão fino. A superfície interna é revestida por vidrado espesso de cor verde, aplicado sobre aguada de cor branca, ao passo que a externa apresenta escorrências da aguada e do vidrado.

Prato (CPI6C3-11)

Fragmento de parede oblíqua, com 6,8 cm de comprimento e 6,6 cm de largura máxima; a sua espessura oscila entre 0,9 cm e 1,3 cm. Pasta de cor bege clara (10YR 8/3), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão finíssimo. As superfícies estão revestidas por esmalte de cor amarelada, sendo a externa de pior qualidade que a interna. Esta última apresenta decoração formada por três bandas em manganês, alternadas por conjuntos de linhas paralelas em azul de cobalto.

Escudela (CPI6C2-06)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio de formato muito irregular, dada a aplicação de decoração plástica na vertical, imediatamente sobre a carena; esta surge a 2,3 cm da extremidade superior do lábio. O exemplar mostra também uma asa de formato subtriangular, perfurada na vertical junto ao bordo, tendo este orifício 0,2 cm de diâmetro e 1,3 cm de profundidade. O diâmetro do bordo é de 16,5 cm e a espessura da parede é de 0,7 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/8), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino. A superfície interna está revestida de vidrado brilhante e espesso de cor verde, aplicado sobre aguada branca, ao passo que a externa mostra escorridos destes tratamentos (Fig. 17).

Escudela (CPI6C3-09)

Fragmento de fundo e parede. Esta é curva, conferindo forma globular, assentando em fundo destacado em pastilha. O diâmetro do fundo é de 10 cm, a sua espessura é de 4 cm e a espessura da parede oscila entre 0,5 cm e 0,8 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e raros quartzíticos de grão médio, bem como alguns nódulos cerâmicos. A superfície interna encontra-se revestida por espesso vidrado melado escuro, subsistindo algumas escorrências para a superfície externa.

Escudela (CPI6C3-37)

Fragmentos de bordo, parede e asa. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, ao passo que a segunda é bastante vertical; a asa, que arranca a partir do bordo, é espessa e polilobulada. O diâmetro do bordo é de 12 cm, a espessura da parede é de 0,8 cm, a largura da asa é aproximadamente de 5 cm e a sua espessura máxima é de 1,2 cm. Pasta de cor rosada (5YR 8/4), compacta e homogénea, embora apresente algumas fissuras, contendo elementos não plásticos micáceos de grão fino. As superfícies estão revestidas por esmalte baço amarelado, notando-se vestígios muito ténues de decoração acobreada em toda a peça.

Taça (CPI6C2-14 / CPI6C3-06)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, ligeiramente aplanado, demarcado exteriormente por duas incisões. A segunda é curva. O diâmetro do bordo é de 16 cm e a espessura da parede oscila entre 0,6 cm e 0,7 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6), medianamente compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino, raros quartzíticos de grão médio e alguns nódulos cerâmicos. A superfície interna encontra-se brunida, ao passo que a externa está rudemente alisada.

Taça (CPI6C2-16 / CPI6C3-07)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, espessado internamente e demarcado no exterior por uma canelura com 0,2 cm de largura, distando da extremidade superior 0,5 cm. A segunda é curva. O diâmetro do bordo é de 18 cm e a espessura da parede oscila entre 0,4 cm e 0,8 cm. Pasta de cor laranja (5YR 5/6), medianamente compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a grosso. As superfícies encontram-se rudemente alisadas, havendo vestígios de cobertura por uma aguada ligeiramente mais clara que a cor da pasta (5YR 7/6).

Taça (CPI6C2-27)

Fragmento de parede com 2,6 cm de comprimento, 2,2 cm de largura e 0,5 cm espessura, mostrando arranque da carena. Pasta de cor amarela clara (2.5Y 8/2), compacta e homogénea, com elementos não plásticos de grão finíssimo. As superfícies estão revestidas por esmalte aderente de cor branca, mostrando a externa bandas horizontais de cor amarela e a interna decoração de reflexo metálico dourado, formada por bandas concêntricas de espessura variada sobrepostas por pequenos traços irregulares perpendiculares (Fig. 14).

Taça (CPI6C2-29)

Fragmento de parede, com 5 cm de comprimento e 3,9 cm de largura máxima; a sua espessura oscila entre 0,7 cm e 1,2 cm. Pasta de cor rosada (5YR 7/4), compacta e homogénea, com elementos não plásticos de grão finíssimo. As superfícies estão revestidas por esmalte de cor branca, sendo a externa de pior qualidade que a interna. Esta última apresenta decoração formada por conjuntos de linhas em reflexo metálico acobreado, bem como banda em azul de cobalto, dispostas na vertical (Fig. 15).

Taça (CPI6C2-37)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, ligeiramente espessado interiormente e demarcado exteriormente por uma canelura, com 0,2 cm de largura e distando da extremidade superior 0,9 cm. A segunda é moderadamente curva. O diâmetro do bordo é de 18 cm e a espessura da parede é de 0,6 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/8), medianamente compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e alguns quartzíticos de grão médio. A superfície interna encontra-se mal brunida, ao passo que a externa está rudemente alisada.

Taça (CPI6C2-38)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular algo espessado e demarcado exteriormente por uma canelura

pouco profunda, com 0,4 cm de largura e distando da extremidade superior 0,5 cm. A segunda é moderadamente curva. O diâmetro do bordo é de 16 cm e a espessura da parede oscila entre 0,6 cm e 0,7 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/8), medianamente compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e alguns quartzíticos de grão médio. A superfície interna encontra-se mal brunida, ao passo que a externa está rudemente alisada.

Taça (CPI6C2-39)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é extrovertido, com lábio bastante afilado, espessado interiormente e demarcado exteriormente por uma incisão, distando da extremidade superior 0,8 cm. A segunda é acentuadamente curva. O diâmetro do bordo é de 18 cm e a espessura da parede oscila entre 0,5 cm e 0,6 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6), medianamente compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e quartzíticos de grão médio a grosso. As superfícies encontram-se alisadas, sobretudo a interna.

Taça (CPI6C2-40)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é extrovertido, com lábio de perfil semicircular, ligeiramente espessado interiormente e demarcado exteriormente por uma fina incisão, a 1 cm da extremidade superior, embora só visível em parte do fragmento. A segunda é curva. O diâmetro do bordo é de 19 cm e a espessura da parede oscila entre 0,6 cm e 0,7 cm. Pasta de cor vermelha clara (10R 6/6), medianamente compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino, quartzíticos de grão médio a grosso e raros nódulos de cerâmica. A superfície interna encontra-se alisada. O exemplar mostra bastante desgaste, resultado das condições de jazida.

Taça (CPI6C2-41)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é algo extrovertido, com lábio de perfil semicircular, ligeiramente espessado interiormente e demarcado exteriormente por uma canelura, com 0,3 cm de largura, a 0,5 cm da extremidade superior. A segunda é curva. O diâmetro do bordo é de 18 cm e a espessura da parede oscila entre 0,6 cm e 0,7 cm. Pasta de cor castanha (2.5YR 4/2), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e raros quartzíticos de grão médio. A superfície interna encontra-se brunida. O exemplar mostra grandes queimaduras pós fractura, estando também bastante desgastado, pelas condições de jazida.

Taça (CPI6C2-42)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, algo espessado interiormente e demarcado exteriormente por uma canelura, a 0,4 cm da extremidade superior, seguida de ressalto. A segunda é acentuadamente curva. O diâmetro do bordo é de 16 cm e a espessura da parede oscila entre 0,5 cm e 0,6 cm. Pasta de cor vermelha (10YR 5/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e raros quartzíticos de grão médio. A superfície interna encontra-se brunida, ao passo que a externa está rudemente alisada. O exemplar mostra vestígios de queimadura pós fractura.

Taça (CPI6C2-43)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, sendo demarcado exteriormente por uma profunda incisão, distando da extremidade superior 0,9 cm. A segunda é acentuadamente curva, marcando grande diferença de orientação com o bordo. O diâmetro do bordo é de 17 cm e a espessura da parede é de 0,5 cm. Pasta de cor vermelha (10YR 5/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e raros quartzíticos de grão médio. A superfície interna encontra-se brunida, ao passo que a externa está rudemente alisada. O exemplar mostra vestígios de queimadura pós fractura.

Taça (CPI6C2-44)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, ligeiramente afilado e demarcado exteriormente por uma incisão, distando da extremidade superior 0,5 cm. A segunda é curva. O diâmetro do bordo é de 15 cm e a espessura da parede é de 0,6 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6), medianamente compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino a médio e raros quartzíticos de grão médio. A superfície interna encontra-se brunida, ao passo que a externa está rudemente alisada. O exemplar mostra vestígios de queimadura pós fractura.

Taça (CPI6C2-45 / CPI6C2-46)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular. A segunda é curva, conferindo forma hemisférica, mostrando externamente finas incisões irregulares. O diâmetro do bordo é de 18 cm e a espessura da parede é de 0,5 cm. Pasta de cor vermelha acastanhada (10R 4/3), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino. A superfície interna encontra-se brunida, ao passo que a externa está muito bem alisada.

Taça (CPI6C2-47)

Fragmento de bordo e parede, apresentando forma hemisférica. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular espessado interiormente. A segunda é acentuadamente curva, marcando grande diferença de orientação com o bordo. O diâmetro do bordo é de 18 cm e a espessura da parede oscila entre 0,6 cm e 0,7 cm. Pasta de cor vermelha (10YR 5/6), medianamente compacta e homogénea, mostrando bolhas e fissuras e elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a médio. A superfície interna encontra-se rudemente alisada. O exemplar mostra diversas concreções, resultantes das condições de jazida.

Taça (CPI6C3-02)

Fragmento de parede curva, assentando em fundo plano, o qual é demarcado interiormente por uma finíssima incisão. O diâmetro do fundo é de 4,5 cm e a espessura da parede é de 0,6 cm. Pasta de cor vermelha clara (2.5YR 6/8), compacta e homogénea, com elementos não plásticos de grão fino. A superfície interna encontra-se revestida de vidrado verde brilhante, aplicado sobre aguada de cor branca.

Taça (CPI6C3-12)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio de perfil semicircular, algo afilado. A segunda é curva, conferindo forma hemisférica. O diâmetro do bordo é de

12 cm e a espessura da parede oscila entre 0,5 cm e 0,7 cm. Pasta de cor castanha (7.5YR 4/2), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino. A superfície interna está coberta por fino vidrado verde acastanhado, com escorrências para a externa, mostrando esta vestígio de intensa utilização ao fogo (Fig. 18).

Taça (CPI6C3-14)

Fragmento de fundo e de parede. Esta é curva, estando assente em fundo em pastilha, demarcado externamente por ligeiro espessamento e interiormente por um ressalto central, com 1,3 cm de diâmetro. O diâmetro do fundo é de 6,5 cm e a espessura da parede oscila entre 0,8 cm e 1,1 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/8), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e quartzíticos de grão fino a médio. A superfície interna é brunida, ao passo que a externa é rudemente alisada. O exemplar mostra vestígios de queimadura pós fractura.

Púcaro (CPI6C2-69)

Fragmento de bordo e asa. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, demarcado externamente por funda canelura com 0,2 cm de largura, a 0,5 da extremidade superior. A segunda, que arranca do bordo ligeiramente sobrelevada, tem secção oval. O diâmetro do bordo é de 7,5 cm e a espessura da asa é de 1,6 cm. Pasta de cor vermelha clara (10R 6/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino.

Púcaro? (CPI6C2-70)

Fragmento de parede de recipiente fechado, com acentuada curvatura, 2,6 cm de comprimento, 3,9 cm de largura e espessura oscilando entre 0,4 cm e 0,7 cm. Pasta de cor vermelha clara (5YR 6/4), compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos micáceos de grão fino. A superfície externa encontra-se alisada e mostra vestígios de pintura a branco, formando na vertical motivo em espinha, ladeado por sequências de pontos dispostos de forma aleatória (Fig. 27).

Garrafa (CPI6C2-12)

Fragmento de bordo e gargalo. O primeiro é vertical, espessado exteriormente e com lábio de perfil afilado. O segundo é cilíndrico e estrangulado. O diâmetro do bordo é de 2,4 cm e a espessura da parede é de 0,4 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino.

Caçarola (CPI6C3-05)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é muito extrovertido, com lábio de perfil subtriangular muito boleado. A segunda é acentuadamente curva, conferindo forma hemisférica. O diâmetro do bordo é de 26 cm e a espessura da parede oscila entre 0,4 cm e 0,5 cm. Pasta de cor castanha avermelhada (5YR 5/4), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a médio. As superfícies estão bem alisadas, mostrando vestígios de utilização ao fogo (Fig. 25).

Panela (CPI6C2-49)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, espessado externamente formando um significativo ressalto; tem de altura 1,9 cm e 0,8 cm de

espessura máxima. O colo é algo estrangulado e a parede mostra forma globular. O diâmetro do bordo é de 16 cm e a espessura da parede é de 0,4 cm. Pasta de cor laranja (5YR 4/6), medianamente compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e quartzíticos de grão médio. O exemplar mostra vestígios de queimadura pós fractura (Fig. 23).

Panela (CPI6C2-50)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio de perfil curvo, aplanado superiormente, espessado externamente. No exterior é demarcado por três incisões, distando entre si 0,6 cm; o bordo tem de altura 1,8 cm e 0,9 cm de espessura máxima. A parede mostra forma globular. O diâmetro do bordo é de 12,2 cm e a espessura da parede é de 0,4 cm. Pasta de cor castanha (7.5YR 5/4), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino. As superfícies mostram vestígios de queimadura pré e pós fractura (Fig. 22).

Panela (CPI6C2-51)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio de perfil afilado, espessado externamente, formando um ressalto; tem de altura 1,4 cm e 0,9 cm de espessura máxima. O colo é algo estrangulado e a parede mostra forma globular. O diâmetro do bordo é de 14 cm e a espessura da parede é de 0,6 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6), medianamente compacta e homogénea, mostrando bolhas e fissuras e elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a grosso. O exemplar mostra vestígios de queimadura pós fractura.

Panela (CPI6C2-52)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, espessado externamente formando ressalto; tem de altura 1,7 cm e 0,8 cm de espessura máxima. O colo é algo estrangulado e a parede mostra forma globular. O diâmetro do bordo é de 15 cm e a espessura da parede é de 0,4 cm. Pasta de cor castanha avermelhada (5YR 4/3), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino a médio. O exemplar mostra vestígios de grande queimadura pós fractura, bem como incrustações resultantes das condições de jazida.

Testo (CPI6C2-48)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é extrovertido com lábio de perfil semicircular, espessado interior e exteriormente; apresenta ressalto interno, provavelmente para assentamento. A segunda é oblíqua. O diâmetro do bordo é de 26 cm e a espessura da parede oscila entre 0,6 cm e 0,8 cm. Pasta de cor vermelha (10R 5/6), medianamente compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e quartzíticos de grão fino a grosso, além de raros nódulos cerâmicos. A superfície externa está revestida por aguada de cor cinzenta escura (5YR 4/1).

Testo (CPI3C3-79)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é extrovertido com lábio de perfil afilado. A segunda é oblíqua. O diâmetro do bordo é de 11 cm e a espessura da parede é de 0,5 cm. Pasta de cor vermelha (10R 5/6), com núcleo cinzento (7.5YR 4/1), medianamente compacta e homogénea, mostrando bolhas e fissuras e elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a médio.

Assador (CPI6C3-22 / CPI6C3-23 / CPI6C3-24 / CPI6C3-34)

Fragmentos de parede, com perfurações várias efectuadas da superfície externa para a interna. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6), compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos micáceos de grão fino e quartzíticos de grão fino a grosso. A superfície externa está bem alisada, ao passo que a interna está revestida por uma aguada acastanhada (7.5YR 5/2).

Cântaro (CPI6C2-66)

Fragmentos de bordo e arranque da parede. O primeiro é vertical, com lábio de perfil subtriangular, algo boleado superiormente, tendo 2,7 cm de altura e 1,6 cm de espessura máxima. O gargalo é curvo, denotando algum estrangulamento. O diâmetro do bordo é de 16 cm e a espessura da parede é de 0,7 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 6/6), medianamente compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e quartzíticos de grão fino a médio.

Alguidar (CPI6C2-36)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é muito extrovertido, com lábio de perfil subtriangular boleado. A segunda é curva, conferindo forma hemisférica. O diâmetro do bordo é de 32,4 cm e a espessura da parede é de 0,7 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6), com núcleo cinzento (5YR 5/1), compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a grosso, bem como raros nódulos cerâmicos. A superfície interna e a aba do bordo estão brunidas, ao passo que a externa se encontra bem alisada (Fig. 25).

Talha (CPI6C2-32)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio de perfil subtriangular algo boleado. A segunda é curva, conferindo forma hemisférica. O diâmetro do bordo é de 26 cm, a sua altura é de 2,6 cm, a sua espessura é de 2,5 cm, e a espessura da parede é de 1,5 cm. Pasta de cor castanha avermelhada (2.5YR 5/3), com núcleo cinzento (10YR 5/1), compacta e homogénea, contendo grande quantidade de elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a médio. O exemplar mostra vestígio de contacto com o fogo.

Talha (CPI6C3-28)

Fragmento de parede, com 12,2 cm de comprimento, 8,4 cm de largura máxima e espessura oscilando entre 1,6 cm e 1,9 cm. Pasta de cor castanha avermelhada (5YR 5/3), medianamente compacta e homogénea, contendo grande quantidade de elementos não plásticos micáceos de grão fino a médio, além de raros nódulos de cerâmica. A superfície externa mostra decoração plástica organizada em bandas horizontais digitadas, bem como outra na diagonal.

Vaso (CPI6C2-22)

Fragmento de parede, com 3,7 cm de comprimento, 3,2 cm de largura máxima e espessura oscilando entre 0,5 cm e 0,6 cm. Pasta de cor castanha clara (7.5YR 6/3), medianamente compacta e homogénea, contendo grande quantidade de elementos micáceos de grão fino a médio. A superfície externa apresenta-se profusamente decorada, mostrando sequencialmente uma fiada de mamilos pouco pronunciados, oito linhas onduladas incisadas a pente e, sob estas, também realizados a pente, três traços contínuos formando ziguezague. O exemplar encontra-se bastante boleado, tendo incrustações negras resultantes das condições de jazida (Fig. 31).

Malha de jogo (CPI6C2-87)

Exemplar subcircular bastante afeiçãoado, com 2,9 cm de diâmetro e 1,45 cm de espessura máxima. Pasta de cor castanha (7.5R 5/3), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino. As superfícies encontram-se bem polidas (Fig. 27).

Q9**Prato (CPI9C1-07)**

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é extrovertido, com lábio de perfil semicircular espessado externamente. A aba é oblíqua, estando marcada internamente por um filete, que a separa do recipiente. O diâmetro do bordo é de 22 cm e a espessura da parede é de 0,6 cm. Pasta de cor vermelha (10R 5/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino. A superfície interna encontra-se brunida, ao passo que a externa mostra vestígios de contacto com o fogo.

Taça (CPI9C1-09)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, ligeiramente espessado interiormente e demarcado externamente por uma canelura incisa a 0,8 cm da extremidade superior. A parede é curva. O diâmetro do bordo é de 18 cm e a espessura da parede é de 0,7 cm. Pasta de cor vermelha clara (2.5YR 6/8), medianamente compacta e homogénea, mostrando bolhas e fissuras e elementos não plásticos micáceos de grão fino e quartzíticos de grão fino a grosso. A superfície interna encontra-se brunida, ao passo que a externa está rudemente alisada e mostra vestígios de queimadura pós fractura.

Escudela (CPI9C1-02)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio afilado. A segunda é curva, conferindo forma hemisférica. O diâmetro do bordo é de 14 cm e a espessura oscila entre 0,6 cm e 0,8 cm. Pasta de cor castanha clara (7.5YR 6/4), medianamente compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão fino a grosso. A superfície interna está revestida de vidro verde, aplicado sobre aguada de cor branca, ao passo que a externa apresenta escorrências destes tratamentos.

Caçarola (CPI9C1-04)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é ligeiramente extrovertido, com lábio de perfil semicircular, bastante espessado exteriormente, num máximo de 0,6 cm. A segunda é carenada, a 2,2 cm do bordo, mostrando fina incisão paralela 0,6 cm abaixo da carena. O diâmetro do bordo é de 20 cm e a espessura da parede é de 0,5 cm. Pasta de cor castanha avermelhada (5YR 4/4), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a médio. A superfície interna é rudemente brunida, ao passo que a externa se encontra bem alisada, mostrando queimadura pré e pós factura (Fig. 25).

Panela (CPI9C2-01)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, espessado internamente e demarcado externamente por uma incisão a 0,7 cm da parte superior; tem de altura 1,5 cm e 0,9 cm de espessura máxima. A parede tem forma globular, notando-

-se pelo menos uma finíssima incisão sobre o arranque da pança. O diâmetro do bordo é de 12 cm e a espessura da parede é de 0,3 cm. Pasta de cor castanha avermelhada (5YR 4/3), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino. O exemplar mostra vestígios de grande queimadura pós fractura (Fig. 23).

Panela (CPI9C2-02)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é algo extrovertido, com lábio de perfil sub-triangular, espessado e demarcado externamente por uma canelura a 1 cm da parte superior; tem de altura 1,8 cm e 0,7 cm de espessura máxima. A parede tem forma globular. O diâmetro do bordo é de 14,5 cm e a espessura da parede oscila entre 0,4 cm e 0,5 cm. Pasta de cor vermelha clara (2.5YR 6/8), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e raros quartzíticos também de grão fino. O exemplar mostra vestígios de grande queimadura pós fractura.

Panela (CPI9C2-03)

Fragmento de bordo e parede. O primeiro é vertical, com lábio de perfil aplanado, demarcado externamente por duas caneluras a 0,5 cm e 1,3 cm da parte superior; tem de altura 1,8 cm e 0,8 cm de espessura máxima. A parede indicia forma globular. O diâmetro do bordo é de 17 cm e a espessura da parede é de 0,4 cm. Pasta de cor castanha avermelhada (5YR 5/3), compacta e homogénea, com elementos não plásticos de grão fino. As superfícies mostram vestígios de grande queimadura pós fractura.

Panela (CPI9C2-08)

Fragmentos de bordo, parede e asa. O primeiro é vertical, com lábio de perfil semicircular, algo espessado e demarcado externamente por duas incisões a 0,7 cm e 1,1 cm da parte superior; tem de altura 1,6 cm e 0,6 cm de espessura máxima. A parede tem forma globular. A partir do bordo arranca uma asa de secção oval, que assenta na extremidade inferior da pança. O diâmetro do bordo é de 9,5 cm, a espessura da parede é de 0,4 cm, a largura da asa é de 2,5 cm junto ao bordo e 1,7 cm junto à pança, a sua altura é de 7,9 cm e a sua espessura é de 0,9 cm. Pasta de cor vermelha clara (2.5YR 6/6), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão fino e quartzíticos de grão fino a médio. O exemplar mostra vestígios de utilização ao fogo (Fig. 21).

Alguidar (CPI9C2-06)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é muito extrovertido, com lábio de perfil sub-triangular algo boleado. A segunda é curva, conferindo forma hemisférica. O diâmetro do bordo é de 37 cm e a espessura da parede é de 1 cm. Pasta de cor laranja (5YR 6/6), com núcleo castanho (7.5YR 5/4), compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos micáceos de grão fino e quartzíticos de grão fino a grosso. A superfície interna e a aba do bordo estão brunidas, ao passo que a externa se encontra alisada (Fig. 25).

Talha (CPI9C1-03)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é muito extrovertido, com lábio de perfil semi-circular. A segunda, partindo de colo muito estrangulado, é bastante oblíqua, conferindo forma hemisférica. O diâmetro do bordo é de 30 cm, a sua altura é de 1,8 cm, a sua espes-

sura é de 3,1 cm, e a espessura da parede oscila entre 1 cm e 1,2 cm. Pasta de cor castanha acinzentada (10YR 5/2), medianamente compacta e homogénea, contendo muitos elementos não plásticos micáceos e quartzíticos de grão fino a grosso. As superfícies mostram vestígios de aguada de cor vermelha clara (2.5 YR 6/6). O exemplar está muito desgastado pelas condições de jazida.

Material de superfície

Talha (CPIS-01)

Fragmentos de bordo e parede. O primeiro é muito vertical, com lábio de perfil subtriangular muito boleado e espessado externamente. A segunda é oblíqua, mostrando sobre a superfície externa esgrafito, executado com estilete grosso, de marca de besteiro. O diâmetro do bordo é de 43 cm, a sua altura é de 4,3 cm, a sua espessura é de 3,8 cm, e a espessura da parede oscila entre 1,1 cm e 2,2 cm. Pasta de cor vermelha (2.5YR 4/6), medianamente compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos micáceos de grão fino e quartzíticos de grão fino a grosso (Fig. 26).

Taça (CPIS-02)

Fragmento de parede carenada, com 4,6 cm de comprimento, 3,3 cm de largura e espessura oscilando entre 0,7 cm e 1,1 cm. Pasta com profusa decoração vegetalista em ambas superfícies. Pasta de cor bege (10YR 8/3), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão finíssimo. As superfícies estão revestidas de esmalte branco de boa qualidade, medianamente brilhante e aderente, mostrando decoração de reflexo metálico dourado. Na externa esta é constituída por conjuntos de traços curvos de temática fitomórfica, ao passo que na interna é composta por um padrão fitomórfico diferente do anterior, formado por linhas curvas terminadas em motivo floral, que se insere entre bandas paralelas e concêntricas (Fig. 15)

Taça (CPIS-03)

Fragmento de parede, com 3,9 cm de comprimento, 4,9 cm de largura e 0,9 cm de espessura. Pasta de cor bege (10YR 8/3), compacta e homogénea, com elementos não plásticos micáceos de grão finíssimo. As superfícies estão revestidas por esmalte branco de boa qualidade, medianamente brilhante e aderente. A interna mostra decoração de reflexo metálico dourado, composta por motivo fitomórfico curvo terminado em botão, o qual se insere sobre linha concêntrica curva, a que se segue largo motivo oval, sugerindo uma folha (Fig. 15).

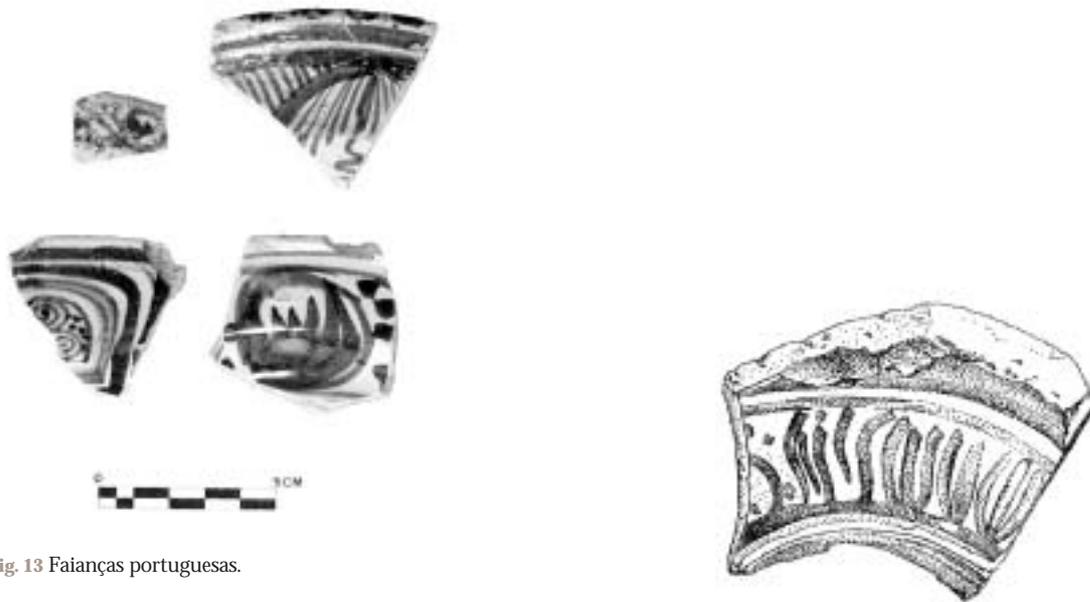


Fig. 13 Faianças portuguesas.

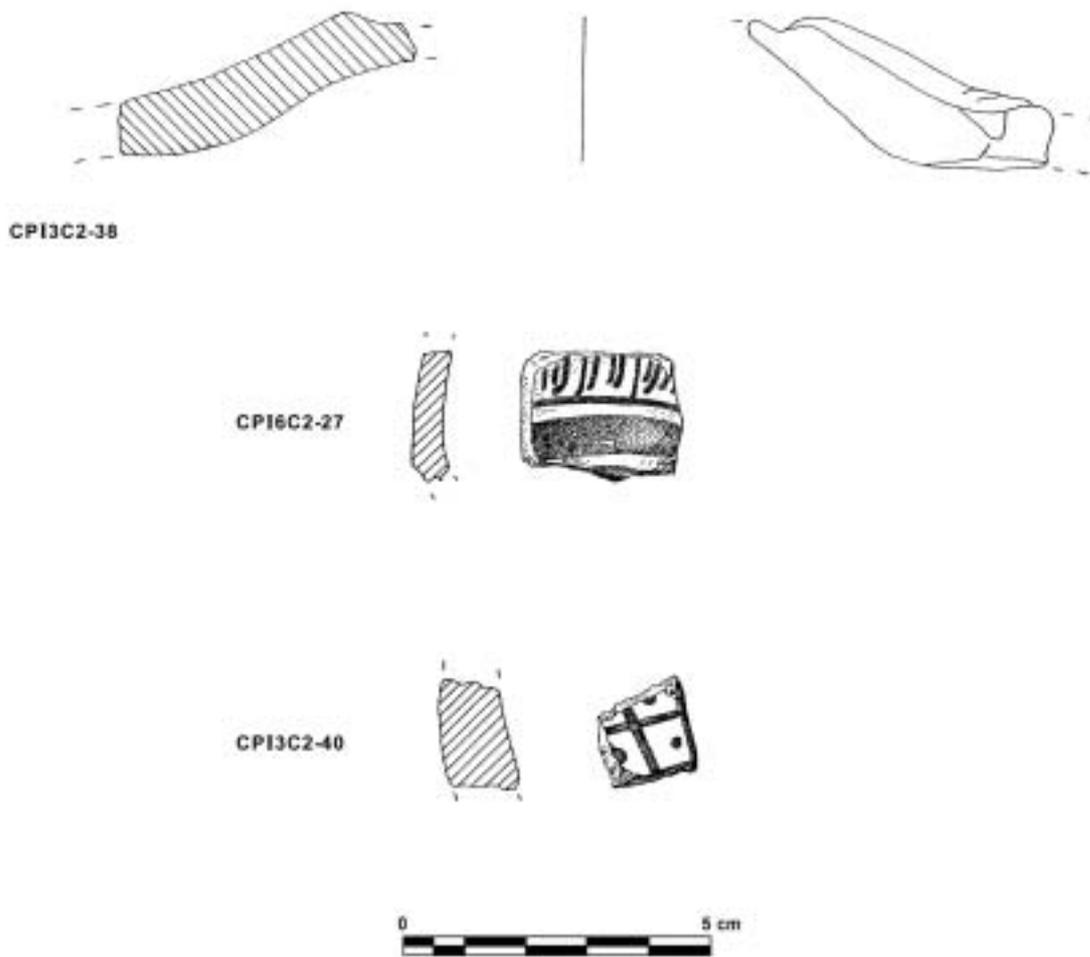


Fig. 14 Cerâmicas espanholas com decoração em reflexo metálico dourado e acobreado.

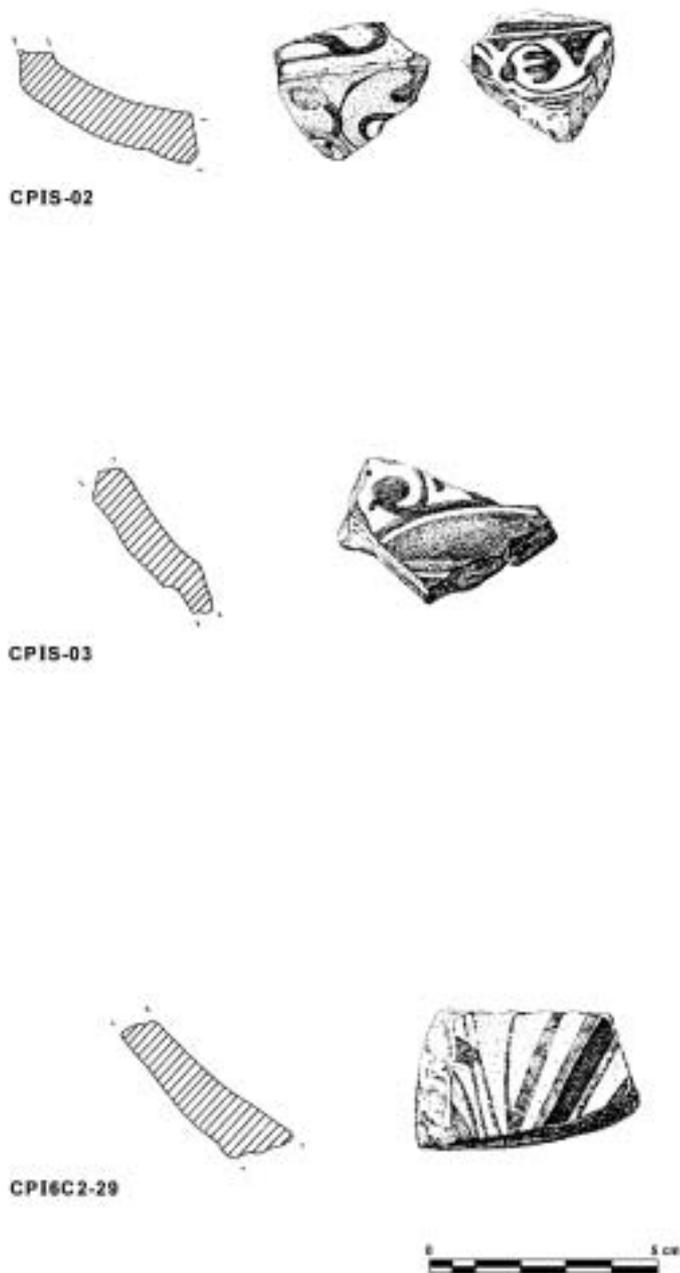


Fig. 15 Cerâmicas espanholas. Taças com decoração em reflexo metálico dourado e acobreado, tendo o último exemplar uma banda a azul-cobalto.

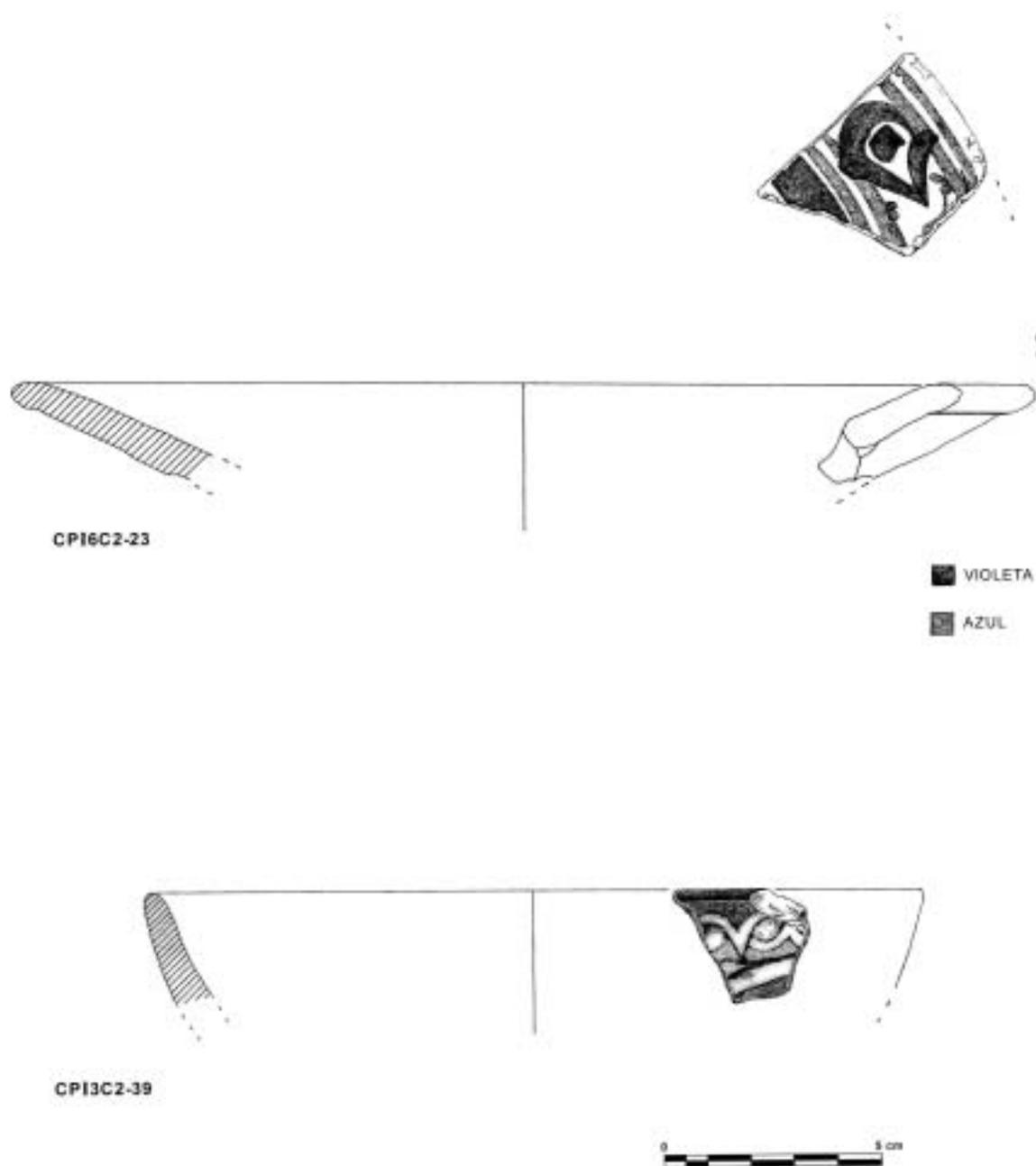


Fig. 16 Cerâmicas espanholas. Prato com decoração a azul de cobalto e violeta de manganês. Taça decorada segundo a técnica da corda seca total.

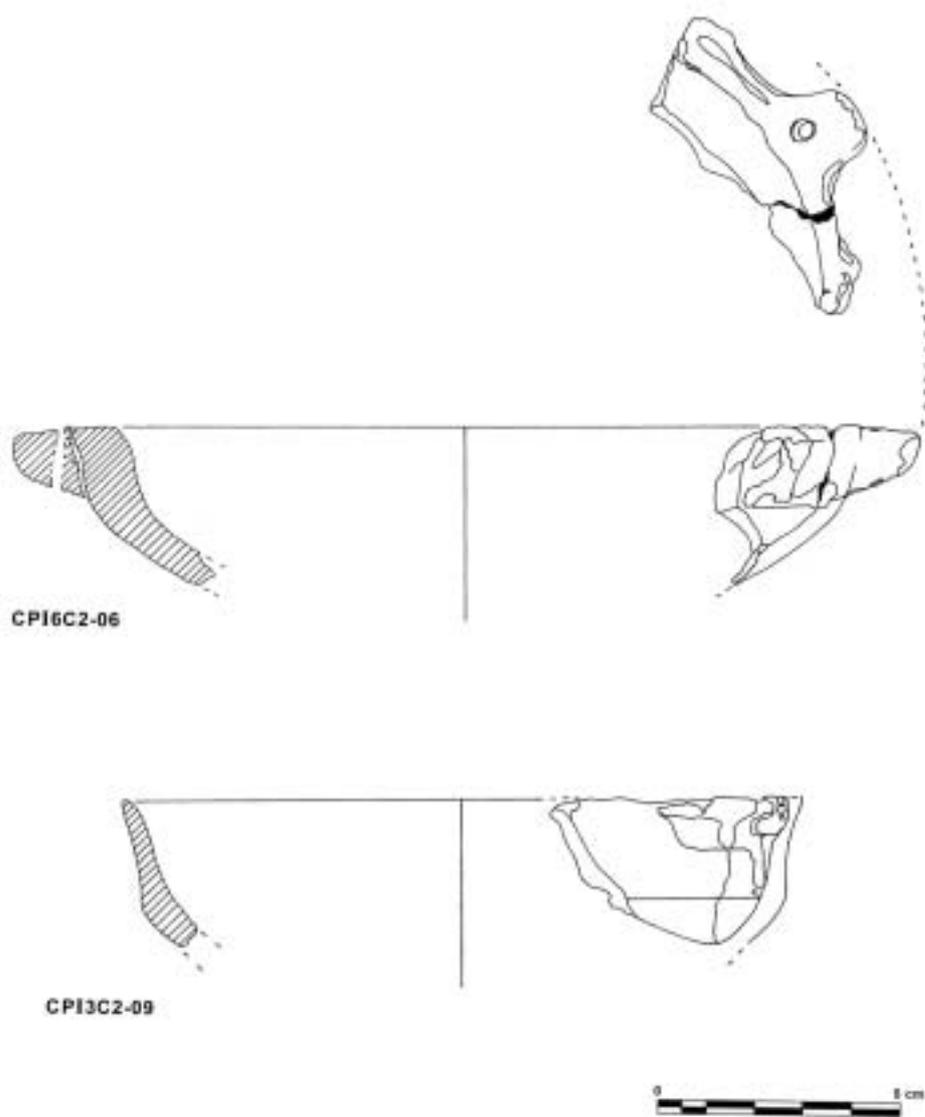


Fig. 17 Escudela e taça vidradas a verde e melado.

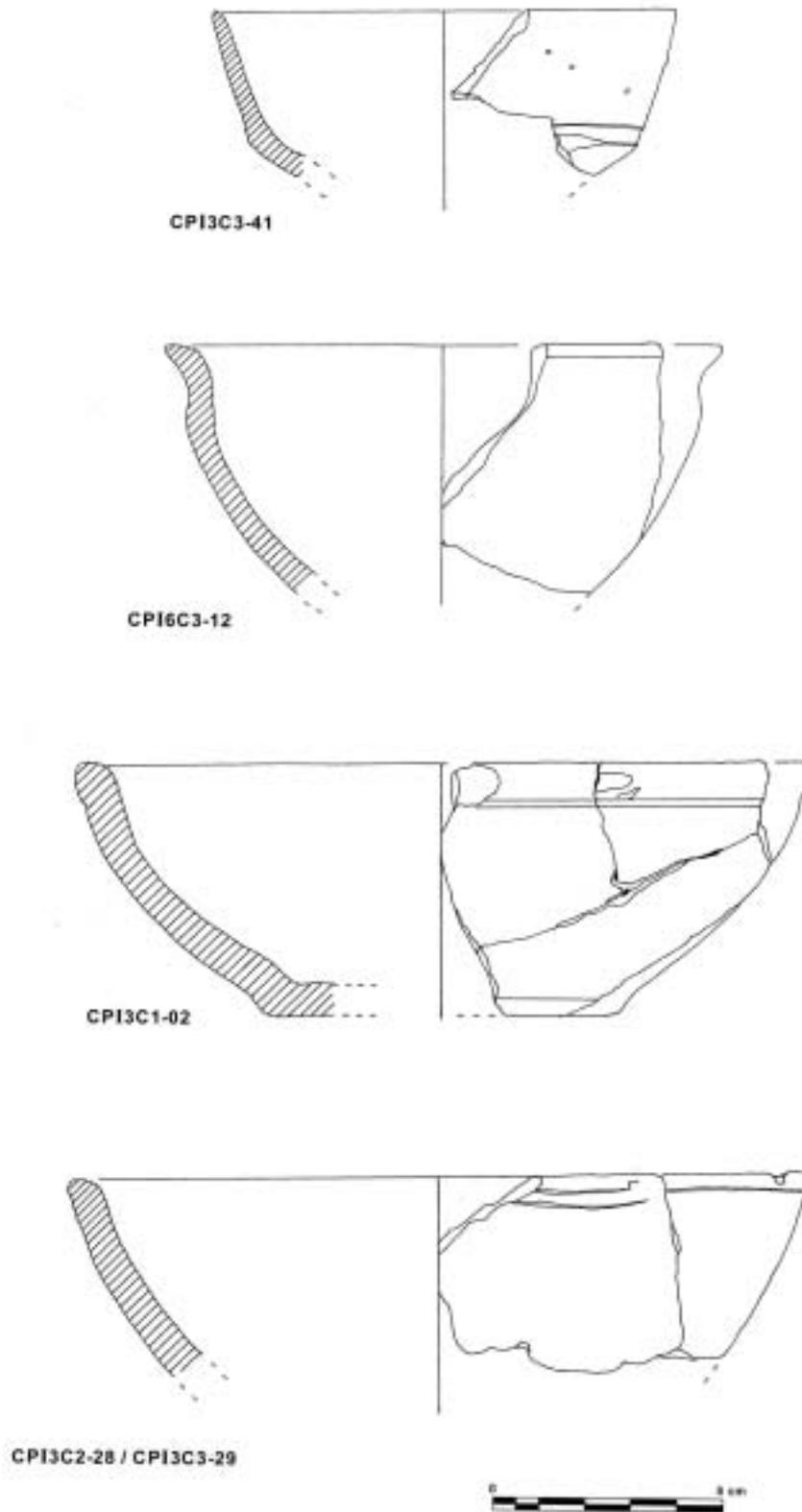


Fig. 18 Taças. As duas primeiras são vidradas a verde escuro, a última é brunida no interior.

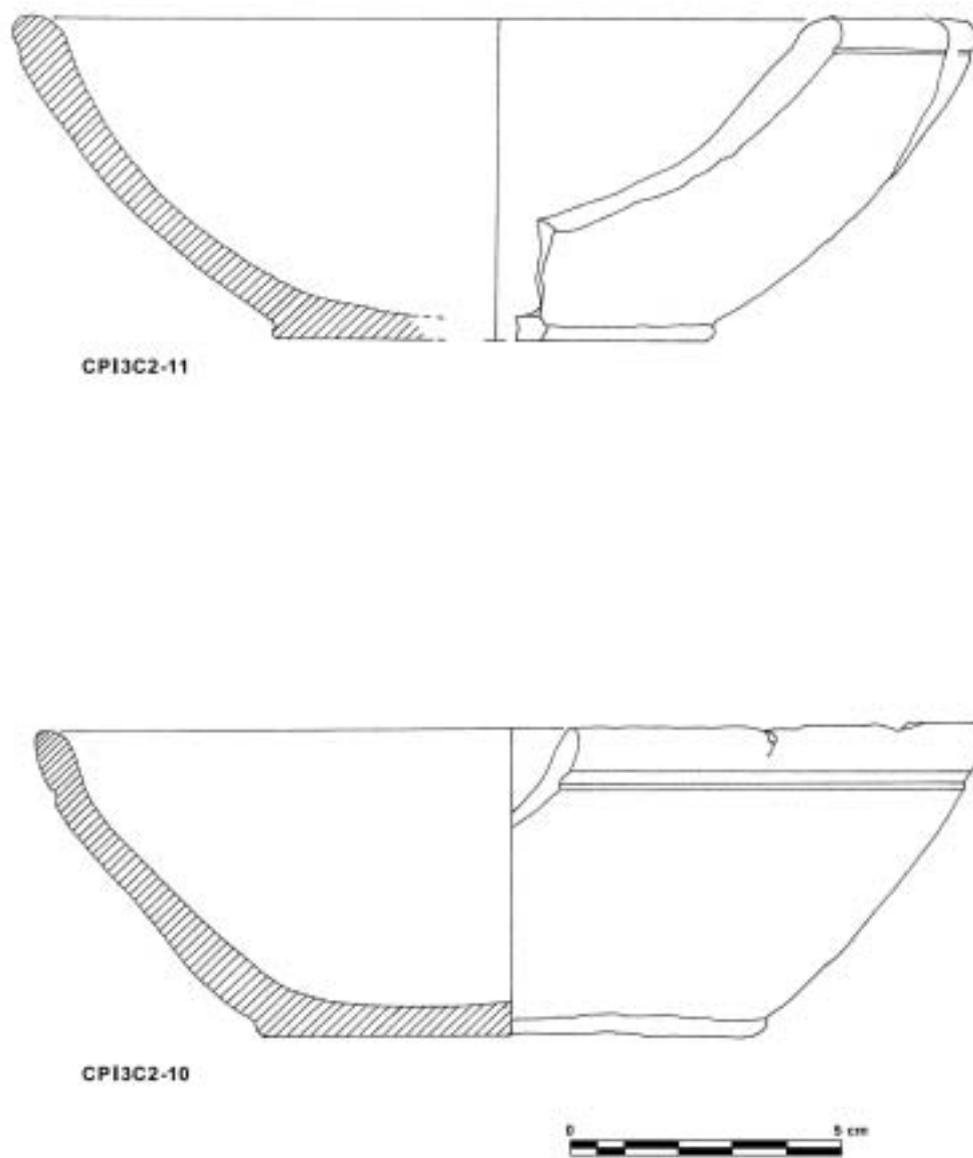


Fig. 19 Taças brunidas no interior e no bordo e alisadas no exterior.

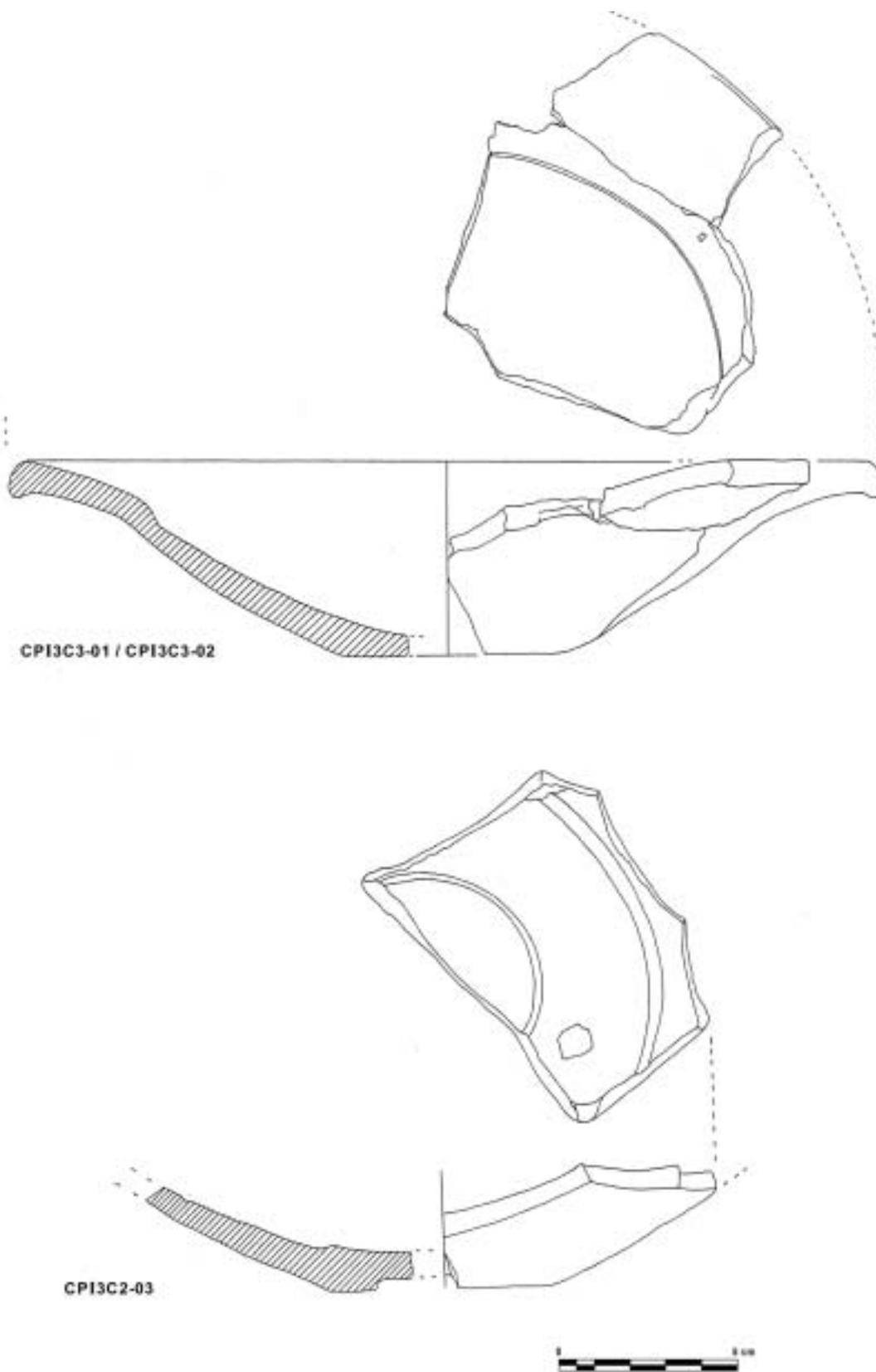


Fig. 20 Pratos. O primeiro é brunido no interior e alisado no exterior, ao passo que o segundo é vidrado melado.

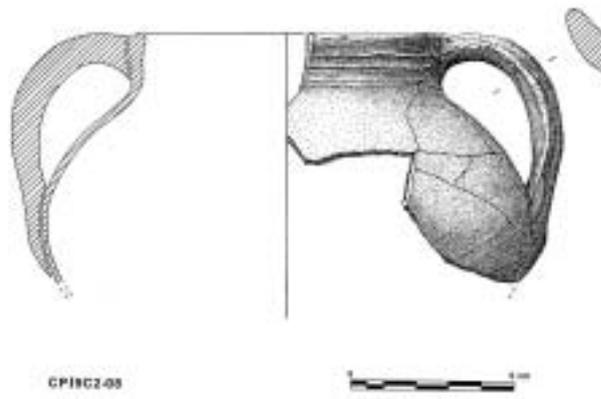


Fig. 21 Panela.

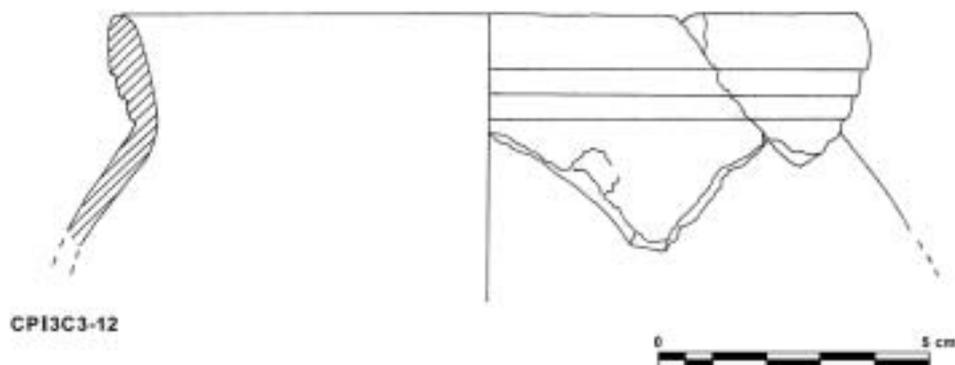
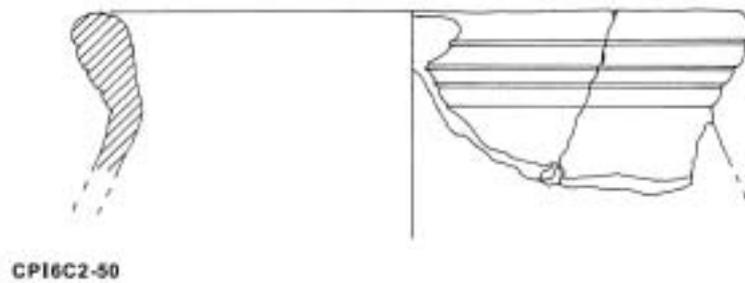
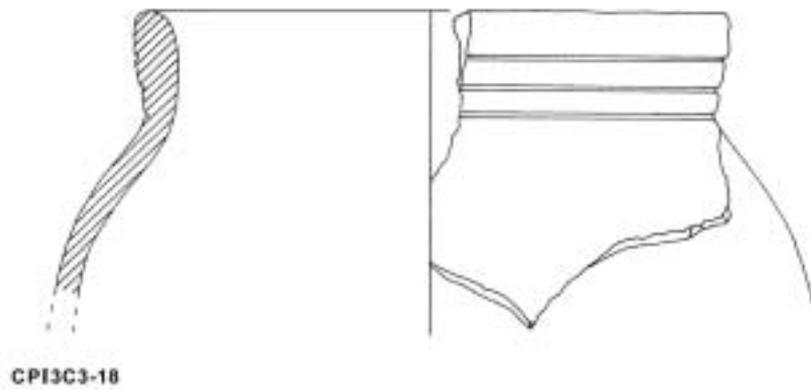


Fig. 22 Panelas.

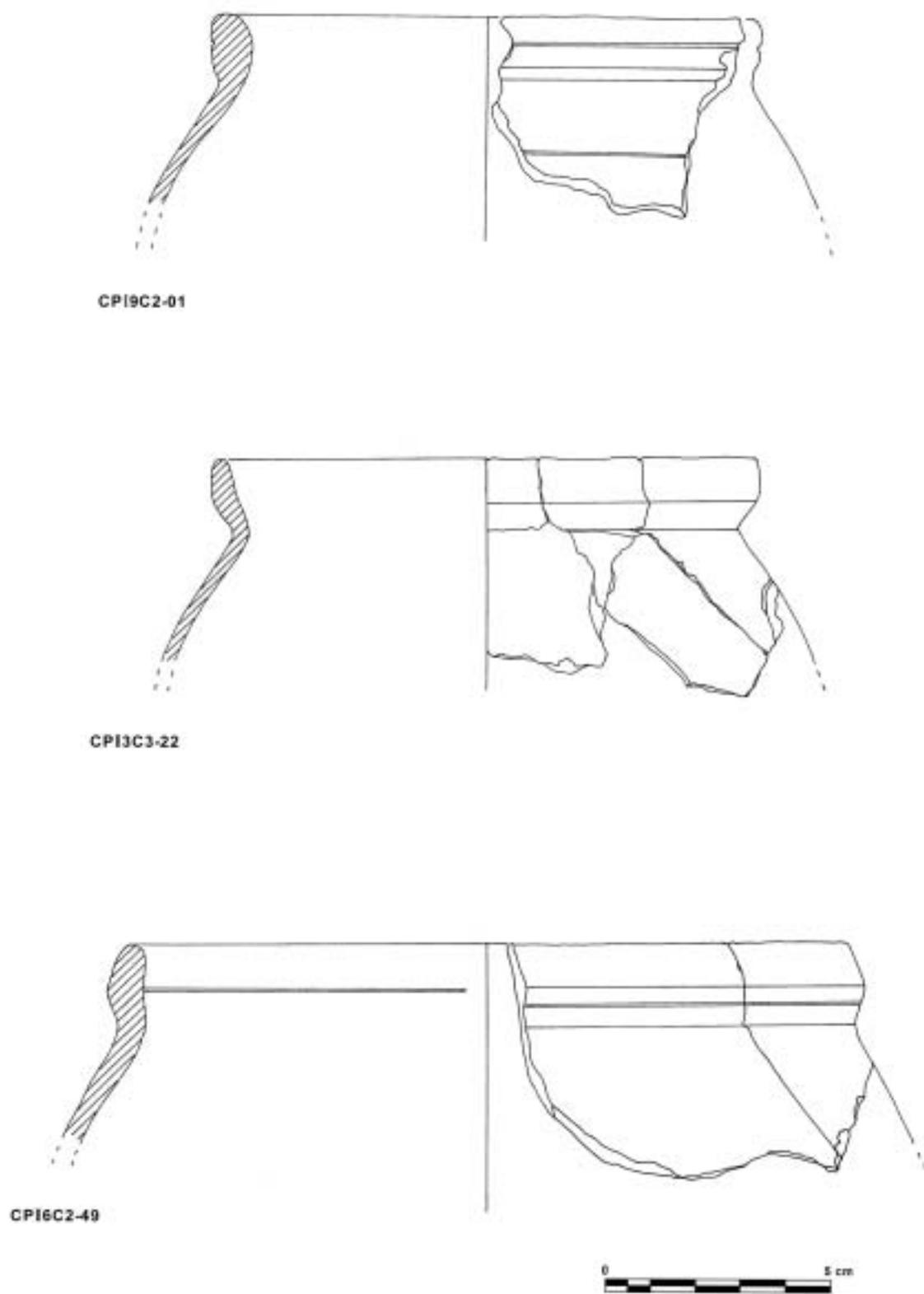


Fig. 23 Panelas.

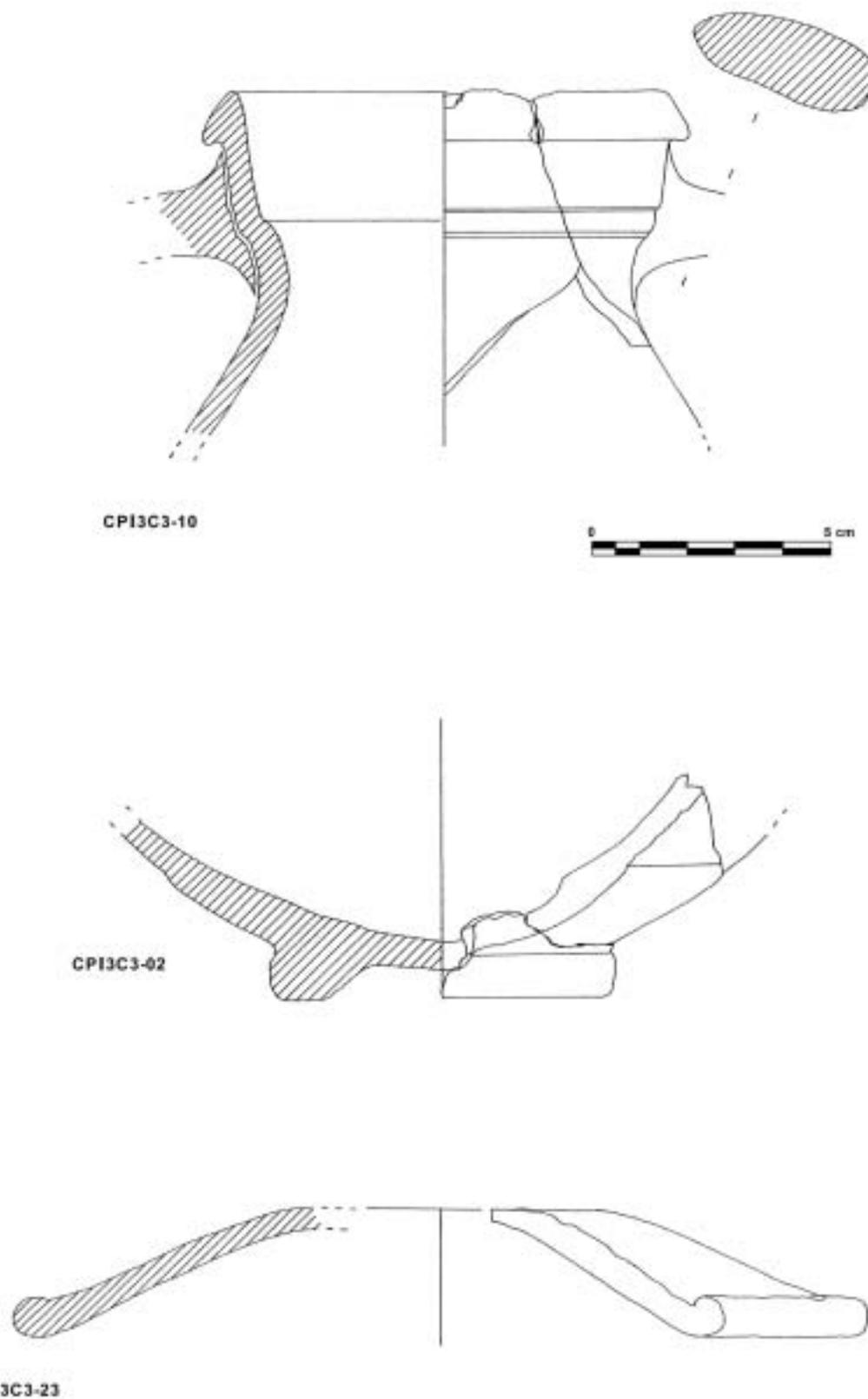


Fig. 24 Cântaro, prato vidrado verde e testço.

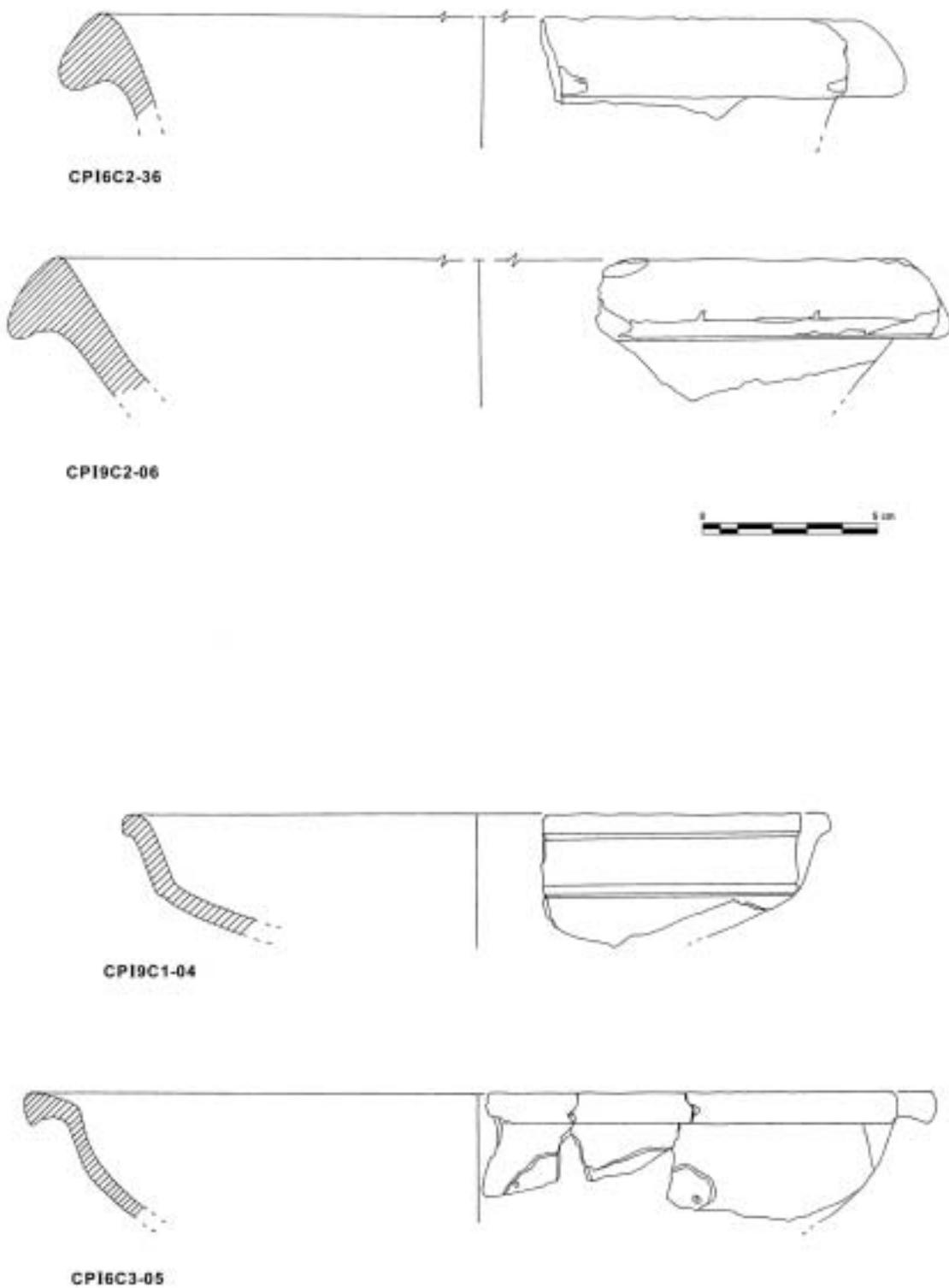


Fig. 25 Alguidares e caçarolas.

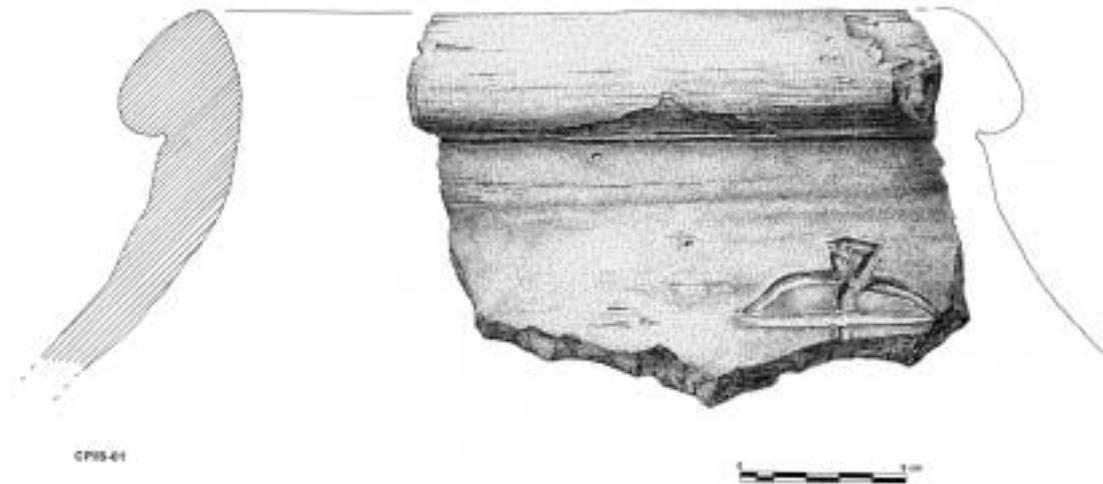


Fig. 26 Talha com marca de besteiro incisa.

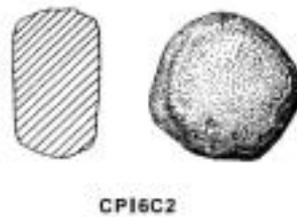


Fig. 27 Púcaro(?) com decoração pintada branca, malha de jogo e bola de funda granítica.

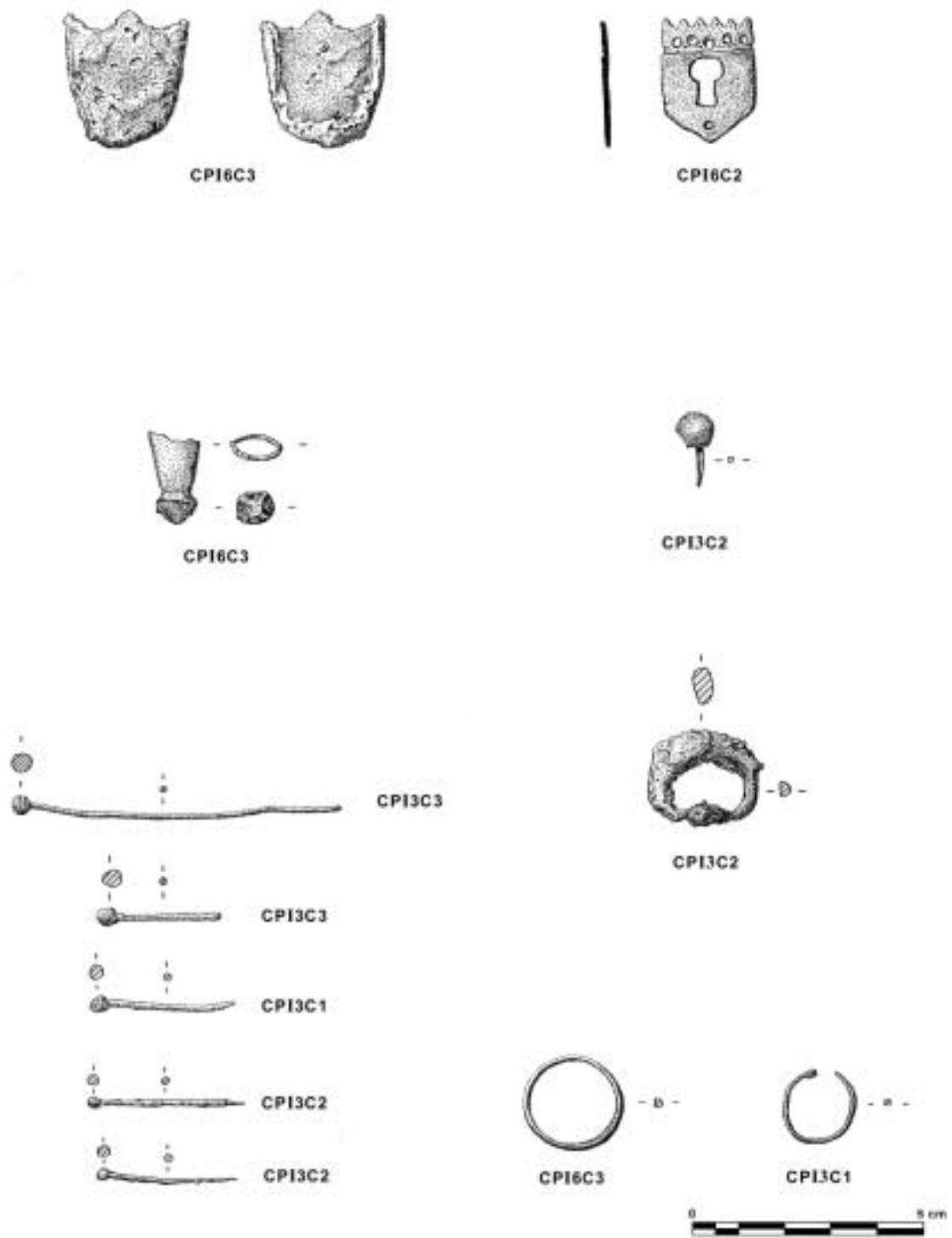


Fig. 28 Espólio metálico (remate de cabo de lâmina, fechadura, ponta de virote de besta, cravo, alfinetes, fivela, anel e brinco).

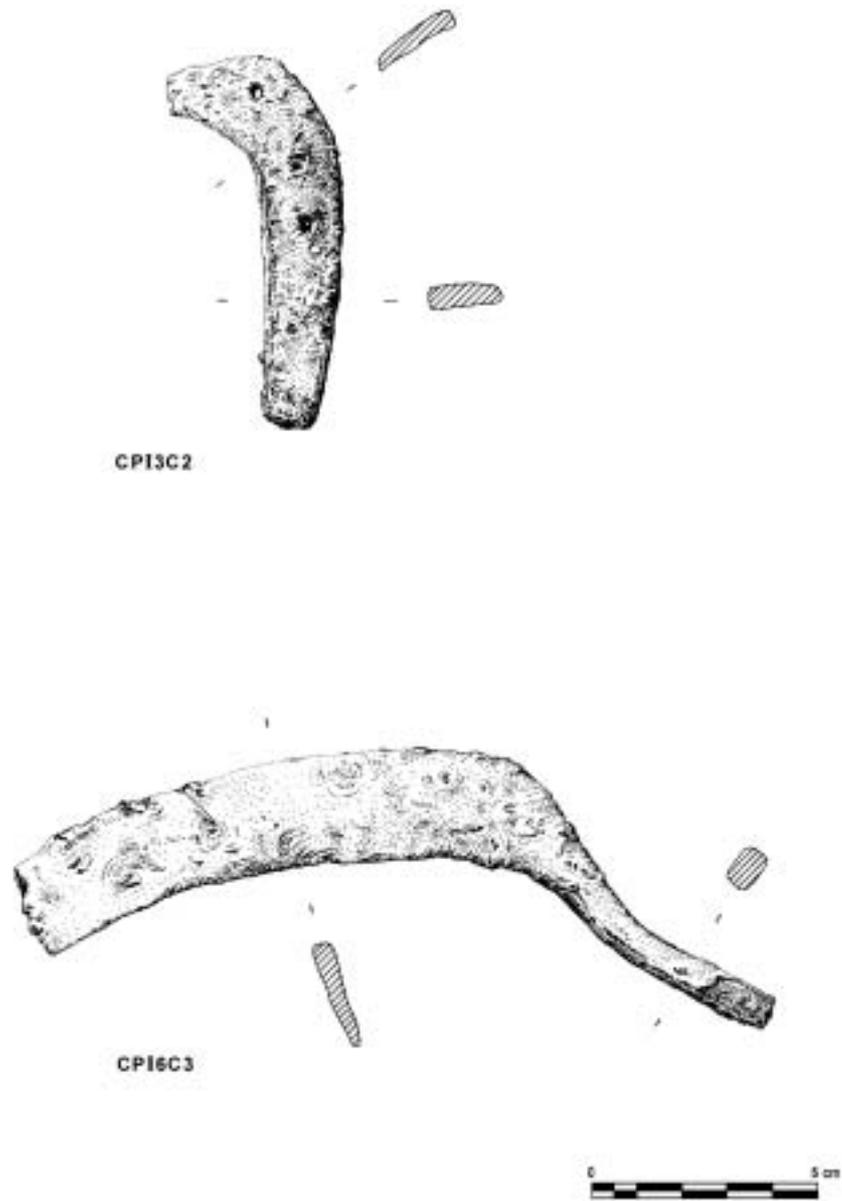


Fig. 29 Espólio metálico (ferradura e foice).

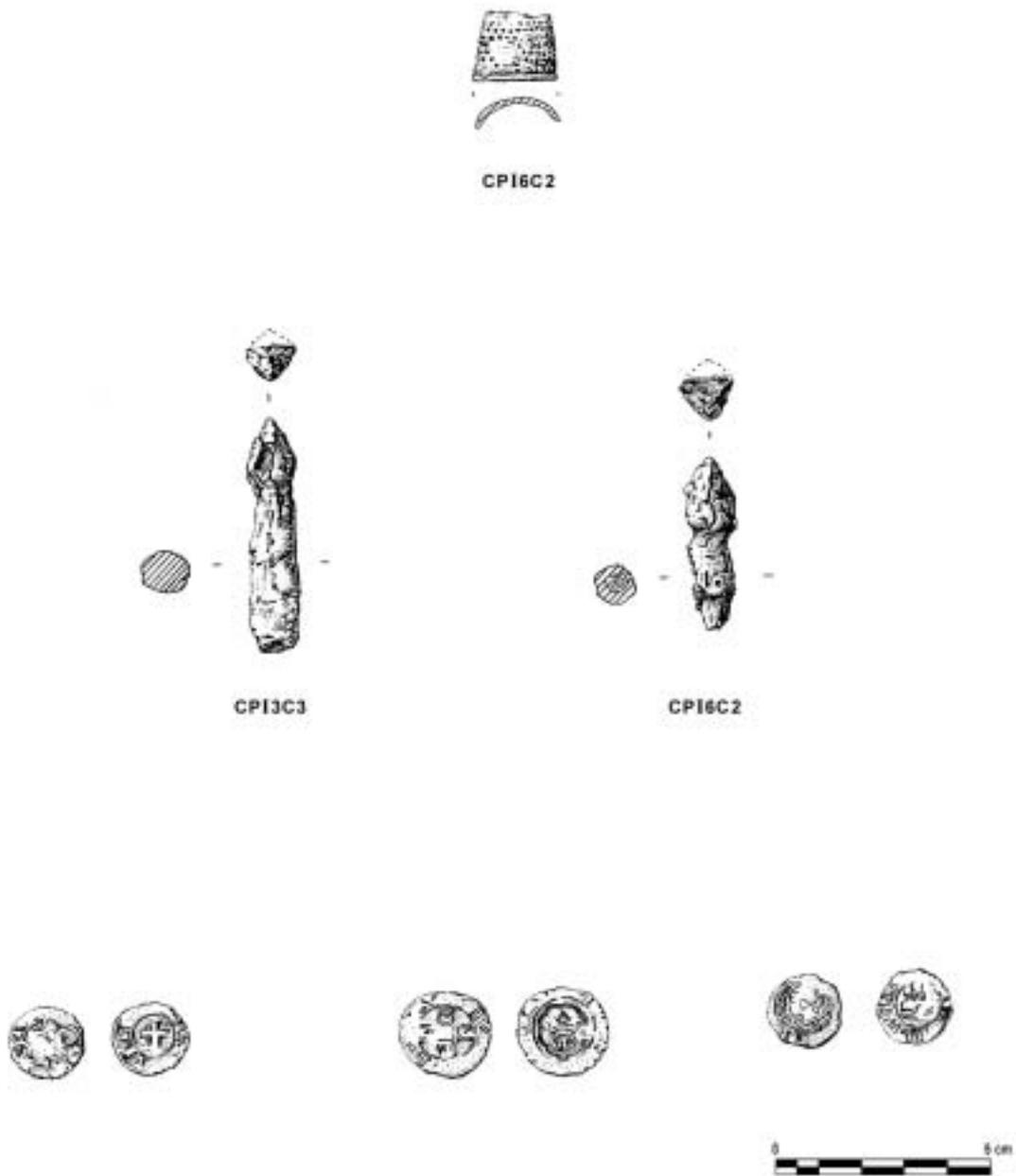


Fig. 30 Espólio metálico (dedal e pontas de virote de besta) e numismático (dinheiro, ceitel de D. Duarte e ceitel de D. Manuel I).

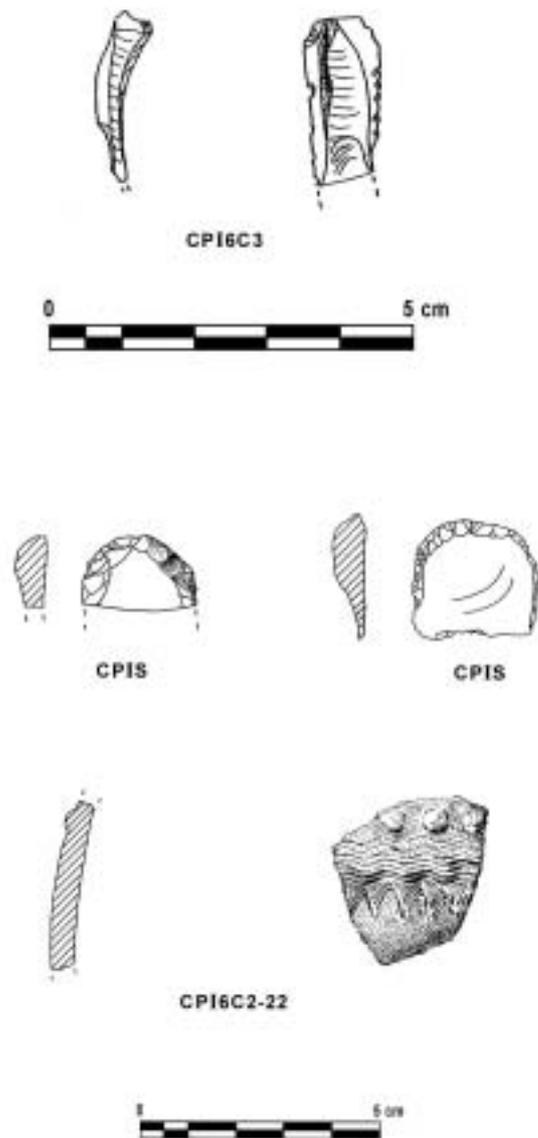


Fig. 31 Lamela, raspadeiras e cerâmica decorada com mamilos e a pente.

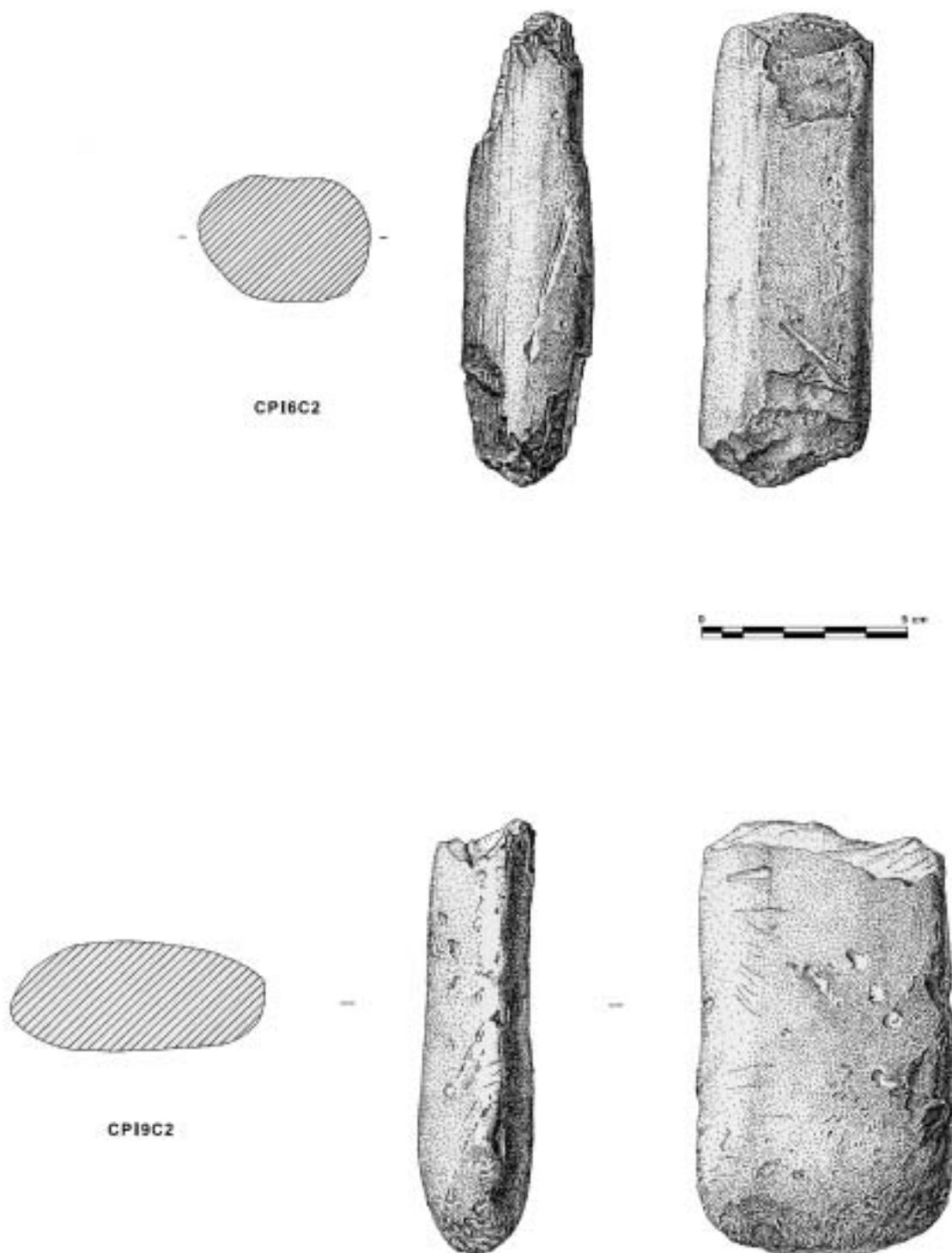


Fig. 32 Percutores.

NOTAS

- * ARQUEONOVA – Associação de Arqueologia e Defesa do Património
- ** Museu Municipal de Almada
- ¹ Destaque-se a colaboração prestada, a vários níveis, pela Dr.^a Vera Venâncio, historiadora da arte do gabinete técnico local. Igualmente é devida uma palavra a todos os que, a tempo parcial, ajudaram a concretizar esta campanha, nomeadamente onze estudantes do ensino básico e secundário, praticamente todos de Penamacor, e outros jovens do concelho. Foram eles João Gaspar, Tiago Cruchinho, João Domingues, Anabela Campos, Paula Carina, Filipa Martins, Inês Crucho, Bruno Almeida, André Velez, Nuno Amaral, Pedro Rios, Sandra Correia, Sofia Correia, Liliana Correia, Susana Crucho, Ângela Gonçalves e Joaquim Canilho. Contou-se com o auxílio de três trabalhadores camarários, José Domingues, José Manuel Nabais e António Afonso. Merece especial destaque a colaboração próxima, durante toda a intervenção, de Gorete de Brito, professora local do ensino básico.
- ² Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, doc. 3170/II, armário 2^A, prateleira 27, pasta 39.
- ³ Planta das antigas fortificações da vila de Penamacor, elaborada em 1853, pelo capitão engenheiro Joaquim António Dias. Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, doc. 3170/I, armário 2^A, prateleira 27, pasta 39.
- ⁴ Os códigos de cor apresentados são aproximados e referem-se aos *Munsell Soil Color Charts*.
- ⁵ A marcação do material cerâmico foi feita segundo os seguintes elementos identificativos: arqueossítio (CP); sector do castelo intervenção, tendo-se neste caso conveniado designar o Largo do Castelo por um número romano (I); quadrado escavado (um algarismo árabe); camada artificial (um algarismo árabe precedido da letra C); número de inventário (dois algarismos precedidos de traço separador).

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, F. J. S.; RODRIGUES, P. J. P.; GARCIA, C.; ALELUIA, M. (1998) - A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV *Ria de Aveiro A e da zona Ria de Aveiro B*. Aproximação tipológica preliminar. In *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal, p. 185-210.
- AMARAL, C. M. A. do (s.d.) - *Catálogo descritivo das moedas portuguesas*, vol. I. Lisboa: Museu Numismático Português.
- ARMAS, D. de (1997²) - *Livro das fortalezas*, ed. Manuel da Silva Castelo Branco. Lisboa: A.N.T.T. / Edições Inapa.
- BARREIRA, P.; DÓRDIO, P.; TEIXEIRA, R. (1998) - 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII. In *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal, p. 145-184.
- BARROCA, M. J. (2000) - Aspectos da evolução da arquitectura militar da Beira Interior. In *Beira Interior: história e património*. Guarda, p. 215-238.
- BARROCA, M. J.; MONTEIRO, J. G. (2000) - *Pera Guerreirar: Armamento medieval no espaço português*. Palmela: Câmara Municipal.
- BARROS, L.; SANTO, P. E.; ANTUNES, L. P. (1994) - Rua da Judiaria (Almada): notícia preliminar. *Bracara Augusta*. Braga. 45:97:110, p. 201-214.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (1991) - Alguns tipos de cerâmica dos sécs. XI a XVI encontrados em Cascais. In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo ocidental*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 575-585.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (1999) - Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais. *Arqueologia Medieval*. Mértola. 6, p. 193-212.
- DIAS, J. J. A. (1998) - A Beira Interior em 1496 (Sociedade, Administração e Demografia). In *Ensaio de História Moderna*. Lisboa: Presença, p. 11-102.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1998) - Intervenção arqueológica na Rua João Outeiro, n.º 36/44, na Mouraria, em Lisboa. In *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal, p. 257-265.
- FERNANDES, I. C. F.; CARVALHO, A. R. (1997a) - Intervenção arqueológica na Rua de Nenhores (Área Urbana de Palmela). *Setúbal Arqueológica (I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste. Homenagem a Georges Zbyszewski)*. Setúbal. 11-12, p. 279-295.
- FERNANDES, I. C. F.; CARVALHO, A. R. (1997b) - Abordagem arqueológica da Palmela medieval cristã. *Arqueologia Medieval*. Mértola. 5, p. 221-241.
- FERNANDES, I. C. F.; CARVALHO, A. R. (1998) - Conjuntos cerâmicos pós-medievais de Palmela. In *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal, p. 211-255.
- FERREIRA, M. M. N. (1998) - As cerâmicas medievais/modernas do Abrigo da Pena d'Água (Torres Novas). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 97-106.
- GOMES, R. C. (1996) - *Castelos da Raia*, vol. I (Beira). Lisboa: IPPAR, p. 94-97.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; CORREIA, J. R.; SERPA, F. (1991) - Escavações na primitiva igreja de Nossa Senhora da Orada, Reguengos de Monsaraz (notícia preliminar)". In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas. Investigação e Defesa do Património*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 415-423.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1991) - Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV, XV e XVI, do poço-cisterna de Silves. In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 457-490.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; CARDOSO, J. L. (1996) - Aspectos do quotidiano numa casa de Silves, durante o século XV. In *Xelb 3*. Silves: Câmara Municipal de Silves/Museu Municipal de Arqueologia, p. 33-78.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1996) - Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV a XVI, do poço-cisterna de Silves. In *Xelb 3*. Silves: Câmara Municipal de Silves/Museu Municipal de Arqueologia, p. 143-206.

- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1998) - Cerâmicas, dos séculos XV a XVII, da Praça Cristóvão Colombo no Funchal. In *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal, p. 315-348.
- GUILLAUMET, J.-P. (2003) - *Paléomanufacture métallique: méthode d'étude*. Gollion: Collection Vestigia / Infolio Éditions.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, J.; BENEITEZ GONZÁLEZ, C. (1997) - Aportaciones al repertorio cerámico bajomedieval castellano-leonés: las producciones de Valencia de D. Juan. In *La céramique médiévale en Méditerranée. Actes du VI Congrès de l'AIIECM*. Aix-en-Provence: Narration Éditions, p. 539-548.
- HUARTE CAMBRA, R.; SOMÉ MUÑOZ, P. (1999) - Últimas aportaciones de las recientes investigaciones arqueológicas al mudéjarismo sevillano. In *Actas del V Congreso de Arqueología Medieval Española*, vol. II. Valladolid: Junta de Castilla y León, p. 913-921.
- HUARTE CAMBRA, R.; LAFUENTE IBAÑEZ, P.; SOMÉ MUÑOZ, P. (1999) - Cerâmicas bajomedievais del Cuartel del Carmen (Sevilla). *Arqueología Medieval*. Mértola. 6, p. 149-159.
- LANDEIRO, J. M. (1995⁴) - *O Concelho de Penamacor na História, na Tradição e na Lenda*. Penamacor: Câmara Municipal.
- LOPES, G. A. S. G. (1998) - Cerâmicas dos séculos XVII e XVIII de Vialonga. *Ibn Maruán*. Marvão. 8, p. 325-346.
- LÓPEZ PLAZA, S. (1979) - Aportación al conocimiento de los poblados eneolíticos del SO de la Meseta Norte española: la cerámica. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5, p. 67-102.
- LÓPEZ PLAZA, S. (1994) - El Alto del Quemado, poblado calcolítico fortificado en el SO de la Meseta Norte española. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, p. 201-214.
- MARQUES, A. H. de O.; DIAS, J. J. A. (2003) - *Atlas Histórico de Portugal e do Ultramar Português*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos.
- MARTÍNEZ CAVIRÓ, B. (1991) - *Cerâmica hispanomusulmana: andalusí y mudéjar*. Madrid: Ediciones El Viso.
- MARTINS, C. M. B. (2002) - A cronologia dos «Passadores em T» e um conjunto cerâmico dos sécs. XV/XVI (Escarigo, Figueira de Castelo Rodrigo). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. IV série. 19, p. 247-258.
- MATESANZ VERA, P.; SÁNCHEZ HERNÁNDEZ, C. (2001) - Intervención arqueológica en el convento de San Vicente Ferrer de Plasencia (Cáceres): cerâmicas de los Siglos XIII a XV. In *Carb. Sitios Islámicos do Sul Peninsular*. Lisboa / Mérida: IPPAR / Junta de Extremadura, p. 282-309.
- MATTOSO, J. (s.d.) - *História de Portugal*, vol. II, *A Monarquia Feudal (1096-1480)*. Lisboa: Editorial Estampa.
- MENDES, H.; PIMENTA, J.; VALONGO, A. (2002) - Cerâmicas medievais provenientes da escavação da Travessa da Lameira n.º 21: Centro Histórico de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 259-276.
- MONTEIRO, J. G. (1999) - *Os castelos portugueses dos finais da Idade Média. Presença, perfil, conservação, vigilância e comando*. Lisboa: Edições Colibri/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- NAVARRO PALAZÓN, J.; ROBLES FERNÁNDEZ, A. (1996) - *Liétor: formas de vida rurales en Sarq al-Andalus através de una ocultación de los siglos X-XI*. Murcia: Centro de Estudios Árabes y Arqueológicos "Ibn Arabi" / Ayuntamiento de Murcia.
- NUNES, A. L. P. (1991) - *Dicionário temático de arquitectura militar e arte de fortificar*. Lisboa: Estado-Maior do Exército/Direção do Serviço Histórico Militar.
- PINTO, M. P.; FERREIRA, M. M. (2001) - Os materiais datantes da Ermida do Mártir Santo (Vila Franca de Xira). *Era-arqueologia*. Lisboa. 3, p. 74-87.
- PONTE, S. da (1987) - Artefactos de São Cucufate. *Conimbriga*. Coimbra. 26, p. 133-65.
- ROSSA, W. (1995) - A cidade portuguesa. In PEREIRA, P., ed. - *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Círculo dos Leitores, vol. III, p. 233-329.
- RUEDA, M.; LÓPEZ, P. (1997) - Cerâmica mudéjar sevillana. In *La céramique médiévale en Méditerranée. Actes du VI Congrès de l'AIIECM*. Aix-en-Provence: Narration Éditions, p. 555-558.
- SABROSA, A. (1994) - Cerâmicas quinhentistas do Palácio Pragana. *Al-madan*. Almada. Série II. 3, p. 41-43.
- SABROSA, A.; ESPÍRITO SANTO, P. (1992) - Almada medieval/moderna: um projecto de investigação. *Al-madan*. Almada. Série II. 1, p. 6-7.
- SÁNCHEZ-PACHECO, T. (1996) - *Cerâmica espanhola dos Árabes a Miró nas colecções do Museu de Cerâmica de Barcelona*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo.
- SÁNCHEZ-PACHECO, T. (1997) - *Cerâmica española*. In *Summa Artis. Historia General del Arte*. Madrid. XLII.
- SILVA, M. D. O. da (2002) - Metalurgia no povoado fortificado alto-medieval do Sabugal Velho (Sabugal, Guarda). In FERNANDES, I. C. F., ed. - *Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magrebe (500-1500): Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*. Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela, p. 791-94.
- SILVA, R. B. da; GUINOTE, P. (1998) - *O quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos. Roteiro arqueológico e documental dos espaços e objectos*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- SILVÉRIO, S.; BARROS, L. de; TEIXEIRA, A. (no prelo) - Dois níveis arqueológicos medievais cristãos no castelo de Castelo Novo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4ª série. 22.
- SOARES, A. M. (1992) - O povoado calcolítico dos Três Moinhos (Baleizão, Concelho de Beja): Notícia preliminar. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 291-314.
- TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J.; SILVÉRIO, S. (2003) - Arqueonova: trabalhos arqueológicos. *Al-madan*. Almada. Série II. 12, p. 174-176.
- VALERA, A. C. (1993) - A ocupação calcolítica da "Sala 20" do Buraco da Moura de São Romão. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 1, p. 37-53.
- VALERA, A. C. (1994) - Pré-História recente no concelho de Fornos de Algodres (Guarda): resultados das escavações e prospecções de 1992/93. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, p. 145-172.
- VALERA, A. C. (1999) - O habitat pré-histórico de Linhares (Santa Comba Dão, Viseu). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 5, p. 51-62.